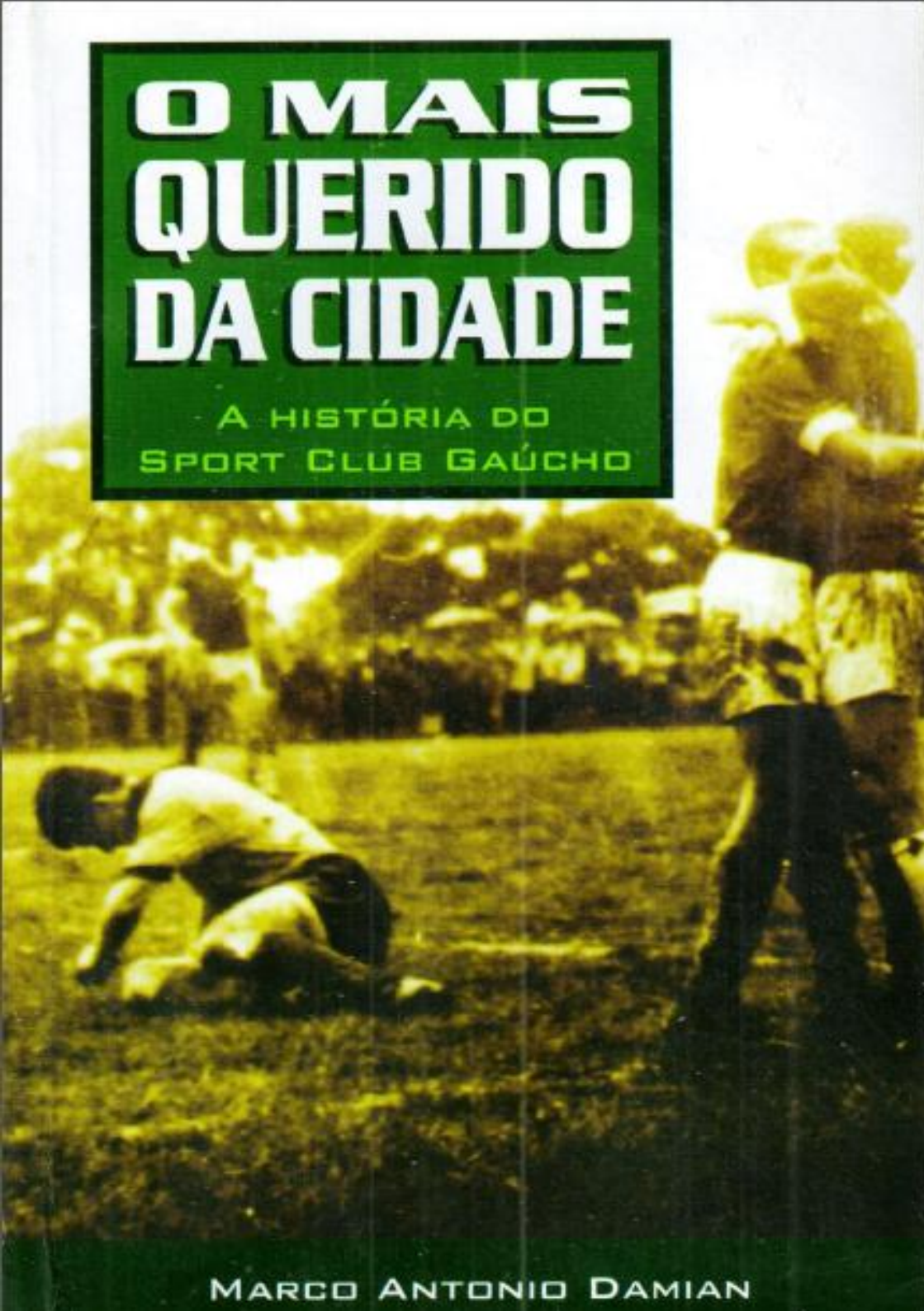


# O MAIS QUERIDO DA CIDADE

A HISTÓRIA DO  
SPORT CLUB GAÚCHO



MARCO ANTONIO DAMIAN



Marco Antonio Damian

## **O Mais Querido da Cidade**

A História do Sport Club Gaúcho



Passo Fundo  
2012



Marco Antonio Damian

# **O Mais Querido da Cidade**

A História do Sport Club Gaúcho

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2012

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [zanette@zanette.com.br](mailto:zanette@zanette.com.br)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença **[Creative Commons Atribuição-Compartilha 3,0 Nao Adaptada](#)**.

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado pelo Autor em: 07/04/2012

D158m Damian, Marco Antonio

O mais querido da cidade [recurso eletrônico] : a história do Sport Club Gaúcho / Marco Antonio Damian. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2012.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-64997-47-9

Modo de acesso: World Wide Web: <<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Futebol – Passo Fundo (RS). 2. Clubes de futebol – História. 3. Sport Club Gaúcho. I. Título.

CDU: 796.33(816.5)

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Dedico este livro aos meus filhos Guilherme e Mateus, a minha mãe Olga, ao meu amigo e compadre, Vereador Paulo Roberto Neckle, ao meu irmão Heleno, o revisor desta obra e a toda nação alvi-verde.

Agradeço a todas as pessoas que de alguma forma ajudaram na realização deste livro, especialmente aos entrevistados, e aos que emprestaram fotografias de seus arquivos, enriquecendo o conteúdo da obra.





## **APRESENTAÇÃO**

Quem não sente saudade dos velhos tempos do Sport Clube Gaúcho de Passo Fundo? Da tradicional camisa alvi- verde? Do Estádio da Montanha, lotado, em dia de grande jogo? Do clássico Ga-Quá, capaz de mobilizar a cidade inteira? Dos craques? Do ambiente descontraído da copa? Da turma do alambrado, intimidando a arbitragem, empurrando o time para o ataque? Das personagens folclóricas, como a Tia Vicentina, o Adão Bocó, o Paulista, gente disposta a qualquer sacrifício pelo clube? Daquele frio de rachar, no Boqueirão?

O torcedor do Gaúcho é, antes de tudo, um apaixonado, diria o Mestre Euclides. Essa paixão histórica, desenvolvida há mais de 80 anos, certamente manterá o Gaúcho vivo, enquanto houver futebol.

Contudo a ação do tempo, o descaso e a insensibilidade de alguns, já destruíram boa parte da história do alvi- verde. Daí a razão desta obra.

As fontes de pesquisa, além de uma documentação escassa, restringem-se às coleções dos jornais O Nacional e Diário da Manhã e as pessoas envolvidas de alguma forma com a história do clube, na maioria ex- jogadores.

Esta obra procura mostrar como foi fundado o Gaúcho, as vitórias, as alegrias, as frustrações, as dificuldades, a abnegação das pessoas que amaram o futebol em geral e o Gaúcho em particular. Enfim o passado e o futuro do clube mais querido da cidade. Quem foram às pessoas que presidiram o alvi-verde, os torcedores, os jogadores, os times do Gaúcho, desde sua fundação, até o último ano como clube de futebol profissional. E, ainda um capítulo especial em homenagem ao maior goleador da história do clube, o jogador que associou seu nome ao nome do Gaúcho, Bebeto, o “canhão da serra”. Quantos gols e contra quem Bebeto marcou, vestindo a mística camiseta alvi- verde.

O Autor



## **SUMÁRIO**

APRESENTAÇÃO .....	9
SUMÁRIO .....	11
NASCE UMA PAIXÃO E AS PRIMEIRAS CONQUISTAS .....	13
A REORGANIZAÇÃO E A CAMPANHA DE 39 .....	19
UM CICLO DE RÉVESES .....	25
VOLTAM AS VITÓRIAS .....	28
A CONSTRUÇÃO DO ESTÁDIO E O FIM DO AMADORISMO ....	33
AS SEMENTES DAS CONQUISTAS .....	38
OS ANOS DOURADOS .....	45
CRISES E GRANDES TIMES .....	61
COMEÇA O DECLÍNEO .....	72
A LUTA PARA VOLTAR A DIVISÃO ESPECIAL .....	76
A FUSÃO QUE NÃO DEU CERTO E O FIM DO FUTEBOL .....	82
O FUTURO DO GAÚCHO .....	85
TODOS OS PRESIDENTES DO GAÚCHO .....	88
TODOS OS TIMES DO GAÚCHO .....	91
BEBETO, O CANHÃO DA SERRA .....	98
FONTES DE CONSULTA .....	113
PESQUISAS .....	113



## **NASCE UMA PAIXÃO E AS PRIMEIRAS CONQUISTAS**

Na pacata Passo Fundo dos anos 10, o futebol era pouco praticado. Não havia clubes. Apenas, em 1913, surgiu o Futebol Clube de Passo Fundo, de curta duração. Na época, algumas cidades do Estado, como Porto alegre, Pelotas, Bagé, Rio Grande e Livramento, já contavam com um futebol mais evoluído.

O material esportivo, por ser raro, era também muito caro. A bola, chamada de tento, era feita com couro de porco, inflada com câmara de borracha e costurada com barbante de algodão. O tento (costura) em pouco virava um calombo e machucava quem a cabeceasse.

Uma das poucas bolas existentes na cidade, pertencia ao jovem desportista Amadeo De Felippo, residente no Boqueirão. Ocorria, porém, que Amadeo, desde jovem, trabalhava na barbearia de seu pai, e quase não tinha tempo para jogar. Era comum, em meio ao jogo, Amadeo ser chamado aos berros de volta à barbearia, colocar a bola em baixo do braço e frustrar a euforia de seus amigos. Esse fato aconteceu tantas vezes que o restante da turma resolveu organizar-se. Deliberaram, não só comprar uma bola, como também criar um clube de futebol, com sede, estatutos, sócios, campo e todo o material esportivo.

No dia 12 de maio de 1918, no varandão da famosa Casa Barão, onde moravam Augusto Schell Loureiro e Dona Carlota Bordallo Rico, seus filhos, Alfredo e Gil Rico Loureiro, mias Victor Loureiro Issler (posteriormente Deputado Federal), Antônio Junqueira da Rocha, João Colavin, Aníbal Colavin e Antônio Pimpão Loureiro, fundaram o Sport Club Gaúcho. O nome foi sugerido por Gil Loureiro, que afirmou:

-Gaúcho, pois somos gaúchos, povo guerreiro, determinado, batalhador e forte, e o nosso clube, além do nome, terá alma gaúcha.

Aparteando seu irmão, Alfredo recomendou as cores verde e branco.

A primeira diretoria tinha como presidente o coronel Lauro Xavier de Castro, vice presidente, Antônio Junqueira da Rocha, secretário, Alfredo Rico Loureiro, primeiro tesoureiro, Antônio Pimpão Loureiro e segundo tesoureiro, Victor Loureiro Issler. A bola foi adquirida na Ourivesaria Aliança e custou oito mil e quinhentos réis. As camisetas, em listras verticais verde e branca, eram confeccionadas pelas mãos hábeis de Dona Carlota Bordallo rico.

O campo de jogo ficava exatamente onde hoje está o estádio Wolmar Salton e sua sede social. O terreno irregular foi aplainado à base

da pata de cavalo e tinha uma grama muito ruim, de tabatinga, mas foi a melhor que se conseguiu, ainda mais que a família Estivallet, proprietária, permitiu a marcação do campo sem nada cobrar. O local ficou conhecido, por longos anos, como “concha do Gaúcho”, mesmo depois do clube ter saído de lá.

Entre os muitos integrantes da nova agremiação, formaram-se, como se dizia na época “o primeiro e segundo quadros”. O primeiro alinhava-se com De Fellipo, Souza e Avancini; Égers, Pimpão e Moisés, Valter, Paco, Deoclécio, Porto Alegre e Perez.

Concomitantemente, na cidade, surgiu o Grêmio Esportivo, time que usava camisetas brancas e uma estrela solitária como distintivo, que passou a ser o rival do alvi- verde, até 1921, quando foi fundado o Grêmio Esportivo 14 de julho, time da aristocracia passo-fundense. Foi então que Alfredo Loureiro bradou, do alto do Boqueirão.

-Dos trilhos para lá, não queremos ninguém no Gaúcho.

Os trilhos se estendiam ao longo da hoje Avenida Sete de Setembro, e “para lá”, significava o centro da cidade para baixo, hoje em direção ao bairro Petrópolis. Ali começou a feroz rivalidade entre verdes e vermelhos.

O primeiro clássico Gaúcho x 14 de Julho, que se tem notícia, realizou-se em junho de 1922. O jornal “A Época”, informou ser a primeira partida da temporada, foi jogada no “ground” do Gaúcho, e arbitrada pelo “sportman” Olavo Hann, do Ruy Barbosa, time de Porto alegre. O Gaúcho saiu perdendo por 1 x 0, gol marcado por Mundica. O 14 ampliou, para Amadeo descontar ainda no primeiro tempo. Paco, ex-Gaúcho, agora defendendo o rival, fez 3 x 1, e quando faltavam 17 minutos para o encerramento do jogo, Deoclécio marcou o segundo gol alvi-verde. Conforme o jornal, o zagueiro Brazil, irmão de Brasileiro, do 14 de Julho, foi o herói da partida, rebatendo do risco fatal, dois gols do Gaúcho.

O período revolucionário, iniciado em 1923, chamada de Libertadora, e que durou um ano, ajudou a arrefecer o entusiasmo pelo futebol. O próprio campeonato gaúcho, que era disputado desde 1919, ficou paralisado em 23 e 24, em razão dos conflitos. Poucos jogos foram disputados também em Passo Fundo.

Juntamente com Nicolau Araújo vergueiro, dono do cartório da cidade, desembarcou na Gare da Viação Férrea, em 1923, um jovem alto e forte, para trabalhar como escriturário. Era Honorino Malheiros, ex-zagueiro do Internacional e do Botafogo do Rio de Janeiro, e que foi além de jogador, um dos maiores nomes da história do Gaúcho.

Em 1925, o futebol passo-fundense melhorou muito, o nível técnico. O Gaúcho, por exemplo, contava com quatro grandes jogadores, que marcaram época em sua história. Alfredo Delveaux, que chegou em Passo Fundo no começo da década de 20, jogava excepcionalmente como centro-médio. Na organização tática de então, o centro-médio era o organizador das jogadas, o cérebro do time. Alfredo havia jogado no Vasco da Gama e no Fluminense do Rio de Janeiro. Era o chamado capitão-mor da equipe. Brasileiro Trindade, ex- 14 de Julho, era um atacante veloz, com um chute potente, fez muitos gols pelo Gaúcho. Júlio Culmann, chamado “Menino de Ouro”, pelos torcedores, e adorado pelas Legendárias Gaúchas, torcida feminina. Era um ponteiro esquerdo habilidoso, driblador e artilheiro. O quarto grande jogador era Javel Morais Silveira, o primeiro craque de Passo Fundo a atuar em grandes clubes. Jogou e foi campeão no Grêmio Portoalegrense, em 1930, no Internacional, quando marcou os três gols da vitória colorada no Gre-Nal de inauguração do estádio Chácara dos eucaliptos, em cima do lendário goleiro Eurico Lara, e também antes de encerrar a carreira no São José, vestiu a camiseta do Santos. Era um jogador fora de série para os padrões da época.

O primeiro grande time do Gaúcho era formado por Marques I, Maruques II e Honorino; Jango, Alfredo Delveaux e Ernesto Delveaux; Heitor. Javel, Brasileiro, Centeno e Júlio Culmann. Entretanto, seu inimigo mortal, o 14 de Julho, com duas vitórias, 2 x 0 e 2 x 1, sagrou-se campeão da cidade.

No mês de julho de 1926, o futebol Clube Porto alegre, foi o primeiro clube da capital a jogar em Passo Fundo. Realizou dois amistosos, o primeiro contra o Gaúcho, numa sexta feira, dia 23/06 e depois contra o 14. Perdeu ambos, mas foi um acontecimento na cidade, inclusive com sessão cinematográfica no cinema Coliseu, aos visitantes. Com o Porto alegre, veio o “half-esquerdo”, Mário Garagory, de apelido Zica, que passou a jogar no Gaúcho, no ano seguinte. Foi um dos maiores ídolos da história periquita na fase do amadorismo.

Pela primeira vez, o campeonato citadino, organizado pela Associação Passo-fundense de Futebol, teria “torneio inicio”. Além de Gaúcho e 14, disputava o Riograndense, fundado pelos ferroviários, em 1925. O problema foi que ninguém entendeu direito o regulamento. Eram jogados 15 minutos para cada lado e, no caso de empate, quem conseguisse mais escanteios ganhava a partida. No dia seguinte, encontram-se na Avenida Brasil, os amigos Jacinto Gomes e Archimiro Miranda, que lhe pergunta:

-Quem ganhou?

-Dizem que foi o Riograndesense, mas acho que por metáforas, pois não vi gol.

-Então quem perdeu?

-Isso eu sei bem. Fui eu, que apostei 3 mil réis no Gaúcho.

O citadino de 1926, foi sensacional. O primeiro clássico disputado em 15 de agosto, foi vencido pelo 14 de julho, por 3 x 2. Foi um jogo tumultuado. O árbitro Jorge Lobo, de Santa Maria, abandonou o campo de jogo logo após o segundo gol do 14, alegando forte pressão por parte do Gaúcho, que pedia marcação de impedimento no lance. Mauricio Lângaro, que assistia a partida, assumiu a partida, assumiu o apito até o final. Bastava o empate para os rubros na segunda contenda. O alvi-verde, jogando melhor, venceu por 3 x 1, gols marcados por Javel e Culmann (2). O segundo gol da partida marcado por Javel, diz-se foi uma pintura. Pegou um rebote de sem-pulo, de fora da área, mandando a bola no ângulo. Os torcedores invadiram o campo, carregando o jogador nos braços. O terceiro e decisivo jogo, foi no campo do 14, na Vergueiro. O Gaúcho pela primeira vez adotou a concentração. “Foi invernar prás bandas do campo do Meio”, como frisou o jornal O Nacional. Foram 2 dias de descanso fora do clima da decisão. Quando o árbitro Carmelo Coutinho apitou o final da partida, a vitória coube ao Gaúcho, por 4 x 1, gols de Alfredo, Paulo e Javel (2). A primeira grande conquista da nação alvi-verde foi muito festejada na cidade, tremulando suas bandeiras, na maior algazarra. Pela noite, o baile iniciado no campo, passou para o salão do Hotel Internacional, na Avenida Brasil com a sete de Setembro. O Gaúcho era, pela primeira vez, o legítimo representante de Passo Fundo, na competição estadual. E não decepcionou. Na primeira partida venceu o Tabajara, campeão de Erechim, por 3 x 0, gols de Alfredo, Paulo e Brasileiro. Em seguida bateu o Guarany de Cruz Alta, por 2 x 1, sagrando-se campeão serrano. Essa partida teve a presença do Presidente da Federação Cícero Soares, e da forte emoção. O Guarany vencia a partida por 1 x 0, até os 41 minutos do segundo tempo. Javel, sempre ele, empatou de forma espetacular, driblando toda a defesa adversária, e um minuto mais tarde, Brasileiro, aproveitando outra jogada de Javel, desempatou, para incredulidade dos jogadores, dirigentes e torcedores cruz-altenses.

Na sequência da competição, o Gaúcho seguiu até a cidade de Cachoeira do Sul, enfrentar também Guarany. Ao chegar no campo de jogo, que mais parecia um campo de guerra, os passo-fundenses sentiram que algo errado viria pela frente. Uma terrível pressão aos seus jogadores



e à arbitragem. O árbitro designado pela Federação, senhor Fontes, recusou-se a apitar, alegando não haverem condições de segurança para a realização da partida. O fiscal da Federação, sentiu-se mal, afastando-se do jogo. A liga Cachoeirense, então, indicou um árbitro local, Honorino Ribeiro, que foi, segundo os jornais, parcial e de uma atuação desastrosa. Anulou 2 gols e deixou de dar 2 pênaltis claros para o Gaúcho, que era treinado por Amadeo Cortazzo. Os jogadores alvi-verdes foram agredidos e insultados durante todo o jogo. Para ter-se uma ideia da situação, uma goleira era menor que a outra. No segundo tempo, contra a goleira menor, o Gaúcho mandou cinco bolas na trave. Resultado final, Guarany 3 x 2 . O Gaúcho protestou junto a Federação, solicitando anulação do jogo, mas de nada adiantou. O resultado de campo foi mantido.

O 14 de Julho desfilou-se da Associação Passo-fundense de Futebol, em 1927, após desentendimentos com a diretoria da entidade, razão pela qual o Gaúcho foi declarado bi-campeão cidadão, sem jogar. Pelo estadual, o Gaúcho bateu facilmente o Ítalo-Brasileiro, de Erechim por 7 x 1, gols de Brasileiro (2), Rosseli (2), Culmann (2) e Javel. Depois, jogando em casa, venceu o Guarany, campeão de Cruz Alta, por 3 x 1, todos os gols marcados por Brasileiro, e agora era bi-campeão serrano. Jogando em Santa Maria contra o Riograndense, o Gaúcho foi derrotado, enterrando as chances de chegar às semi-finais do campeonato estadual.

No ano seguinte, a maior consagração do Gaúcho em sua história, na era do amadorismo. Como o 14 de Julho continuava brigando com a Associação, o Gaúcho foi aclamado tri-campeão da cidade, e representava mais uma vez Passo Fundo, no estadual. Foi no mês de setembro de 1928, que a delegação alvi-verde saiu da Gare da Viação Férrea rumo a Cruz Alta. A viagem durou boa parte do sábado e, no domingo, o periquito conseguiu um empate em dois gols contra o Arranco Futebol Clube. Em razão da noite ter caído rapidamente, a prorrogação ficou para a segunda feira, quando o Gaúcho marcando mais duas vezes acabou derrotando seu valoroso adversário. No dia seguinte, seguiu viagem para Santa Maria e, na quinta feira, vingou a derrota de 1927, contra o Riograndense. Na madrugada de sexta feira, a maratona prosseguiu, e, no mesmo dia, o compromisso era contra o Nacional de São Leopoldo. Cansados e abatidos, os jogadores do Gaúcho penaram até o final do jogo, quando perdiam por 1 x 0. Nos últimos 5 minutos de partida o extraordinário Javel marcou duas vezes, dando a vitória aos paaso-fundenses. No domingo, em Porto Alegre, contra o terrível Americano, campeão da Capital. O time Americano era muito bom. O goleiro era Alegrette, elástico e de grande firmeza. A zaga tinha Heitor e Luiz Luz, apelido de “Fantasma da Área”, o

primeiro gaúcho a disputar uma copa do mundo, em 1934, na Itália. Luiz Luz, jogou no Grêmio e Fluminense. Os médios eram Maleri, Barulho e Delorenzi, e o ataque composto por Fernando, Totte, Hugo, Joãozinho e Vitor Hugo. O Gaúcho tinha apenas um fardamento e, em razão das partidas seguidas, estava todo sujo. Assim entrou em campo com Mendes, Lili e Elpidio; Alcides, Nei e Zica, Javel, Alfredo, Brasileiro, Chagas e Culmann. No primeiro tempo, o alvi-verde mandou no jogo, com Javel fazendo a diferença, marcando os 3 gols dos 3 x 0, que o Gaúcho impôs ao adversário. No segundo tempo a pressão do Americano foi enorme e os jogadores passo-fundenses, extenuados, não resistiram e perderam de 4 x 3. Na partida final o Americano jogando sempre em casa, venceu o Grêmio de Bagé, por 3 x 0. O Gaúcho, por sua vez, ficou na terceira colocação no campeonato estadual de 1928. Na volta, mais de 1000 pessoas o pátio da Gare para recepcionar seus heróis, numa festa mais do que merecida.

A crise econômica de 1929, atingiu em cheio o Brasil, que também estava em ebulição política, culminando com a Revolução de 30. A produção pastoril, base da economia gaúcha, foi duramente atingida pela recessão. Empresas de Passo Fundo tiveram falência decretadas. O futebol, “a coisa mais importante entre as menos importantes” levou um golpe duríssimo. O Gaúcho tentou organizar time, mas sucumbiu ante as dificuldades financeiras e simplesmente fechou suas portas encerrando todas as suas atividades.

## **A REORGANIZAÇÃO E A CAMPANHA DE 39**

A falta de futebol era um dos maiores lamentos dos passofundenses, em 1937. Desde o ano anterior, falava-se muito na volta do Gaúcho e do 14 de Julho (fechado, desde 1931). Afinal o alvi-verde estava afastado há quase 9 anos. Após o desaparecimento dos 2 grandes clubes, a cidade não mais se interessou pelo futebol. Os times existentes, dos militares (Cruzeiro da Brigada) e dos ferroviários ( Riograndense, que havia voltado, em 1935), fora de seus respectivos ambientes não conseguiram despertar a atenção da população para o futebol.

Velhos torcedores preconizavam que o reerguimento de um seria o lenitivo para a volta do outro. Ninguém concebia o verde sem o vermelho ou vice-versa. Boataria que grupos de simpatizantes das duas agremiações reuniam-se para organizar a volta do futebol, era assunto em todas as rodas, nos cafés, nas praças. O jornal O Nacional noticiou que os quatorzeanos procuraram os esmeraldinos, propondo uma fusão entre os clubes arregimentando forças para a volta de um futebol mais consolidado. Pessoas ligadas ao Gaúcho foram veemente contrárias, dizendo:

-É preferível ver os dois clubes mortos do que juntos. Uma fusão tiraria o interesse pelo futebol no futuro.

Incrível, como 50 anos depois a mesma história se repetiria.

Na noite de 18 de julho de 1937, importantes nomes da nossa sociedade reuniram-se nas dependências da redação do jornal Diário da Manhã e deram a nova vida ao Sport Club Gaúcho. A diretoria ficou assim constituída: Presidente de Honra, Major Creso de Barros Monteiro; Presidente Honorário, Nicolau Araújo Vergueiro; Presidente, Frederico Graeff Filho; Vice- Presidente, Antonio Junqueira da Rocha; 1º Secretário, Daniel Dipp; 2º Secretário, Julio Heitor Valente; 1º Tesoureiro, Eduardo Durgante; 2º Tesoureiro, Ruy Vergueiro; Orador, Dr Mauro P. Machado; Diretor técnico, Honorino Malheiros; Guarda-esportes, Paulo Carneiro de Mattos; Enfermeiro- massagista, Germano Casagrande. Membros do conselho fiscal: Capitão Carmelo Baptista da Silva, Dr. Odalgiro Corrêa, Pedro Silveira Avancini, Lauro Lima e Pedro Climaco Ribeiro. Membros do conselho deliberativo: Dr. Antonio Bitencourt Azambuja, Dr. João Junqueira da rocha, Mário L. Braga, Aristóteles Lima, Brasilico Lima, Gustavo Kuchembecker, Walter Barbieux, Salatiel Sperry, Mário Garcia, Salvador De felippo, Sabastião Castilhos, Mário Goelzer, Juvenal Xavier, Alfredo Rico loureiro, Ivo Porto, Bráulio Estivalet, Amadeo De Felippo,

Jerônimo Marques Sobrinho, herminio Silveira, Floriano Rigon, Sabino Santos e Wolmar Antonio Salton.

A “cancha do Gaúcho” não servia mais às pretensões do clube, que queria alçar voos mais altos. O Gaúcho passou a treinar e jogar no campo defronte ao Quartel do Exército, hoje Estádio Fredolino Chimango. O local porém também não satisfazia, pois não era exclusivo do clube. Foi então que o presidente honorário, Nicolau Araújo Vergueiro cedeu, sem qualquer ônus, o terreno onde antes era o campo de futebol do 14 de Julho. Tinha um desnível e ficava no alto da Vila Vergueiro, situando-se, hoje entre as ruas Coronel Chicuta e General Neto. Passou-se então à construção do estádio. Este era cercado com tábuas e o gramado com para-peitos. Havia também uma pequena casa para o zelador e um pavilhão.

A inauguração do estádio da Montanha ou Estádio da Vergueiro foi numa bonita tarde de sol do dia 18 de julho de 1938, exatamente um ano após a reorganização do clube. Dos jogadores da década anterior, somente Zica e Brasileiro permaneciam. O restante do elenco estava renovado, destacando-se o zagueiro Armandinho e o centro-avante Nino Di Primio. O jogo inaugural foi contra o Cruzeiro da Brigada Militar que tinha um timão, e o imenso público que o assistiu, ficou maravilhado com as jogadas de habilidade e os muitos gols que aconteceram. Os times entraram em campo com as seguintes formações: O Gaúcho, com Lângaro, Josino Marques e Bijuca; Rosson, Batista e Célio Leite; Armandinho (jogando improvisado de ponta direita), Ruy, Nino, Brasileiro e Darcy Dias. O Cruzeiro, com Toró, Alfredo Rasga-Diabo e Ismar; Alberico, Alemão e Jerônimo; Elpidio, Peixe, Célio Barbosa, Palaco e Aristeu. A partida terminou em 3 x 3. Célio Barbosa (o primeiro gol no estádio) e Polaco (2), para o tricolor, e Nino, Ruy e Armandinho, para o Gaúcho. Empate com o campeão citadino e serrano era uma proeza para os jogadores esmeraldinos, que estavam recém se entrosando.

No final de 38, chegou à Passo Fundo, Vicente Souza, já em final de carreira, com passagem pelo Flamengo do Rio de Janeiro, Internacional, e, por fim Guarany de Bagé. Logo foi convidado a jogar no Gaúcho.

Harry Becker, Zica e Dary; Pacheco, Osvaldo Brandão e Custódio; Brasileiro, Papagaio, Vadila Marques, Vicente Souza e Mujica. Este foi um dos maiores times que o Gaúcho formou em sua história. Foi no início de 1939, e juntos jogaram apenas 4 partidas. Harry era fiscal do ICM, veio transferido para Passo Fundo, e havia jogado no Internacional e São José, seu clube de coração. Harry sempre jogava com uma camiseta do

zequinha por baixo da camisa oficial de seu clube. Foi um goleiro fantástico. Pacheco, Brandão e Mujica, chegaram de Livramento e assinaram fichas com o Gaúcho. O clube porém, não era filiado à federação (filiiu-se apenas em 3 de abril daquele ano), e os craques, assediados por grandes clubes, foram embora. Brandão voltou para o Internacional, onde havia jogado, em 37 e 38; Pacheco, foi para o Santos; e Mujica e Vadila, para o Cruzeiro de Porto Alegre.

O Gaúcho foi declarado campeão da cidade, por não ter adversários. O Cruzeiro havia sido extinto, o 14 de Julho estava começando a estruturar-se e o Riograndense desistiu da disputa. Assim, o alvi-verde partiu para o campeonato estadual, realizando uma campanha brilhante. A primeira eliminatória foi contra o Riograndense de Cruz Alta. Jogando em casa, o Gaúcho promoveu a inauguração do seu pavilhão coberto, cuja entrada custava 4\$000. Grande público deslocou-se à Vila Vergueiro e saiu decepcionado com a derrota de seu time por 2 x 0. Era muito bom o time de Cruz Alta. Seu goleiro era Otto, que não tinha dois dedos na mão direita. Em seu lugar, colocava uma pequena barra de ferro e enfaixava as duas mãos. Nas disputas pelo alto com os avantes adversários, ele soqueava com a mão direita a cabeça dos incautos que se achessem a chegar em sua área. Gago e Marcondes, que algum tempo depois vieram jogar em Passo Fundo, eram igualmente jogadores, além do cracaço Ivo Aguiar. A partida seguinte, em Cruz Alta, eram favas contadas. Menos para os briosos atletas periquitos, que realizaram uma partida irrepreensível, goleando o adversário por 5 x 1, gols de Micuim (2), Brasileiro (2) e Laus. Nesta partida, Otto acertou a cabeça de Micuim, causando-lhe profundo corte. O bravo meia-direita voltou com um curativo e marcou um gol de cabeça após cobrança de escanteio. A Federação Rio-grandense de Desportos designou a cidade de Santa Maria para o terceiro jogo. Para lá se dirigiu o Gaúcho, de trem. Foi um jogo nervoso e tumultuado, que terminou empatado em 2 gols. Ao invés da prorrogação, foi marcado um quarto jogo, 48 horas depois. O Gaúcho, jogando com muita garra, acabou vencendo por 2 x 0, eliminando o terrível adversário. O time tinha Harry Becker, Josino e Armandinho, Carlos Alberto, Zica e Sudeto; Brasileiro, Papagaio, Nino, Micuim e Laus, e o Riograndense de Cruz Alta, Otto, Edgar e Bibe; Bibi, Gago e Perereca; Ivo, Ivo Aguiar, Aita, Louzada e Marcondes. O Gaúcho foi declarado campeão da 7ª região serrana.

Por falta de datas, a Federação determinou que Gaúcho e Riograndense de Santa Maria jogassem apenas uma partida, cujo sorteio da cidade-sede do jogo foi realizada em Porto Alegre. Para desespero

periquito, deu santa Maria. Era outra maratona de trem, para os comandados de Honorino Malheiros. O Riograndense era campeão de sua cidade há vários anos e tinha o apelido de “o ataque arrasador da serra”. Seu time era formado por Salaberry, Assis e Natalicio; Daltroso, Negrito e Sabino; Ernesto, Adão do Canto, Dudu, Caçapava e Sady. A partida começou com uma grande pressão do Riograndense, que marca através de Dudu. Ainda no primeiro tempo, Nino, valente atacante, faz um golaço, calando a torcida no estádio. O segundo tempo é equilibrado e angustiante. Fica ainda pior para o Gaúcho quando o árbitro Agnelo Galo marca pênalti a favor dos donos da casa. Adão do Canto, meio habilidoso, chega para a cobrança. Harry, confiante e seguro, encara olho no olho o adversário, que por um momento perturbou-se baixando o olhar. Sentindo a firmeza do goleiro, Adão parte para a bola, chutando alto, mas próximo ao meio do gol. Harry, como um felino, salta e cai com a bola firme em seus braços. A perturbação toma conta dos jogadores santa-marienses. Aproveitando-se disso, o Gaúcho lança-se ao ataque, e numa jogada de Brasileiro, que faz um precioso lançamento, Papagaio domina dentro da área e chuta forte, fora do alcance de Salaberry, virando a partida. Eram exatos 40 minutos do segundo tempo. Praticamente não havia mais tempo para nada. Com o apito final veio uma nova e consagrada vitória alvi-verde fora de casa. Harry Becker, Papagaio e o velho Zica, foram os heróis da epopeia. Na volta, os atletas foram recebidos pelo Prefeito Arthur Ferreira Filho e por uma multidão de torcedores.

O suspense era em torno próximo jogo. Certamente, mais uma dificuldade. E que dificuldade. A FRGF comunicou que o adversário seria o Grêmio de Bagé, que tinha apelido de “milionários”, alusão ao elenco “profissional” (o regime ainda era amador) que possuía. Na verdade, jogadores vindos do Uruguai e da Argentina eram comuns nos clubes da fronteira os quais eram remunerados para jogarem futebol. Por sorteio, a Federação manda o jogo novamente para Santa Maria. Em Passo Fundo, a já tradicional Casa Rádio instala alto-falantes defronte do Cinema Coliseu, onde as pessoas se aglomeravam aguardando informações sobre a partida. A recepção era feita pelo radioamador Valdemar Amaral, gerente do Banco do Brasil, que retransmitia o desenrolar do jogo através do alto-falante. Aos 5 minutos, Nino marcava 1 x 0 para o Gaúcho. Aos 35 minutos, Fierro empatou, e Balejo, desempatou para o time da fronteira. Somente aos 42 minutos, Nino igualava o placar. Na prorrogação de 20 minutos, Micuim coloca o Gaúcho em vantagem, 3 x 2. Faltando apenas um minuto, o árbitro acertadamente marca pênalti para o Bagé. O craque Tupã, pai do famoso Tupãzinho, que jogou no Palmeiras, anota novo

empate. O regulamento desumano marca nova prorrogação de 20 minutos. Exaustos e escurecendo rapidamente, os jogadores não se aguentam mais em pé. No início do segundo tempo, Brasileiro, de fora da área acerta o ângulo do goleiro Veliz, Gaúcho 4 x 3. Na saída de bola, num entrevero na área periquita, o árbitro marca novo pênalti para o Bagé. Tupã, já cansado, coloca a bola na marca de cal e quando olha para o gol, vê Harry crescer entre as balizas. A bola sai forte do pé do atacante, em direção ao canto esquerdo. O goleiro, voa no canto certo e manda a bola para escanteio. A partir daí os jalde-negros não tem mais forças para a reação. Havia pego uma camisa mística pela frente. O Gaúcho venceu, com Harry Becker, (o nome do jogo), Josino e Armandinho; Rosson, Zica e Carlos Alberto; Brasileiro, Papagaio, Micuim, Nino e Laus. O grande Grêmio de Bagé, com Veliz, Jorge e gauchinho; Laerte, Cabeça e Ripalda; Balejo, Tupã, Fierro, Rubilar e Rodrigues. Um respeitável time.

Como próximo obstáculo, o Grêmio Santanense. Outro time da fronteira, recheado de uruguaios, campeão estadual, em 1937. A partida foi marcada para Passo Fundo, mas não no campo da Vergueiro, casa do Gaúcho, sim no campo da Vila Rodrigues, do 14 de Julho, no “arrebalde” da Vila Cruzeiro, como noticiavam os jornais. O Grêmio Santanense entra em campo de vermelho, com o seguinte time: Morozini, Ito e Pedro; Filinho, Pepe Garcia e Chuna; Sorro, Bido, Raul, Beca e Bento. O Gaúcho, com os mesmo jogadores, da partida anterior. O alvi-verde, logo aos 20 minutos, abre contagem através de Laus. Aos 42, numa falha gritante do árbitro, Álvaro Silveira, Beca ajeita a bola com a mão, tira de Josino e empurra para as redes. Todos os jogadores e o público perceberam a malandragem do jogador, menos o árbitro. Segue a partida e, no começo da etapa final, o mesmo Beca chutou fraco, e a bola bate em Zica e desvia de Harry, ganhando mais uma vez as redes. Grêmio Santanense 2 x 1. O Gaúcho foi para frente, na tentativa de empatar. E poderia tê-lo conseguido, não fosse um pênalti não marcado a seu favor, de Pedro em cima de Brasileiro, que ia marcar quando foi derrubado por trás. A arbitragem facciosa não permitiu o avanço do Gaúcho na competição, que foi ganha pelo Riograndense de Rio Grande.

De qualquer forma, a campanha foi dramática e histórica, e ficou registrada como uma das maiores façanhas do sport Club Gaúcho. Os heróis alviverdes foram, Armando ferreira da Silva (presidente), Mário Garcia (tesoureiro), Honorino Malheiros (treinador e diretor de futebol), e os jogadores, Harry Becker, Josino Marques, Armandinho Mendes da Costa, Mário Garagory (Zica), carlos Alberto, Abeí Simão, Ariovaldo Telli (Saracura), Brasileiro Trindade, Nino Di Primio, Hélio Corá, Luiz Borges

(Micuim), Miguel Oliveira Monteiro (Papagaio), Ulisses Laus, Itagiba de Almeida, Olímpio Rosson e José Moja Moreno (Sudeto).

Na esteira da grande campanha, o jornal Diário da Manhã promoveu um concurso entre seus leitores, para eleger o clube mais querido na cidade. Mais tarde o Maestro Alfredo Custódio e sua filha Ruth Custódio Vieira, compuseram o hino Gaúcho, cujo disco compacto foi produzido pelo radialista Dino Rosa e inicia com o seguinte verso: “Avante meu clube alvi-verde, o mais querido da cidade...”.



## **UM CICLO DE REVESES**

Embalado pela campanha de 39, o Gaúcho tornou-se ainda mais forte, em 1940. Contratou Jamegão, que era brigadiano e jogava no Cruzeiro. Considerado o melhor jogador que passou por equipes de Passo Fundo, em todos os tempos. Dono de uma habilidade insuperável, fazia o que queria com a bola. Dizem que Jamegão colocava-se na grande área nas cobranças de escanteio ou mesmo em cruzamentos, e quando a bola era alçada, “matava-a” na cabeça e entrava correndo para dentro do gol. Certa feita, jogando pelo Riograndense, foi a Erechim defrontar-se contra o Ypiranga. O trem atrasou e os jogadores, todos operadores de máquina, entraram em campo cansados, logo apanhando de 5 x 0. Jamegão então pediu calma a todos, avisou que jogaria na área adversária, e que seus companheiros apenas lhe jogassem a bola. No final da partida, Jamegão marcou três vezes e Polaco outras três. Vitória do Riograndense por 6 x 5. As histórias contadas por quem o viu jogar deixam todos perplexos. No quesito habilidade alguns o comparam a Pelé. Jamegão jogou no Internacional, no Grêmio e na seleção gaúcha. Era natural de Bagé. No final de sua vida, pobre, andava por bares, alardeando sua categoria como jogador, sem ninguém acreditar. Certa feita, Pirilo Corrêa, irmão do cronista Jarbas Sampaio Corrêa, encontrou Jamegão num boteco no interior, contando histórias de sua carreira, e seus interlocutores que apenas riam de um bêbado. Ao reconhece-lo, Pirilo pergunta às pessoas que ali estavam se conheciam aquele homem. Como ninguém manifestou-se, Pirilo falou:

-Este é Jamegão, o melhor jogador de futebol que vi em minha vida. Tudo o que ele disser que jogou, vocês acrescentem o triplo.

Todos ficaram boquiabertos com as afirmações de Pirilo, e Jamegão, honrado, de alma lavada e agradecido, continuou suas histórias. Outros contratados pelo Gaúcho, foram os irmãos Gury e Ivo Aguiar. Este outro extraordinário craque, que também atuou no Grêmio e no Internacional e seu “rolo compressor”. Clóvis Aita, igualmente vestiu a camiseta alvi-verde, em 1940. Atacante, dono de um faro de gol fabuloso. Rodou por várias equipes, entre elas, o Cruzeiro de Porto Alegre (na época time grande). E, do Instituto Ginásial (IE), veio a grande revelação: o ponteiro direito Avas Lima. Aquele time espetacular ficou assim: Harry, Josino e Armandinho, Gury, Jamegão e Vicente Souza; Avas, Ivo Aguiar, Clóvis Aita, Papagaio e Mujica (Micuim).

Nunca se havia jogado tanto futebol, como em 1940. O Gaúcho jogou 27 vezes no ano, marcando 65 gols. Foram vários amistosos, inclusive um contra o Atlântico de José Bonifácio (hoje Erechim), na inauguração do Estádio da Baixada. Numa tarde festiva, com mais de 3 mil pessoas no estádio, o Gaúcho venceu de 3 x 2, gols de Papagaio Armandinho e Ivo Aguiar. As duas equipes marcaram história e eram formadas, o Gaúcho, com Harry, Armandinho e Gury; Itagiba, Ângelo Souza e Jamegão; Brasileiro, Papagaio, Vicente Souza, Ivo Aguiar e Micuim. O Atlântico, com Modesto, Borgio e Vitê; Carioca, Tigre e Balvedi; Odone. Eolo, Michelin, Capitãozinho e Cagliari.

O Gaúcho tinha começado bem o ano, sendo campeão do torneio início. No citadino venceu o 14 de Julho, por 5 x 4, no primeiro clássico, após estar perdendo por 4 x 1, até os 13 minutos do segundo tempo. Aos 35, estava 4 x 3, quando um sururu começou entre os jogadores. Após 10 minutos de paralisação e verdadeira batalha campal, reiniciou o jogo. Avas, com 2 gols, virou espetacularmente o resultado. No outro jogo, o Riograndense foi goleado por 6 x 1, e Ivo Aguiar, foi o dono da partida, marcando 3 vezes. No retorno, um empate em 4 gols, com o 14 de Julho, manteve o Gaúcho na liderança, com 5 pontos, seguido pelo Riograndense, com e. Na decisão, o periquito subestimou o “ferrinho” que em poucos minutos, já estava vencendo por 3 x 0, três gols de Célio Barbosa. Na superação, Avas e Papagaio diminuíram, mas não adiantou. O timaço do Gaúcho foi derrotado e deixava escapar o bi-campeonato.

A partir desta derrota, o time desmantelou. Harry, Gury, Vicente Souza, Ivo Aguiar, Mujica e Jamegão foram embora. O Gaúcho passou toda a metade da década assistindo ao Riograndense vencer uma competição atrás da outra. Em 1941, o alviverde ficou em 3º lugar entre três participantes. Em 42, com a presença do independente, só foi melhor que o caçula. No ano seguinte, perdeu a decisão para o 14 de Julho, que quebrou a série de vitórias do “ferrinho”.

Em 1943, o mundo estava atento a IIª Guerra mundial. Passo Fundo, sediava o III/8º RI e recebia oficiais e soldados de todo o Estado principalmente da região da serra. Um desses oficiais chamava-se Carlos Frederico Cotrin Rodrigues Pereira Neto, o Capitão Cotrin. Apaixonado por futebol, foi técnico do Gaúcho. Mais tarde, em São Paulo, foi auxiliar técnico de Del Débbio, no Corinthians, antes de desenvolver carreira artística. O ator Carlos Cotrin, também conhecido por Cotrin Neto, protagonizou vários filmes famosos, entre eles, Anjo do Lado (que continha cena de nudez da exuberante Virginia Lane), Areião, Nem Sansão, nem Dalila, O Preço de um Desejo (com Cotrin no papel principal), e Mãos

Sangrentas. Contracenou com atrizes e atores conhecidíssimos, como Anselmo Duarte, Eliana, Zé Trindade, Maria Dela Costa, Fada Santoro, Tônia Carrero, Odete Lara e outros. Na televisão, foi o conhecido Capitão Atlas, seriado apresentado no início da década de 60.

Em 1944, o Gaúcho foi muito mal no citadino, ficando em último lugar.

Passo Fundo começou 1945 num marasmo futebolístico de dar dó. Passavam-se meses e nenhum time, tampouco a Liga, se movimentavam. Até o mês de abril, nenhuma partida havia sido realizada. A iniciativa partiu do 14 de Julho, que timidamente elegeu sua nova diretoria. Foi o sinal para o Gaúcho acordar. Eleito presidente o Capitão do Exército, Mauricio Malaquias dos Santos, este começou a montagem do time. Do elenco anterior, apenas Avas, Celso Stangler e o veteraníssimo Papagaio, permaneceram. Praticamente todo o ataque era formado por soldados do exército, incluindo aí três grandes jogadores, Cacildo, Arnaldo e margarida, todos de Caxias do Sul, e que haviam passado pelo Juventude. O início promissor, com boas vitórias em amistosos, como a goleada por 5 x 1 diante do 14 de Julho, e 1 x 0, sobre os aspirantes do Internacional. Essa partida, em que pese ser o segundo quadro do Internacional, foi marcada como um grande acontecimento. O Gaúcho estreou uniforme novo, jogando pela primeira vez com camiseta toda verde. Atuou com Timpa, Gerdi e Celso; Rico, Tau e Marcon; Avas, Papagaio (Eli), Célio Barbosa, Margarida e Arnaldo. O Internacional, com Enio, Tabá e oriente; dadá, Celso e Moura; Omar, Pepino Aita, Rebolo, Moacir e Chumbinho.

No citadino de 45, o Gaúcho foi muito mal. Entre os quatro adversários, ficou na frente apenas do Riograndense, que não possuía mais seu grande time. Eli, Margarida e Timpa, deixaram o clube em meio ao certame. Com o fim da guerra, os militares que comandavam o Gaúcho foram embora e, ainda em outubro, o plantel estava dissolvido.

Em 1946, a situação não foi diferente. Contratações de bons jogadores, como Alambique, que jogaria muitos anos nos times de Carazinho, Pepino Aita, ex- internacional e Padilha, ex- 14 de Julho, não frutificaram. O Gaúcho viu o Independente, de Vadila marques, vencer o 14 de Julho no final do citadino e sagrar-se campeão pela primeira vez.

## **VOLTAM AS VITÓRIAS**

A história do Sport Club Gaúcho é pautada por situações cíclicas. Alternaram-se ciclos de vitórias e grandes times, com ciclos de derrotas e estagnação. Em 1947, deu-se início a um ciclo de vitórias. O time era muito bom. O goleiro era Benito Gonzales, uruguaio, que veio do juventude de Caxias do Sul. Barão e Come-Bola, dois veteranos dos bons tempos do Riograndense. A linha média era formada por Rodrigues ou Souza Neto, Vicente e Vete. O ataque tinha Jorge Berthier, Clóvis Aita, Labharte (ex-Guarani de Bagé), Chinês, um estupendo jogador ex-Grêmio, e Alexandre ou Caponi.

Na temporada preparatória, o Gaúcho venceu o torneio relâmpago, promovido pela FPF, mas nos amistosos vinha jogando mal. Sofreu acompanhantes derrotas, por 5 x 1 e 3 x 0, para o rival 14 de Julho. No citadino, chegou à final em segundo lugar, apenas um ponto atrás do 14, que precisava do empate. O Gaúcho jogaria em casa, no campo da Vergueiro, e vinha com a moral alta após a vitória consagrada por 7 x 0, ante o Riograndense. O público lotou o estádio acotovelando-se no para-peito que rodeava o gramado. O futebol da época era demais ofensivo. Os goleiros eram as vítimas do esquema tático. Após cargas de ambos os lados, o árbitro marca falta na entrada da área do Gaúcho. O gigante rubro Pupe dispara uma bomba, a barreira se abre e a bola estufa as redes de Benito. Aos 44 do primeiro tempo, o Gaúcho forçando mais no coração do que na técnica, empata através de Chinês, aproveitando uma confusão na área. No segundo tempo, mesmo precisando desesperadamente da vitória, o Gaúcho dava espaços ao 14, que atacava mais. Decorriam 41 minutos, quando o habilidoso e rápido ponteiro Berthier tabelou com Avas, foi a linha de fundo e cruzou com força para a área. Pupe, no ôfã de cortar, dá uma torneada de cabeça contra sua própria rede. O gigante desaba no gramado. Os torcedores do Gaúcho, que já haviam deixado o estádio, voltam alucinados e invadem o campo para comemorar. A retirada dos torcedores periquitos só foi possível com a intervenção da briosa Brigada Militar. Reiniciada a partida, após 4 minutos de prorrogação, foi encerrada, sem alteração de resultado. O Gaúcho era novamente campeão da cidade.

A história do campeonato, porém, teria outros desdobramentos. No dia seguinte, os telefones da casa e da empresa madeireira do presidente José De Maman, do 14 de Julho, não paravam de tocar. Era o quartozeano Rui Gomes de Pinho, que dizia:

-Vamos protestar, presidente. Eles estão irregulares. No Tribunal, ganharemos o campeonato.

De Maman era um “gentleman”. Um esportista na verdadeira acepção do Barão de Coubertain. Para ele, a vitória ou a derrota se restringiam ao campo de jogo, na lisura da competição. Mas os apelos continuaram até que, convencido pela própria família, o presidente resolveu atender o pedido de Pinho. De Maman, então, deu carta branca para que Pinho entregasse protesto junto à Liga Passo-Fundense de Futebol. O Gaúcho havia utilizado 6 jogadores não- amadores, quando o regulamento permitia no máximo 5. Eram eles: Labharte, Avas, Benito, Vicente, Berthier e Come-Bola. Com exceção de Berthier, todos os outros realmente tinham inscrição como não-amadores. Acontece que berthier, contratado com o certame em andamento, assinou ficha como não-amador, pelo simples fato da Liga não possuir em seu almoxarifado, formulários ou fichas de amador. Armou-se um verdadeiro circo. O extremado quatorzeano, Dr. Celso da Cunha Fiori, exigiu da Liga, fosse o caso julgado pelo Juiz de Direito. O julgamento Berthier, com assistência de jogo e manchetes espalhafatosas em jornais, foi realizada na sala do Tribunal do Júri, no Fórum. O Juiz, depois de muita cena, determinou que o caso fosse julgado pelo Tribunal da federação Rio-grandense de Futebol, pois a Liga não tinha competência para tal. O TJD deu ganho de causa ao 14 de Julho. O recurso apresentado pelo Gaúcho ao STJD, também foi julgado improcedente, acabando por perder no tapetão o que havia ganho em campo.

Agora era questão de honra. Um trabalho de um ano inteiro posto fora, justamente quando o clube, após 7 anos, voltava a ser campeão. Um pequeno erro. A falta de material na Liga, e tudo escorreu por entre os dedos. Foi então que o presidente Pedro Mader decidiu:

-Custe o que custar, este ano será do Gaúcho.

Em 1948. Incorporaram-se ao bom elenco os laterais Auro e Ferrinho (Telmo Aita), o goleiro Cajú, o ponteiro Dom Pedrito, um extraordinário jogador, o atacante Carlito, e um ponta esquerda que ficou pouco tempo, chamado Argentino, campeão pernambucano pelo Santa Cruz.

O time começara a movimentar-se logo no início do ano, jogando amistosos contra bons adversários, como o Veterano, o Guarany de Cruz Alta, o Esportivo e o Nacional de Porto Alegre. O Nacional, que perdeu para o Gaúcho por 2 x 0, tinha um belo time: Boris, Osvaldo Só e Saul; Delorenzi, Gago e Dutra; Massinha, Nidsberg, Valter, Guaracy e Bombachudo. Em meio a toda essa preparação, uma notícia caiu como

uma bomba: o 14 de Julho, inimigo nº 1 pedira licença na Liga, pois estava construindo seu estádio e não tinha dinheiro para manter o time. A vingança estava adiada.

O passeio sobre o Riograndense e o Independente foi notório. O Gaúcho venceu o torneio extra, o torneio-início e o cidadão, sem perder uma partida sequer. Seu ataque era arrasador: Dom Pedrito, Chinês, Tubino (campeão gaúcho com o Grêmio, em 46), Labharte e Argentino ou Alexandre. Em 4 jogos pelo campeonato da cidade, marcou 16 gols.

No estadual de amadores o Gaúcho passou pelo Veterano campeão carazinhense, por 3 x 1, uma partida memorável, com Dom Pedrito marcando duas vezes e Pepino Aita, contratado para o estadual, completando o marcador. O Palmeirense, mesmo jogando em casa, não foi páreo, perdendo por 4 x 1, para o Gaúcho. O compromisso seguinte foi no velho estádio da Vergueiro, contra o Atlântico. O Gaúcho, em poucos minutos, marcou 2 x 0, resultado do primeiro tempo. Na etapa final, o rubroverde virou o resultado para 3 x 2. O Atlântico tinha um time que seguramente foi um dos melhores de sua história. Formava com Miguel, Sabino e Celso Stangler, Rico, Burro-Branco e Gradin; Barbieri, Ronchetti, Borges (pai de Paulo César Carpegiani), Magri e Nercy.

Em 1949, continuando seu ciclo de vitórias, o Gaúcho ganhou quase tudo. O torneio-início e o cidadão foram vencidos com muita facilidade. O time era muito bom. Jogava com Waldemar, Barão e Guaporé; Souza Neto, Vicente e Vete; Dom Pedrito, Libinho, Nicanor, Pontes e Dago. Dom Pedrito e Libinho, jogaram juntos em vários times, como o Riograndense e o Internacional de Santa Maria. Convidados a jogar em São Paulo, Dom Pedrito foi para a Portuguesa de Desportos, ficando por lá, e Libinho, para o Santos. Como era funcionário dos Correios, Libinho deixou a Vila Belmiro e voltou a Passo Fundo, para reassumir como carteiro, emprego mais estável que o futebol. Pelo regional de amadores, o Gaúcho perdeu seu primeiro compromisso ante o Glória por 2 x 0. No segundo jogo, empataram em 3 x 3, seguindo o Glória na competição.

Era o mês de novembro de 1949. O 14 de Julho preparou a festa de inauguração de seu estádio, chamada pomposamente de estádio Dr. Celso da Cunha Fiori ou simplesmente Estádio da Baixada. Localizava-se onde hoje se situa a Estação Rodoviária. No sábado, dia 19, o convidado Sport Club Internacional e seu “rolo compressor”, fazia uma espécie de pré-inauguração contra o Gaúcho. No dia seguinte, contra o 14, seria a inauguração oficial. Amanheceu, e um aguaceiro desabou sobre a cidade. O estádio tinha pavilhão coberto, alambrado, túnel de acesso ao campo,

cabine de rádio, copa, mas faltava um detalhe elementar: não tinha grama. Nenhumzinho. Era chão batido, barro puro, lamaçal.

O árbitro veio de porto Alegre. Era Mister Barrick, um britânico que revolucionou a arbitragem no Rio Grande do Sul. Contratado pela FRGF, foi o primeiro a atuar de calções e chuteiras. Usava camisa, paletó, calção, meião e chuteiras. Na época, os árbitros usavam calças compridas e tênis brancos. Foi Mister Barrick que introduziu a forma do árbitro acompanhar o jogo correndo em diagonal. Ganhador do “apito de ouro”, prêmio ao melhor árbitro do ano, apitaria, coincidentemente, sua milésima partida em Passo Fundo.

Dentro da lama, o Internacional, vencia naturalmente por 2 x 0, quando o Gaúcho briosamente empatou. Foi “cutucar a onça com vara curta”. No segundo tempo, o “rolo” fez mais 6, vencendo por 8 x 2. Everton, Nena e Ilmo; Viana, Raul Dias e Ruarinho; Tesourinha, Malinho (Herculano), Ghisoni (Vilalba), Adãosinho e Carlitos. Era o Inter e sua máquina de jogar futebol, fosse qual fosse o piso. O Gaúcho e seu heroico time formou com Waldemar, Barão e Guaporé; Vete, Vicente e Auro; Dom Pedrito, Libinho, Nicanor, Dago e Carlitos.

Passo Fundo em 1950, contava com 5 times amadores. O último filiado à Liga era o Atlético, formado por dissidências de gaúcho e 14 de julho. Chegou a ultima rodada do cidadão, com Gaúcho e 14, rigorosamente empatados na liderança. A semana do clássico foi tensa e cheia de boatos. As pessoas que passavam pela frente da Casa Edy (uma loja de armarinhos que ficava na Rua General Neto, onde hoje é o Banco Finasa), paravam para apreciarem as duas taças ali expostas, a serem entregues ao vencedor. O público tomou conta da Baixada já nas primeiras horas da tarde de domingo, dia 06 de agosto. Logo aos 8 minutos de partida, o ponteiro Souza Neto, em jogada com Libinho, abriu o marcador. Gaúcho 1 x 0. Aos 29, novamente Souza Neto marca, num potente chute sem ângulo. Gaúcho 2 x 0. No segundo tempo, Pupe bate com muita força de fora da área, a bola vai em direção ao goleiro Vêncio, mas no caminho, tentando cortar, Souza Neto muda a trajetória da bola, mandando-a contra seu gol. Gaúcho 2 x 1. O Gaúcho consegue suportar a pressão e conquista o tri-campeonato. Souza neto, marcando todos os gols da tarde foi o nome do jogo.

Pelo regional, novamente o Glória era o algoz alviverde. E conseguiu manter a escrita. Na única partida disputada na Vila Industrial, a vitória foi dos rubros por 2 x 0. Os times jogaram assim: Gaúcho com Waldemar, Barão e Agnello; Nelso, Vicente e Vete; Souza neto, Libinho,

Pontes, Bruno e Iran. O Glória com Zeno, Luis e Moraes; Plácido, Dirceu e Hercílio; Hermes, Mauro, Ivori, Élio e Sarturi.



## **A CONSTRUÇÃO DO ESTÁDIO E O FIM DO AMADORISMO**

Mais de um período de vacas magérrimas na história do clube, começou em 1951. O elenco tri-campeão foi substancialmente modificado. Saíram os veteranos Vêncio, Waldemar, Barão, Vicente e Souza Neto. Vete foi para o Atlético, Auro para o 14 de Julho e Libinho para o Riograndense. Restaram Guaporé, Nelson e Pontes, dos titulares. Nessa renovação, surgiram dois craques, Omir e Cagi, jogadores de alto nível técnico, saídos do futebol varzeano e que por coincidência brilharam nos times de Carazinho.

O pior ainda estava por vir. A família Vergueiro desalojou o Gaúcho de seu campo. O famoso, mas já desgastado Estádio da Montanha, na Vila Vergueiro. A família estava loteando a área e o Gaúcho nada pagava para manter-se no local. Agora, o clube nem estádio tinha. Treinava no campo defronte ao quartel do 1/20.º RC, ou na Tingaúna, campo do Independente. Seu mando de jogo era na Baixada, do 15 de Julho, que o cedia por determinação na Liga. No citadino de 51, o time não foi mal. Perdeu apenas dois jogos, ambos para o Atlético, empatando os clássicos com o 14. Entretanto, assistiu da arquibancada a super-decisão entre 14 e Atlético, este venceu, tornando-se pela primeira e única vez campeão da cidade.

No final do ano, foi oferecida uma área, na Vila Petrópolis, para a construção do estádio ao alvi-verde. Essa iniciativa partiu dos proprietários do imóvel, Aparício Lângaro, Arthur Lângaro, Dr. Veiga Faria, ar-se de seu berço, que é o Boqueirão. Ademais, o 14 de Julho já estava na Petrópolis, e o oferecimento foi gentilmente recusado.

No ano seguinte, parecia que tudo iria melhorar. O Prefeito Municipal, Dr. Daniel Dipp, torcedor e ex-dirigente esmeraldino, encaminhou ao Legislativo projeto propondo a doação de uma área ao Gaúcho, para que iniciasse a construção de seu estádio. A área ficava próxima ao Hospital de Caridade (hoje Hospital da Cidade), e o projeto não saiu do papel.

A volta de Vete ao meio-campo deu ao time nova força. Já na primeira competição levantou a taça denominada Dia do Futebol, instituída pela Liga. Foi uma sonora surra no 14 de Julho por 4x1, com atuação esplêndida dos atacantes Omir e Pontes. O primeiro turno do citadino foi equilibrado, com muitos empates. Apenas o Riograndense vinha mal. Em plena disputa, no mês de agosto de 52, o 14 de Julho recebeu

correspondência da FRGF concordando com seu pedido de adesão ao regime profissional. O profissionalismo no futebol gaúcho já tinha dez anos. Iniciou em 1942, sendo que os clubes de Porto Alegre, Pelotas, Caxias do Sul, Rio Grande, Santa Maria, Bagé, Novo Hamburgo, São Leopoldo e outros, já haviam aderido.

Foi um balde de água fria em cima dos dirigentes e torcedores periquitos. O 14 colocou o time aspirante a jogar o cidadão. O time principal jogaria a segunda divisão de profissionais, com o Ypiranga de Erechim e o Glória de Carazinho. A suprema humilhação foi a Liga determinar ao Gaúcho e ao Independente que jogassem no preliminar de 14 e Ypiranga. Parecia lógico, pois o Gaúcho sequer tinha campo para jogar.

O presidente Basílio Antunes e sua diretoria sentiram-se importantes para reverter a dramática situação, e simplesmente “jogaram a toalha”, entregando, os pontos das partidas restantes.

A terra estava arrasada. Alguma coisa deveria ser feita com urgência. Então elegeu-se uma diretoria com a incumbência e o dever de recomeçar tudo. Time, estádio, dinheiro, motivação e dignidade. O presidente era o industrial Armando Menegaz, Seu vice, amigo e também industrial Nilo Zimmermann. Havia uma perfeita sintonia entre os dois. O restante da diretoria era o seguinte: primeiro secretário, Claud Nozari Marques, segundo secretário, Juliano Francisco Poletto, primeiro tesoureiro Armando Perez de Lima, segundo tesoureiro, João Carlos Moreira Gosch, e os diretores, Capitão Oswaldo Di Primio, Simão De Felippo e Alfredo Constante.

Inicialmente, foi inaugurada a nova sede do clube, no mesmo prédio onde funcionava a Casa Paraíso, na Rua Moron, esquina General Neto, onde hoje está localizado o Edifício Scussel. Em 10 de setembro de 1953, finalmente, após diversas tratativas, foi adquirida a área para construção do novo estádio. Era na “cancha do Gaúcho”, seu primeiro campo de jogo. O imóvel agora pertencia à viúva Antônia Vieira Barreiro, antiga proprietária do Hotel Avenida, e custou ao clube Cr\$ 150.000,00. Com a aquisição, começou-se outra batalha, a construção do estádio.

O Gaúcho continuaria fora das competições, mas como motivar o torcedor a ajudar na construção do estádio, com o time em inatividade? Optou-se por uma simples solução. O Gaúcho continuaria amador, jogaria o cidadão, com atletas jovens, buscados na várzea, nos colégios e entre os militares. Para comandar a “gurizada”, o abnegado esportista Sargento Moisés dos Santos. O Gaúcho perdeu muitos jogos, alguns de goleada,

chegando em último lugar no certame. No único clássico disputado, foi goleado por 4x1, pelos profissionais de 14 de Julho.

Em novembro, os dirigentes fizeram a única coisa possível para salvar o clube. Uma consulta à FRGF, sobre a possibilidade do Gaúcho aderir ao profissionalismo, seguindo o caminho que todo o Rio Grande do Sul futebolístico seguia. A resposta positiva veio em janeiro de 54. Agora, o Sport Club Gaúcho era um clube de futebol profissional. Na verdade, profissional era só o nome da categoria. A estrutura (voltando a lembrar, nem estádio tinha e os jogadores, eram amadores. O presidente Nilo Zimmermann convidou para diretor de futebol o ex-jogador Centenário índio Brasileiro do Amaral, que procurou bons jogadores, formou um time, senão brilhante, mas homogêneo, técnico e de muita raça. O treinador Vicente Souza colocava em campo, Magalhães, Léo e Benhur; Petica (Vital), Arcy e Gentil; Paulista, Omir, Joir, Caico e Djalma. O ataque era de altíssima categoria. Joir e seu irmão Joel jogaram vários anos no Juventude e no Flamengo Caxias do Sul. A primeira partida como profissional foi uma amistosa contra o Atlântico de Erechim, com vitória alvi-verde por 3x1, gols anotados por Djalma (2) e Joir. O campeonato da segunda divisão, zona norte, chave 4, tinha, além do Gaúcho, o 14, o Atlântico e o Glória de Carazinho. O alvi-verde, até as últimas rodadas ainda tinha chances, mas uma derrota em Carazinho, por 1x0, tirou-lhe as possibilidades de chegar ao título.

O campeonato da cidade disputado entre Gaúcho e 14, teve quatro clássicos, que os jornais chamavam de Gaú-Qua. Dois pelo regional, que valeram pelo certame da cidade e dois pela Taça Café Vitória, ofertada pelo proprietário, o ex-jogador do 14 de julho, Nery Simão. O Gaúcho venceu todos. O primeiro, 3x0, gols de Heitor, Paulista e Djalma. O segundo, 2x1, gols de Vital e Djalma. O terceiro, 3x2, gols de Arcy (2) e Paulista. O quarto, 6x3, gols de Joir (3), Arcy (2) e Djalma. Dentro da década, 1954 foi o melhor ano do Gaúcho, com a conquista do citadino e de um bom regional.

Campanhas, várias foram lançadas. Campanhas do tijolo, do cimento, do prego, da madeira, entre outras, sempre com o objetivo de concluir o estádio. Sem possibilidade de investir no futebol, pela falta de dinheiro, clube solicitou licença de um ano junto à FRGF. No entanto, mantinha jogadores em atividade para partidas amistosas, sem nenhum compromisso ou vínculo.

No início de 56, o Gaúcho, pretendendo voltar aos jogos oficiais, solicitou e conseguiu uma licença especial da FRGF para disputar a segunda divisão. Essa licença era necessária, pois o clube ainda não

possuía estádio. Montou-se às pressas um time com jovens jogadores do futebol menor de Passo Fundo. Eram atletas do América, Vasquinho, Guarani, Socimbra, Juventude e outros, todos disputantes do forte e organizado campeonato varzeano. Os jogos continuavam a ser na Baixada. No regional a campanha foi péssima: em dez jogos, venceu apenas dois. No primeiro turno, contra o Ypiranga, por 3x0, e na última rodada, o clássico Ga-Qua por 4x2.

Centenário índio Brasileiro do Amaral, dirigente do clube, bancário e político, era o nome mais certo para presidir o Gaúcho naquele momento. O quadro era desanimador: as obras do estádio em ritmo lento e o time vindo de uma série de derrotas. O Gaúcho precisava com urgência de um fato novo, uma injeção de ânimo, para sair da crise. Foi quando o presidente do 14, Dr. Celso da Cunha Fiori, num programa esportivo da Rádio Passo Fundo, disse o seguinte:

- Eu lamento profundamente a covardia do Gaúcho, que parece desistir da competição. Só de pensar em enfrentar o 14, o periquito treme.

Centenário não deixou barato. Na mesma noite, ao ouvir o desafio, foi à Rádio informar aos torcedores que o Gaúcho estava vivo e que disputaria o campeonato.

De uma só vez contratou três treinadores, todos militares. Capitão Bijuca, seu irmão Nino Di Primio e o Capitão Bueno. O grupo de jogadores era mais ou menos o mesmo do ano anterior, agora com mais experiência.

No dia 24 de abril de 1957, foi oficialmente inaugurado o Estádio da Montanha, que não tinha nome. Pensou-se em Estádio Aníbal Almeida, ex-dirigente, falecido alguns dias antes, mas a ideia prosperou. O paraninfo, para a inauguração, foi o Grêmio Porto-alegrense, que aqui chegou em avião fretado da SAVAG e hospedou-se no Hotel Excelsior. O Gaúcho, que andava numa pindaíba de dar dó, apareceu em campo com lindas camisas verdes. Camisas mesmo, com botões, confeccionadas pela Camisaria Combate e oferecidas pelo jogador Branco, o grande craque do time, um jogador refinado e elegante no trato com bola. O Grêmio, sem a presença de apenas dois titulares, o goleiro Germinaro e o meia Milton, jogou com Onetti, Figueiró, Airton e Bob; La Guardia e Ênio Rodrigues; Toquinho, Gessi, Juarez, Delem e Vieira. Um dos melhores times formados no Azenha. O Gaúcho, com rebequinho, Finco, Vete e Hugo Loss; Branco e Nicanor; Enir (Perez), Vetinho, Careca, Armando Rebechi e Aderbal. Rebechi, um razoável lateral esquerdo, pela primeira vez foi atacante, posição que o consagrou como um dos maiores artilheiros do futebol de Passo Fundo, marcou pela primeira vez no novo estádio. O tricolor se incomodou e colocou 8 gols, com maior facilidade. Careca, ex-

atacante do próprio Grêmio, que chamava-se Oly Albuquerque, fez o segundo gol esmeraldino. Na inauguração do estádio, vitória do Grêmio por 8 x 2.

Pela segundona, o Gaúcho não foi bem, mas teve uma vitória na última rodada que mudou o campeonato. Venceu o Atlântico por 2 x 1, dando o bi-campeonato ao Glória. O estádio, agora acrescido de um pavilhão permanecia sem nome, até que o nome de um grande benemérito foi lembrado: Wolmar Antonio Salton, na época, Prefeito Municipal. O patrono Wolmar Salton, durante toda a sua vida, participou intensamente da vida do clube. Sentado na velha tribuna de honra do estádio, vibrou, sofreu, emocionou-se como qualquer torcedor apaixonado pelo Gaúcho.

Em 58 e 59, repetiram-se os fracassos nos campeonatos regionais. O Gaúcho, embora participando de competição profissional, insistia em manter uma estrutura e um elenco de jogadores amadores, com raras exceções, como Bexiga, em 58, um ex-jogador do Grêmio, em final de carreira, ou Prinche, em 59, igualmente veteraníssimo. O restante eram jogadores amadores, que trabalhavam em outras atividades ou estudavam, e não tinham condições ideais, por falta de treinamentos. Alguns deles eram craques, como Branco, Cagí, Chiquita, Léo, Zizi, Ratinho, Djalma, Juarez e outros, mas jogando contra times profissionais, perdiam a disputa, principalmente no condicionamento físico. Nesses dois anos, o Gaúcho cansou de perder, quer na segunda divisão, quer em amistosos ou nos torneios-extra, organizado pela Liga, e que reunia também o 14, o Independente, o Riograndense e o Grêmio de Marau, os três últimos, amadores.

## **AS SEMENTES DAS CONQUISTAS**

Flávio Lima Araújo, representante comercial, tinha sido goleiro do Atlético e torcedor fanático do Gaúcho. Assumiu a presidência em 1960. Flávio era talhado para o futebol. Homem decidido, corajoso, astuto; sabia como poucos lidar com os bastidores do futebol. O presidente começou a dar ao Gaúcho uma aparência de clube que pretendia crescer. Sabia que, para ganhar, precisava de time e, ganhando, o Gaúcho se desenvolveria, aumentando sua torcida e seus sócios. Dessa forma, entraria dinheiro, e... Flávio tinha plena consciência desse ciclo. Então, o que fez? Foi buscar jogadores de fora de Passo Fundo. Jogadores remunerados, que dentro de campo dessem uma melhor resposta, que o ajudassem a completar o ciclo do crescimento.

O presidente manteve do grupo anterior, o grande Branco, e, em torno dele, montaria o novo time. Vieram para Passo fundo o goleiro Paulinho, ex-Juventude de Caxias do Sul, reserva de Sérgio Moacir na seleção brasileira representada pelos gaúchos, campeã Pan-Americanade 1956. O centro-médio Valentim, também ex-Juventude. Jacy, Sariba, Tuta, Roni e Cavalheiro, todos de Porto Alegre e arredores. Alguns chegaram e logo saíram, como Dino, Chinês, Doracy e outros.

A FRGF determinou que, a partir daquele ano, os campeonatos regionais chamariam-se 1ª Divisão de Profissionais, já que a divisão de honra, aquela da dupla Gre-Nal, chamaria Divisão especial. No regional, o Gaúcho mais perdeu do que ganhou. O campeão foi o Atlântico, numa final com o Ypiranga. O Atlântico que perdeu na primeira rodada para o Gaúcho por 2 x 1, a única vitória alvi-verde no turno. As equipes de Erechim, durante alguns anos, mandaram no futebol da região. Tinham bons times, dirigentes competentes, e, quando as coisas não saiam bem dentro de campo, apelavam para o extra-campo. Foi o que ocorreu na partida Ypiranga x Gaúcho, no velho Estádio da Montanha, em Erechim. O alvi-verde vencia por 2 x 1, até os 45 minutos do segundo tempo. O árbitro expulsou Paulista, Prinche e Valentim e deu os descontos necessários para o Ypiranga virar 3 x 2.

Pelo campeonato citadino, o primeiro Ga-Quá estava empatado em dois gols, quando o árbitro José Paulo Viero marcou um pênalti para os rubros, que realmente aconteceu. Os jogadores do Gaúcho não deixaram que a penalidade fosse batida e retiraram-se de campo. A Liga declarou o 14 de Julho vencedor, por abandono do adversário. No segundo clássico,

o empate foi de 1 x 1, resultado que deu aos quatorzeanos mais um título cidadão.

No final do ano, a imprensa esportiva, para movimentar os clubes, resolveu instituir a Taça da Amizade, a ser disputada em dois ga-quás. No primeiro, vitória em casa do Gaúcho por 1 x 0, gol do lateral Jacy, cobrando falta. No domingo seguinte, na Baixada, os rubros saíram na frente, com 2 x 0, gols de Armando Rebecchi e Plínio Rosseto. O Gaúcho reagiu e empatou, gols de Adilson e Tuta. A partida era violenta e eletrizante. Meca desempatou para o 14, aos 30 do segundo tempo. Faltando 2 minutos para o término da partida, Leitão, de fora da área, empatou novamente. O bandeirinha Dossa anulou a jogada, afirmando que Leitão teria, antes do chute, ajeitado a bola com a mão. Os nervos ficaram à flor da pele. Reiniciada a partida, Meca driblou Jacy, que pela vigésima vez cometeu falta. Meca levantou-se e meteu a mão na cara de Jacy. Armando Rebecchi intervém e mordeu o dedo do lateral do Gaúcho. A invasão de campo, por torcedores, é imediata. Começou uma batalha campal, e a partida terminaria ali mesmo. Sem vencedor ou vencido, a Taça da Amizade desapareceu. Nunca mais ousou-se falar em amizade entre Gaúcho e 14 de Julho.

Terminava mais um ano sem que o Gaúcho superasse o rival. Flávio Araújo deixou a presidência para Eblem Kalil. A estrutura do time foi mantida. Era completar o time principal com mais alguns reservas. O primeiro a chegar foi Papa-Fila, vindo do Grêmio Santo-angelense, e que tinha sido aspirante do Cruzeiro de Porto Alegre. Papa-Fila, logo depois, consagrou-se como um dos melhores zagueiros do interior do Estado, com seu nome próprio, Daizon Pontes. A ele somaram-se Chita, que jogava no Grêmio de Marau, Banana, ponteiro-esquerdo de cruz Alta, Amâncio, do Aymoré de São Leopoldo, Nadir, que jogava no Independente e foi o melhor goleiro da história do Gaúcho, atuando também no Pelotas e Juventude. Por fim, Maneca, lateral esquerdo de grande categoria, capitão do time por vários anos, ex-jogador do Grêmio Porto-alegrense, São José, e que foi contratado junto ao 14 de Julho.

Foram jogadas vários amistosos na pré-temporada, incluindo uma excursão à Santa Catarina, jogando em Videira, Joaçaba e Caçador, com 3 vitórias. O time da excursão, que viajou de kombis da agência Turismo Alvorada, foi Cavalheiro, Maneca, Daizon e Jacy (Nando); Chita (Getúlio), e Prinche (Rafi); Leitão, Ivan, Tuta, Sariba e Banana (Nelson). Outro amistoso sensacional foi contra o Atlântico (que naquele ano seria bicampeão regional), em Erechim. O jogo emocionante terminou empatado

em 5 x 5, gols, Chita (2), Tuta, Délio e Banana, para o Gaúcho, e Uga (2), Índio, Assis e Samuel, para o Atlântico.

O primeiro clássico de 1961, foi no Estádio Wolmar Salton. O Gaúcho estreava o técnico Heitor Moura e o centro-avante Montezzana, vindo do Grêmio de Bagé. O presidente Eblem Kalil e a comissão técnica, resolveram concentrar o time vários dias antes do jogo, na pensão Tagliari, na Teixeira Soares, em frente ao Hospital São Vicente. Todos os esforços seriam compensados se a vitória viesse. Ninguém do Gaúcho aguentava mais perder para o 14. No segundo tempo, Sariba lançou a bola a Banana, que, com categoria, deixou Montezzana livre para marcar o gol da vitória. Foi uma festa, com jogadores e dirigentes indo comemorar no Restaurante Maracanã, famoso e tradicional, na Rua Moron ao lado da agência dos Correios.

O segundo jogo seria no dia 12 de novembro, no Estádio Dr. Celso da Cunha Fiori. Arquibancada e geral abarrotadas de torcedores, os dois times batendo bola, o trio de arbitragem no centro. Repentinamente, o árbitro Wilson Vômero da Silva lança olhares para todos os lados e indaga seus auxiliares:

-Onde está o policiamento?

De fato, não havia nenhum brigadiano no estádio. Assustado e perplexo, o árbitro sentencia com autoridade aos dirigentes:

\_Sem policiamento, não sai jogo de jeito nenhum.

Todos vão embora frustrados e irritados.

No domingo seguinte, a partida sairia mesmo se chovesse. Não choveu, ao contrário, o forte calor deixou o jogo sonolento no primeiro tempo. Um chute de Calé, na trave, e outro de Montezzana, com brilhante defesa de Nelcy, foram as únicas chances de gols. Na etapa final, aos 16 minutos, Moreninho, que fazia sua estreia no alvi-verde, cruzou da direita para a entrada da área, onde estava Montezzana, que encheu o pé, estufando a rede colorada. Gaúcho 1 x 0. Dois minutos depois, o mesmo Montezzana sofreu pênalti de Alceu. Ele mesmo cobrou, decretando a vitória do Gaúcho, por 2 x 0. Após o apito final do árbitro José Pinheiro Borges, a loucura foi geral. Invasão de campo, brigas, gritos, euforia geral pela conquista do campeonato da cidade, após seis anos em poder do inimigo. Jogadores e torcedores percorreram a pé o trajeto entre o Estádio da Baixada até o Wolmar Salton. A confraternização foi à noite, no Restaurante do mestre Aquiles Magro. Os times da decisão. Gaúcho com Cavalheiro, Chita, Amâncio, Daizon Pontes e Maneca; Valentim e Sariba; Moreninho, Tuta (Jacy), Montezzana e Banana. O 14, com Nelcy, Piranha,



Hugo Loss, Alceu e Juca; Heitor Verardi e Leopoldo; Meca, Calé (Saul), Plínio e Biguá.

Depois do jejum de títulos, foi programado um jogo festivo a para colocação das faixas. O paraninfo foi o Cruzeiro de Porto Alegre, do técnico Osvaldo Rolla (Foguinho), do goleiro Picasso e dos atacantes Cangerê e Mauro “Barrilzinho de Pólvora”. O time estrelado chegou, e levou embora Daizon Pontes. Em campo a vitória foi do Gaúcho, por 2 x 0, gols de Banana e Armando Rebechi, contratado uns dias antes junto ao próprio Cruzeiro.

Parecia que o sucesso se repetiria em 1962. Ledo engano. O início até foi promissor. Num golpe de mestre, o presidente Abeí Simão tirou do 14 de Julho, dois grandes jogadores, Meca e Vadecão. As confusões fora do gramado começaram quando Abeí e o ex-presidente Kalil, trocaram farpas em programa de rádio, tendo Abeí Simão renunciado. Assumiu o vice, Adão da Costa Leite, que pouco tempo depois entregou o cargo para Ivo Borcioni, que permaneceu presidente apenas dois meses.

A FRGF, com anuência dos dirigentes dos clubes, elaborou um esdrúxulo regulamento para os campeonatos regionais. Seriam disputados certames citadinos, e apenas o campeão jogaria o regional, com os demais ficando fora. Era um retrocesso para o futebol gaúcho. Em campo o periquito passou fácil pelo Riograndense (profissionalizado naquele ano) e venceu o primeiro clássico, jogando em casa, por 3 x 1. Na decisão realizada em seu estádio, os rubros ganharam por 1 x 0, provocando um terceiro e decisivo jogo, em campo neutro.

O Gaúcho jogou muito mal. Banana e Montezana inexistiram em campo. Hugo cometeu um pênalti desnecessário, e a derrota por 2 x 0 foi inevitável. O treinador Heitor Moura, ao final da partida falou em falta de brios e hombridade de alguns jogadores, e que faria uma “vassourada” no elenco, mas a cabeça que rolou foi a dele.

-Forças ocultas, interesses estranhos e escusos me obrigaram a renunciar.

- Se não pudermos contar com aqueles que nos cercam, em quem encontraremos apoio?

-Aqui há indivíduos que classificamos como peçonhas, que contaminam com seus venenos morais, todos aqueles que se antecipam a seus instintos maléficos.

Não, não é a renúncia do presidente Jânio Quadros. É a renúncia do presidente do Gaúcho, João Maluli, eleito apenas 12 dias antes. Ao contrário de Jânio Quadros, porém, todos pediram a Maluli para que voltasse atrás em sua decisão. Orgulhosamente, um semana depois, ele

voltou. João Maluli era um paulista que poucos anos antes desembarcara em Passo Fundo. Trabalhava com compra e venda de imóveis. Era um homem empreendedor e dinâmico. No futebol, uma raposa das mais felpudas. Suas primeiras ações foram melhorias no patrimônio. Festivamente lançou títulos patrimoniais, campanhas de novos associados, para a construção de piscinas e obras no estádio.

Reforços para o elenco vinham em bandos. Ronaldo, Cazuza, Chicão, Onilto, Getúlio, Peixe, Pelé (não aquele), Orestes, Calé e muitos outros que chegaram e logo voltaram às suas origens. Nomes fortes, o experiente Lara, que já jogara no 14 de Julho, sobrinho de Eurico Lara, um ótimo goleiro, Délio, que voltava ao Gaúcho, mais calejado, um organizador do meio campo, e Wilson Moraes, um craque com todas as letras. Não fosse a vida desregrada que levava fora de campo, seria titular em qualquer grande time brasileiro. O regional voltou a ser disputado com todos os clubes, e o Gaúcho começou muito bem a competição. A perda de dois pontos no tapetão para o Juventude de Guaporé, arrefeceu os ânimos, e as derrotas começaram a ficar mais frequentes. Entretanto, uma vitória sobre o poderoso Atlântico, por 2 x 1, recolocou o Gaúcho na disputa pelo título. Esse jogo foi um dia antes da maior tragédia ocorrida na cidade. A queda de um avião DC3 da Varig, na localidade de São João da Bela Vista, próximo a olaria. Morreram 12 passageiros e a tripulação, composta por 4 pessoas. Foi uma consternação geral em Passo Fundo e um enorme susto nos moradores da Avenida Presidente Vargas, pois o avião num rasante, passou poucos metros acima das casas e dos transeuntes, até se espatifar contra um pé de sapopema. Em meio a competição o Gaúcho perdeu um de seus melhores jogadores, o centro-avante Montezana, que voltou para o Guarany de Bagé. Em contrapartida, ganhou definitivo Moreninho. Ele era aluno do IE e, além do futebol, praticava atletismo. Ele era um velocista, competindo em provas de 100 metros rasos, pelo Grêmio Porto-alegrense. Foi pelo tricolor que Moreninho venceu uma prova em Montevideú, com a marca de 11'2 segundos. Por ter contrato de atleta profissional com o Gaúcho, ele ficava impedido de correr em competições oficiais, pois o atletismo era esporte amador.

O Ypiranga de Erechim, após brigas e brigas nos corredores atapetados da CBD (Confederação Brasileira de Desportos), anulou um jogo que havia perdido para o Riograndense, por 2 x 1. Jogou novamente e venceu por 8 x 0, sagrando-se campeão regional, título tirado das mãos do 14 de Julho. Ao Gaúcho restava sacudir a poeira e tentar dar a volta por cima. 1963 já era passado.

Altino Nascimento, esse era o nome do zagueiro que chegou à Montanha, em 1964. Veterano e com problemas crônicos de lesão, Altino vinha do Cruzeiro de Porto Alegre. Antes, por longo tempo, foi titular do Grêmio. Jogou ao lado de Airton Ferreira da Silva, Noronha, Enio Rodrigues e outros. Viajou pelo mundo em excursões com o tricolor. Altino fez história no Gaúcho. Além de jogador, foi treinador, supervisor, preparador físico, gerente de futebol e até ecônomo do clube. Faleceu em Passo Fundo, cidade que adotou.

No dia 18 de fevereiro de 1964, com a presença do então Governador do Estado, Ildo Meneghetti, o clube inaugurou suas piscinas. Era o xodó da cidade, as primeiras a estarem em pleno funcionamento em Passo Fundo. Dizia-se, na época, que o presidente Maluli estava tão apaixonado pela sua obra, que deixou o futebol de lado. Preocupava-se apenas com o clube social, parte integrante do Sport Club Gaúcho.

Mas tinha uma certa dose de exagero ou maledicência nessa afirmativa, Maluli montara um belo time, que tinha Nadir, Vadecão, Amâncio, altino e Maneca; Wilson Moraes e Santarém; Meca, Olavo, Montezzana (que voltara) e Leitão. O grande desfalque era o craque Sariba, depois de 4 anos no clube. Sariba foi um meia de rara habilidade e goleador. Deixava o alvi-verde pelo Godoy Cruz, da Província de Mendoza, Argentina.

No primeiro clássico, o Gaúcho perdeu por 1 x 0, derrubando o técnico Heitor Moura, que havia sido recontratado e durou pouco mais de 2 meses. Assumiu, a direção técnica pela primeira vez, Altino Nascimento. Wilson Moraes e Santarém foram afastados logo após a partida, e a crise mais uma vez se instalou no clube do Boqueirão, alijando-o da briga pelo título regional, jamais ganho na era profissional. O elenco era espartano, compostos por apenas 13 jogadores. Nos treinamentos, jogadores da várzea completavam o time reserva. Com 3 machucados, não havia treino. O cúmulo aconteceu numa partida em casa, contra o Juventude de Guaporé. A torcida levou um susto, quando viu os jogadores saírem da casinha do zelador, que servia como vestiário, com camisetas azuis. Não havia outro terno de camisas, a não ser as surradas camisetas listradas em verde e branco. O Juventude veio com um só jogo de camisas, também listradas, só que em azul e branco. A correria para arrumar o fardamento emprestado por algum clube da várzea, pouco antes da partida, demonstrava claramente que o futebol do Gaúcho estava um caos. Os torcedores, desconcertados com o vexame encontravam uma maneira de descontrair e ironizar:

-Ainda bem que não arranjam camisas vermelhas.

Apesar dos pesares, Amâncio e Vadecão foram escolhidos para a seleção do campeonato regional. O problema foi assistir ao 14 de Julho fazer a festa pela conquista do campeonato da zona norte e ser semi-finalista do estadual.

Algo mais concreto deveria ser feito para reverter o quadro.

## **OS ANOS DOURADOS**

-Chega de derrotas. Esta diretoria irá revolucionar o futebol do Gaúcho. A partir de agora, esse clube será vencedor.

Com essa frase o presidente eleito Centenário Índio Brasileiro do Amaral iniciou seu discurso de posse, em 1965. Nomes como João Maluli, Arduíno Longhi, Flávio Araújo, Ernani Lampert e Ricardo Santini, ajudavam a compor a diretoria. O vaticínio do presidente realmente aconteceu. Com muitos percalços, é verdade, mas o nome Gaúcho passou a ser acompanhado de vitória.

Nos primeiros meses do ano, Passo Fundo era uma festa só. O campeonato estadual juvenil de futebol de salão (vencido pelo Wallig), foi jogado na cidade. O 14 de Julho trouxe para a colocação das faixas de campeão regional do ano anterior, o tri-campeão gaúcho, Grêmio Portalegrense e sua constelação de estrelas, como Airton, Ortunho, Sergio Lopes, João Severiano, Alcindo e outros. Mais tarde os rubros apresentaram à comunidade o Juventude de São Paulo, o “moleque travesso”, de Silvio Pirilo, Gino Orlando e Hidalgo. No Cine Pampa, o show musical de Nilo Amaro e seus Cantores de Ébano, arrastou multidão.

O Gaúcho foi ainda mais ousado. Aproveitou uma breve excursão da Sociedade Esportiva Palmeiras ao Rio Grande do Sul, e convidou-o para jogar na Montanha. Foi o melhor time, excluindo-se talvez o Internacional do “rolo compressor” e dos grandes times de 75/76, a apresentar-se em Passo Fundo. Num belo domingo, dia 14 de fevereiro, desembarcaram na cidade, craques do quilate de Valdir de Moraes, Djalma Santos (bi-campeão mundial), Djalma Dias, Waldemar Carabina, Ferrari, Zequinha (também campeão mundial), Julio Amaral, Ademir da Guia, Gildo, Servilio, Ademar Pantera, Tupãzinho, Santo, Caravetti e o técnico Nelson Filpo Nunez. Foi uma verdadeira festa no Estádio Wolmar Salton. Abertos os portões ao meio dia, ficou completamente lotado em questão de minutos.

Deslumbrados com tantos ídolos, os dirigentes da Liga e do Gaúcho esqueceram de providenciar a arbitragem. Foi um corre-corre danado. O presidente da Liga, Eduardo Barreiro, conseguiu uniforme para os auxiliares Pedro Rosa (Gradin) e Ary Freitag. O jornalista Meirelles Duarte, em seu carro, levou o árbitro José Paulo Vieiro, até a casa deste, a fim de apanhar o fardamento.

O Gaúcho entrou em campo de branco para que o Palmeiras desfilasse sua gloriosa camisa verde. O jogo foi um luxo de técnica e

habilidade. Logo aos 6 minutos Servilio recebeu um belo passe de Djalma Santos e de fora da área venceu Nadir. Palmeiras 1 x 0. O Gaúcho empatou no final do primeiro tempo, através de Antoninho, após cruzamento de Machado. O arbitro José Paulo Viero, chamou a atenção da imprensa esportiva brasileira ao mandar reverter um lateral cobrado por Djalma Santos. O craque era conhecido por sua maravilhosa técnica e também pela sua cobrança de arremesso lateral, que era jogado com muita força e direção. Era a primeira vez que isso ocorria em sua carreira. Mais tarde o próprio Djalma, em entrevista ao então repórter Jarbas Sampaio Corrêa, admitiu que o árbitro estava correto, pois a impulsão na bola era feita somente com uma das mãos, o que caracterizava a irregularidade. E parabenizou José Paulo Viero. Só em Passo Fundo isso poderia ocorrer. No segundo tempo prevalecendo sua melhor hierarquia técnica, o Palmeiras marcou mais 2 gols, através de Servilio e Caravetti. Terminada a partida, todos ganharam. Foi um domingo inesquecível, com sol brilhante, estádio lotado e futebol magnífico. A partir desse jogo, passo Fundo entraria definitivamente na era do futebol profissional.

Os jogadores prometidos pelo presidente Centenário, para formação de um grande elenco, iam chegando ao técnico Altino Nascimento. E o grupo de jogadores ficou realmente bom. Nadir (um inquestionável goleiro), Carbajal (também goleiro, veio do Aymoré), Machado (chegara em fins de 64, do Flamengo de Caxias), Amâncio (zagueiro de imensa categoria), Daizon Pontes (voltava ao Gaúcho, do Flamengo do Rio de Janeiro. Era para assinar com o 14 de Julho, mas na véspera de sua estreia contra o Juventude, fechou contrato com o alvi-verde), Maneca (capitão do time, marcador insuperável), Adair Bicca (craque vindo do juvenil Grêmio), Gitinha (ex-Grêmio, Brasil de Pelotas e Cruzeiro de Porto Alegre, jogador técnico e experiente), Meca (o nosso Garrincha, o maior ídolo da torcida periquita, Olavo (ex-Brasil de Pelotas, que já estava no clube), Raul Matté (atacante goleador, ex-Flamengo de Caxias), Antoninho (ponta esquerda, ex-Juventude de Caxias, jogador de muita raça), Newton Queiróz (ponta esquerda e meio-esquerda, ex-Flamengo de Caxias), Bira (lateral ex-Ypiranga), Tuta (atacante hábil e veloz, voltava ao Gaúcho, do 14 de Julho), Alvin (lateral, ex-Madureira e Joãozinho (atacante vindo do Pelotas).

Logo após o jogo contra o Palmeiras, calmo e sereno. Repentinamente, os jornais noticiam outra crise diretiva no clube. Impressionante como ao longo de sua história, o Gaúcho conviveu com extensas e cansativas brigas entre seus dirigentes. O Presidente centenário não conseguiu aprovar suas contas, o que gastou e o que se

arrecadou no jogo contra o Palmeiras. Flávio Araújo e Ernani Lampert se demitiram. A pressão era enorme sobre o presidente, que renunciou. O patrono Wolmar Salton interfere para acalmar os ânimos, os diretores demissionários retornaram e o 1º vice-presidente, João Maluli, assume o comando da embarcação que estava à deriva e ameaçava naufragar.

Chegou o regional, e o Gaúcho foi à luta. No primeiro turno, a campanha foi excelente. Vitórias sobre o Riograndense e o Ypiranga, por 2 x 0, sobre o 14 de Julho de Erechim, por 3 x 1, sobre o Tágua de Getúlio Vargas, por 5 x 0, e sobre o Veterano de Carazinho, por 4 x 1. Empatou 3 vezes: com o Atlântico, em 2 x 2, com o Glória de Carazinho, e com o 14 de Passo Fundo, em 0 x 0.

Invicto, veio o retorno, e o alvi-verde começou goleando o Tágua, por 4 x 0. Um empate em zero contra o Veterano, em Carazinho, deixou o periquito dois pontos atrás do 14 de Julho. Antes do clássico, uma vitória apertadíssima contra o Atlântico, por 1 x 0. O Ga-Quá, no meio do retorno, no Estádio da Baixada, teve uma apresentação de gala, e a vitória do Gaúcho por 2 x 1, gols de Raul Matté, e mais 5 bolas na trave. No final, como não poderia deixar de ser, fechou um sururu entre jogadores e torcidas, e a vitória alvi-verde deixou os rivais na ponta da tabela. Na rodada seguinte, Gaúcho tinha um fácil compromisso em casa, frente ao 14 de Erechim, que sequer compareceu, perdendo por W.O. Os rubros foram à Carazinho e passaram pelo Veterano, por 1 x 0.

As agruras passaram para o lado alvi-verde, que tinha pela frente o Ypiranga, em Erechim. Foi uma partida grandiosa. Uma vitória que começava a mostrar ao Gaúcho que a conquista do regional era possível. O alvi-verde vencia por 1 x 0, gol de Gitinha, quando o Ypiranga empatou e começou a pressionar em busca da vitória. Gitinha, Adair Bica e Machado lesionaram-se no ombro, os três. O time jogava com oito jogadores inteiros contra os onze do adversário. Num rápido contra-ataque, a bola foi colocada para escanteio pelo goleiro Alcino, de Erechim. Newton Queiros cobrou, e o volante Barbosinha tirou de cabeça para fora da área. Na intermediária estava Maneca, que na caída da bola pegou de voleio, mandando-a para o ângulo de Alcino, que sequer se mexeu. Um golaço. O Gaúcho resistiu heroicamente os minutos finais e voltou com uma vitória consagrada.

Faltavam 2 partidas para o Gaúcho e 3 para o 14 de Julho. Enquanto os rubros passavam fácil pelo Taguá, por 3 a 0, os esmeraldinos tropeçavam frente ao Glória, em Carazinho, num empate sem gols. Na rodada seguinte, o Rio-grandense foi alvo fácil no Estádio Wolmar Salton, perdendo por 5 a 0, mas o 14 voltou de Erechim com uma vitória por 2 a 1,

contra o Atlântico. Na derradeira volta, o Gaúcho tinha que esperar e torcer, e o 14 pegava o Ypiranga, em Erechim, numa partida atrasada. A situação era a seguinte: 14 de Julho, com 3, e Gaúcho, com 4 pontos perdidos. Se vencesse, o 14 era campeão, mas se perdesse, dava Gaúcho. Em caso de empate, embolava a competição. Todas as atenções da cidade se voltaram aos aparelhos de rádio. O 14 perdia por 2 a 1, até 45 minutos do segundo tempo, quando Lindomar empatou a partida. Um supercampeonato definiria o campeão regional de 65, pela primeira vez na história, Gaúcho x 14 de Julho, na decisão.

As duas agremiações estavam em francos preparativos para a decisão, quando vem a informação da Federação. O Gaúcho deveria jogar a partida ganha por W.O. do 14 de Erechim. Os erexinenses alegaram não terem vindo jogar no segundo turno, porque a estrada estava intransitável, em razão das chuvas (Passo Fundo- Erechim se percorria em estrada de chão batido). Resignado, o alvi-verde entrou em campo, no dia 31 de outubro, e venceu com facilidade o adversário por 4 a 1, gols de Antoninho (2), Amâncio e Raul Matté, descontando Salvador, no finalzinho. Agora sim, de fato e de direito, o Gaúcho dividia a liderança.

Marcada para o dia 7 de novembro, a primeira partida da super competição, não se realizou, devido ao mau tempo. Mais uma semana de angústia e expectativa. Em 15 de novembro, na Montanha, finalmente começava a decisão. O 14 estava melhor em campo, quando aos 31 minutos, Gitinha lançou Adair Bica, que da entrada da área bateu rasteiro, em diagonal, vencendo o goleiro Nelcy. Gaúcho, 1 x 0. O adversário se intranquilizou com o revés, e o Gaúcho, aproveitando-se, marcou e segundo gol através de Olavo, após um rebote da zaga, aos 45 minutos do primeiro tempo. No segundo, foi só fechar-se na defesa e segurar o resultado. Adair Bico foi o melhor jogador em campo.

No dia 21 de novembro, o Estádio da baixada estava completamente lotado para a partida final. Os quatorzeanos massacram a zaga periquita, obrigando Nadir a realizar pelo menos três defesas milagrosas. Aos 10 minutos do segundo tempo, Zoca é derrubado dentro da área, e o árbitro, incontinenti, marca o pênalti. Naninho, um experiente centro-avante colorado que jogava em vários times de primeira linha do futebol brasileiro, como Flamengo, Sport Recife e outros, cobra rasteiro, do lado oposto onde foi Nadir, mas a bola, naquela tarde inimiga do craque, passa do lado da trave, tirando-lhe tinta e indo para fora. Abaladíssimos, os jogadores do 14 perderam em campo. Noé foi expulso, facilitando as coisas para o Gaúcho. Em seguida, num cruzamento de newton Queiróz, a bola bate nas costas de Tuta e entra. Gaúcho 1 x 0. Caiu por terra a



pretensão colorada de tornar-se bi-campeão. Encerrou a partida, começou a festa. Dezenas de automóveis saem a pé de um estádio para outro, atravessando toda a Avenida Brasil. Ao chegarem no Bar Periquito, próximo ao Notre Dame, de propriedade de Ruy Mattos de Souza, acabam com o estoque de cerveja. Era justíssima a comemoração. Gaúcho, campeão regional, zona norte, da 1ª divisão de profissionais.

A luta pelo campeonato estadual de 1965 começou somente em fevereiro de 1966. O primeiro adversário foi o Tamio, em Santo Ângelo. O Gaúcho, com Meca em tarde de gala, jogou muito bem e goleou por 5 x 0, gols de Gitinha (2), Raul Matté, Tuta e Meca. Na partida de volta em Passo Fundo, talvez por menosprezo ao adversário, o jogo foi “encardido”, e a vitória apertada por 3 x 2, gols de Raul Matté (2) e Meca, descontando Gedi. O próximo compromisso era com o terrível São José, de Porto alegre. A primeira partida, em casa, foi vencida pelo alvi-verde por 1 x 0, um golaço de Maneca, da entrada da área, por cobertura. Era a primeira vez que um clube da Capital jogava uma partida oficial em Passo Fundo. No Estádio Passo D’ Areia, nova vitória do Gaúcho, também por 1 x 0, outro golaço, dessa vez de Tuta, após um drible desconcertante que deixou caído o lateral Gilberto Timm.

Só restava a final, contra o Riograndense, de Rio Grande, do técnico Nei Amado, que chegou em Passo Fundo para o primeiro compromisso, afirmando aos jornais que ganharia facilmente a partida. Foi um jogo emocionante. Aos 32 minutos, Meca colocou o Gaúcho em vantagem, mas 7 minutos depois, o goleador Nico empatou, de cabeça. Três minutos mais tarde, Antoninho colocava novamente o alvi-verde na frente, 2 x 1. Aos 43 minutos do segundo tempo, o lateral Machado tentou sair jogando de sua área e perdeu a bola para Bangú, este serviu a Nico que empatou em 2 x 2. O desespero tomou conta da gente periquita e, especialmente de Machado. Na saída da bola, o Gaúcho tentou o ataque e foi beneficiado com uma falta. Maca rapidamente colocou a bola para dentro da área riograndina Machado, entre os zagueiros, corajosamente salta de “peixinho”, marcando o gol da vitória esmeraldina. O craque reabilitado quase pulou o alambrado para cair nos braços dos enlouquecidos torcedores.

O jogo no Estádio Torquato Pontes, em Rio Grande, teve clima de beligerância. A cidade estava em guerra. A pressão em cima do trio de arbitragem, cujo árbitro principal seria sorteado poucos minutos antes da partida, era enorme. Um automóvel com alto-falante percorria as principais ruas da cidade, conclamando a torcida a fiscalizar a arbitragem, dizendo:

-Mário Severo, lembra do dia em que saiu corrido da cidade?

E foi Mério Severo o escolhido.

Chegando ao estádio, os jogadores do Gaúcho sentiram o clima hostil. O péssimo gramado, em cima de terreno arenoso, haveria de ser outra dificuldade. O Riograndense marca aos 18 minutos, e, aos 25, Adair Bica, por cobertura, faz um lindo gol, empatando a partida. Aos 42, Meca faz o segundo, terminando o primeiro tempo com 2 x 1, para o Gaúcho. Logo aos 4 minutos da etapa final, Machado cruza da direita, e Raul Matté de cabeça, marca outro golaço. Gaúcho 3 x 1. Em Passo Fundo, os torcedores saíam às ruas para comemorar. Aí, a torcida local começou a intimidação. Nico faz o segundo para os donos da casa, e Marcos empata, aos 14 minutos. Em seguida, numa confusão no meio campo, os jogadores do Riograndense cercaram Daizon Pontes, Nico bateu com a palma de uma mão na outra e jogou-se ao chão, simulando ter levado um tapa do zagueiro. Mário Severo imediatamente expulsou Daizon. Logo após, Titico faz falta em Antoninho, não marcada pelo árbitro, e Paulo Renato faz 4 x 3 para o Riograndense. No final, Nico marcou o quinto gol para seu time. A prorrogação ficou em 0 x 0.

A decisão iria para os pênaltis. A direção do Riograndense abriu os portões e os torcedores invadiram o gramado, cercado a grande área. O árbitro e seus auxiliares nada fizeram, e as penalidades foram batidas assim mesmo. A partida, por esse fato, era passível de anulação mas nada ocorreu. Na época, apenas um jogador cobrava as cinco penalidades. O primeiro a cobrar foi Nico, que marcou todos os pênaltis, chutando no mesmo canto. Gitinha cobraria para o Gaúcho, cercado de torcedores, gritando e ofendendo-o. O experiente jogador faz todos os gols, obrigando a realização da segunda série. Os demais jogadores do Gaúcho simplesmente ficaram no meio do campo, cercado de policiais, e não assistiram a nenhuma das cobranças. Sabiam se era gol ou não, através da manifestação dos torcedores. Nico foi para a segunda série, e marcou 4 vezes, chutando uma bola para fora. Gitinho, coagido, errou a segunda e terceira cobranças, ambas defendidas pelo goleiro Milton. Os atletas alvi-verdes sabiam que estavam correndo perigo, caso ganhassem o jogo. No vestiário, apesar da tristeza, o clima era de dever cumprido. Na volta a Passo Fundo, os jogadores foram reconhecidamente recebidos como heróis. Gitinha, que na realidade não era cobrador oficial dos pênaltis, mas sim Maneca, que não jogou a partida por estar machucado, foi o mais festejado. Os torcedores sabiam que o time era bom, e que subir para a divisão especial era apenas uma questão de tempo.

Para tentar o bi-regional e uma vaga na divisão especial, o gaúcho reforçou-se com o meia Honorato, de Cruz Alta, jogador guerreiro, de boa

técnica, de movimentação e que gostava de chegar à frente para marcar gols, como de fato fazia. E também com Arthur, um malabarista da bola, dotado de incrível habilidade e domínio, era meia-direita e chegou do Flamengo de Caxias. Em seu primeiro treino, Arthur driblou toda a defesa do time reserva e, ao chegar à frente do goleiro Carbajal, retornou com a bola dominada para fora da área, driblando novamente todo mundo, já na meia lua, virou-se para o gol e colocou a bola no ângulo, como se fosse com as mãos. Era um professor da bola.

A sucessão de vitórias, no regional, era avassaladora, 7 x 0 e 4 x 1 no 14 de Erechim, 8 x 0 e 4 x 1 no Lutador de Estação, 6 x 0 no Atlântico, 3 x 0 e 2 x 0, no Veterano, e 2 x 1 e 4 x 2, no Glória, ambos de Carazinho. Os clássicos Gá-Quá foram partidas semelhante foram partidas semelhantes. O primeiro, jogado no velho Estádio Dr. Celso da Cunha Fiori, foi no dia 10 de julho. Os rubros tinham um excelente time, contando com jogadores como Zangão (ex- Internacional), Roberto, Mariotti, Santarém, Armando Rebecchi e o canhão da serra, Bebeto. Mas foi o Gaúcho quem saiu na frente com o gol de Honorato. Numa bola chutada de longe para a área do Gaúcho, por Zangão, Amâncio cabeceou para trás, enganando Nadir e empatando o jogo, num gol contra. No segundo tempo, Bebeto deixou sua marca de artilheiro, desempatando para o 14. No finalzinho, Gitinha manda um chuveirinho para a área, Mário Carazinho falha e Meca cabeceia estranhamente rente ao chão, mais decreta novo empate, 2 x 2. No minuto seguinte, Mário Carazinho, ao atrasar uma bola curta ao desesperado goleiro Cavalheiro, deixa Olavo na frente do gol, e este não perdoou: vitória esmeraldina por 3 x 2.

O outro clássico foi no Estádio Wolmar Salton, no dia 11 de outubro, e o Gaúcho saiu ganhando com um gol de Arthur. Em 4 minutos, o 14 virou o placar, com Santarém e Bebeto. Na etapa final, Antoninho, de cabeça, empatou, e Raul Matté, faltando pouco tempo para terminar, fez o terceiro. Final, novamente, Gaúcho, 3 x 2.

Os únicos 3 pontos perdidos vieram de Erechim. Derrota para o Atlântico, por 1 a 0, e um empate contra o Ypiranga, em 3 gols. Essa partida foi curiosa. O Gaúcho, no primeiro tempo, deu um “passeio” de bola no adversário e marcou dois gols através de Gitinha. Ao final dessa etapa, começaram os incidentes. O atacantes Waldir deu um pontapé no goleiro Nadir, que permaneceu em campo até o final do jogo lesionado. No início da etapa complementar, Manoelzinho deu um soco em Machado, sem que o árbitro Silvio Lauro Baldino marcasse a falta. No lance posterior, Machado, irritado, chutou Pedruca sendo expulso. Antoninho, após driblar seu marcador Bastos, foi por ele derrubado e, na sequência, o

lateral pisou-lhe criminosamente na perna. O árbitro expulsou o erexinense, mas, pressionado, voltou atrás. Raul Matté marcou um gol, fintando dois adversários. O árbitro, surpreendentemente, anulou o lance. Aos 36 minutos, Olavo recebeu um passe precioso de Maneca e fez o terceiro do Gaúcho. O Ypiranga foi todo para frente e aos 44 minutos, Pedruca marcou o gol de empate. Na comemoração, pendurou-se no travessão, quebrando-o ao meio. Consertado o travessão, depois de 20 minutos, a partida reiniciou. Foi jogado mais 1 minuto e terminou. Aconteceu de tudo naquela tarde.

Tudo ia bem até a derrota contra o Atlântico. Aliás a única. O presidente Daniel Viuniski renunciou, alegando não ter tempo para dedicar ao clube, como gostaria por estar assoberbado de compromissos. Às pressas, elegeu-se nova diretoria, tendo à frente o empresário Aniello D'Arienzo, mais Ricardo Santini, como primeiro vice-presidente, Hélio Bernardon, segundo vice-presidente, Almir Madureira Freire, primeiro secretário, Ruy Rosing, segundo secretário, Ivan Machado Rosado, primeiro tesoureiro, e Flávio Araújo, diretor de futebol. Temendo que o barco afundasse o técnico Altino Nascimento deixou o clube e foi treinar o Ypiranga. O próprio diretor Flávio Araujo, no casamata, e Gitinha dentro de campo, comandavam o time.

Com as casa novamente em ordem, na última rodada, o Gaúcho bateu o Ypiranga, no Estádio Wolmar Salton, por 2 a 1, gols marcados por Amâncio e Honorato, num jogo tranquilo, para o delírio de sua imensa torcida. O clube era bi-campeão regional, chave norte, e, novamente, candidato ao título estadual da primeira divisão de profissionais.

Como no ano anterior, o primeiro adversário foi o Tamoio de Santo Ângelo. Em Passo Fundo, o Gaúcho venceu, por 2 a 0, empatando em dois gols na casa do adversário. O próximo inimigo era o São José, de Porto Alegre. Na capital, o “Zequinha” venceu por 1 a 0, gol do Cigano. Numa quinta-feira, à tarde, realizou-se a partida de volta, em Passo Fundo. A massa torcedora somente sentiu-se aliviada quando, aos 5 minutos da etapa final, Amâncio, de cabeça, após cobrança de escanteio, mandou para as redes. De resto a partida foi monótona. Os dois times se poupavam para a prorrogação, embora o São José se classificasse com o empate. A prorrogação foi emocionante. Logo aos 6 minutos, Raul Matté, de cabeça, fez o gol alvi-verde, para a euforia da galera. Numa tarde em que Nadir e Arthur jogaram tudo o que sabiam, a torcida e os dirigentes, pediam o final da prorrogação, quando Arthur fintou dois adversários e, milimetricamente, colocou a bola no pé de Meca, que mandou uma bomba

para as redes. A festa parecia interminável. Pelo segundo ano consecutivo, o Gaúcho estava numa final do estadual.

Depois da desgastante, com prorrogação, o Gaúcho rumou, na sexta-feira, debaixo de um aguaceiro assustador, para Uruguaiana, jogar a primeira partida da final. Ao chegar na fronteira, o calor era senegalesco. Durante a partida, os jogadores atuavam com pedras de gelo nas mãos para passarem nos pulsos e na nuca. O médico Dr. Elton Ventura, ao tentar socorrer um jogador, sentiu-se mal, tamanho era o calor. O Gaúcho aguentou o que pode, mas aos 40 minutos do segundo tempo, o ponteiro Caio marcou para os donos da casa. No minuto final, Meca ficou sozinho na frente do goleiro Vilson Bagatini (que depois foi árbitro) e, na hora do chute, sentiu uma fisgada na cova, não conseguindo bater na bola. Para a decisão, o ídolo Meca passou a semana toda fazendo tratamento com o massagista Arno Pini, sem poder treinar, sendo dúvida para o jogo. Mas Meca jogou a grande final.

O Estádio Wolmar Salton lotado e sob uma chuva torrencial, vibrou intensamente quando Antoninho marcou o primeiro gol, ainda na etapa inicial. No segundo tempo, o massacre. Raul Matté e Antoninho marcaram, ampliando para 3 a 0. Os jogadores do Gaúcho começaram a poupar-se para a prorrogação. O árbitro Flávio Cavedini, entendendo que eles estavam humilhando o adversário, chegou ao capitão Maneca e exclamou:

- Se vocês continuarem tocando a bola para trás, eu vou expulsá-los.

Não adiantou dizer ao árbitro que eles estavam se poupando. Já que o juiz queria jogo, o Gaúcho marcou mais dois gols. A prorrogação foi um eletrocardiograma. O que era gramado agora estava um lamaçal. O Uruguaiana jogou-se para o ataque e perdeu um gol feito, com Abeguar chutando para fora, na frente de Nadir. No último minuto da primeira fase, Raul enfiou uma bola entre os zagueiros para Antoninho, que dominou e, de virada, mesmo resvalando, bateu à meia altura, no canto do goleiro. Gaúcho, 1x0. O Uruguaiana ainda perdeu o gol de empate, antes de Gitinha acertar uma bomba na trave. Encerrada a partida, a loucura foi geral, dentro e fora de campo. Torcedores, jogavam-se nas piscinas, com roupa e tudo, inclusive dinheiro. A temporada de piscinas foi prorrogada em quase um mês, para a limpeza do barro acumulado. O médico, Dr. Ventura, teve enorme trabalho para atender torcedores ilustres, entre eles Mayno de Carvalho Nobre, o ex-jogador Zica, o patrono Wolmar Salton e outros, que sentiram-se mal. Foi uma festa única e indescritível. Fez-se de tudo em nome da alegria. Finalmente a cidade de Passo Fundo poderia ver os grandes clubes do Rio Grande do Sul em partidas oficiais. A dupla

Gre-Nal agora seria obrigada a jogar em Passo Fundo, o que antes só acontecia em partidas amistosas, com times mistos e abaixo de muito dinheiro. O Sport Club Gaúcho, campeão estadual da primeira divisão de profissionais, entre, definitivamente, no cenário dos grandes clubes de futebol do Rio Grande do Sul.

A cidade de Passo Fundo, orgulhosamente, começou em 1967 com o Gaúcho na divisão especial. O presidente reeleito, Anielo D' Arienzo, e sua diretoria tiveram, inicialmente, que remodelar o estádio Wolmar Salton. As arquibancadas atrás da goleira e defronte ao pavilhão foram erguidas com vigas de trilhos, como o estádio Torquato Pontes, em Rio Grande. Novos vestiários, casamata para os reservas, tudo foi construído para debutar entre os grandes. Como havia finalizado o ano sem treinador, foi contratado Rubens Ruaro, conhecido por Ruarinho, um grande craque do passado, ex-Internacional e Botafogo carioca. Além dele, o jovem goleiro Gigante, vindo do Brasil de Pelotas. Gigante um extraordinário goleiro, em cada time que passava encontrava pela frente outro excepcional concorrente. Foi assim com Gióvio, no Brasil de Pelotas, com Nadir, no Gaúcho e com Negri, no Juventude. Mais tarde, Gigante passou para o futebol de salão, sagrando-se campeão de seleções, pelo Rio Grande do Sul.

Na esteira da grande conquista, o Gaúcho foi convidado a excursionar a Santa Catarina e Paraná. Foram 3 jogos, com derrota para a Sadia de Concórdia, por 3x1, empate em 1 gol, contra o Comercial de Joaçaba e vitória frente ao Toledo, por 3x0, na inauguração do Estádio Municipal. O Gaúcho também foi paraninfo do Atlântico de Erechim, na inauguração dos refletores do Estádio da Baixada. A pré-temporada continuou com dois amistosos. Em casa e fora, contra a Juventude, ambos empatados em 2x2.

A Liga Passo-fundense de Futebol, em homenagem ao paulista Arno Pini, recentemente falecido, e que fora massagista e fisioterapeuta dos clubes locais, além de uma pessoa muito bem quista na cidade, instituí-se a Taça Arno Pini, que seria disputada entre o Gaúcho e o 14 de Julho. A posse definitiva da taça seria do clube que vencesse por 3 vezes consecutivas ou por 5 vezes alternadas. Uma vitória por 3x1, na Tingaúna, e empate em zero a erro, nos clássicos, deram ao alvi-verde o direito de levar a taça provisoriamente para o Boqueirão.

Pouco antes do campeonato iniciar, caiu o técnico Ruarinho. Gitinha, que começava a pendurar suas chuteiras, assumiu o comando do time. Nu rasgo de genialidade, a direção contratou dois de seus maiores jogadores, em sua história. E ainda de quebra tirados do 14 de Julho. O

primeiro foi Roberto, craque cerebral, jogador de meio campo, substituto de Gitinha. Roberto era elegante, jogava com a cabeça erguida, driblador e lançador, tinha grande noção de distância e posicionamento. O segundo chegou na metade do segundo turno, e atendia por Bebeto. O maior goleador da história do clube, apelidado de “canhão da serra”. Seu nome ficará para sempre associado ao Gaúcho. Ambos jogaram várias temporadas no clube, intercalando passagens por outros.

O Rio Grande do Sul e sua grande Imprensa, começaram a conhecer a força da mística camisa verde, no torneio início, aliás o último a ser disputado, no Estádio Olímpico. E o Gaúcho à decisão no final de tarde, justamente contra o Grêmio, papão de títulos, que suplantou o caçula somente nas cobranças de pênaltis.

O mesmo Grêmio, no Olímpico, foi o adversário da estréia. A injusta derrota por 1x0, gol de Alcindo não teria ocorrido, não fosse a desastrada atuação do árbitro Nede Brum Neves, que não validou um gol de Amâncio, salvo por Ari Hercílio, quando a bola já ultrapassara a linha fatal, bem como deixou de marcar um pênalti claro, praticado por Sérgio Lopes, que desviou a bola com a mão, evitando um gol do Honorato.

Adair Bicca, o volante de 65, voltou ao Gaúcho, emprestado pelo Grêmio. A outra contratação foi Geraldo, zagueiro tosco, rebatedor, mas eficiente. A estréia de Bebeto foi contra o Aymoré, na Montanha, e o “canhão” já mostrou seu potencial. Na vitória do Gaúcho por 2x1, ele marcou o segundo gol, após driblar o lateral Luiz Felipe Scolari, passo-fundense, hoje técnico de futebol consagrado.

Ao longo do campeonato, o Gaúcho ia contratando jogadores. Em setembro, o cônsul do Gaúcho em Porto Alegre e seu representante junto à Federação, Gilson Jorge Paz, hoje cronista esportivo em Passo Fundo, propôs a vinda de jogadores promovidos dos juvenis aos profissionais do Corinthians Paulista. Gilson Paz tinha fortes laços de amizade com o presidente corinthiano Wady Helou, e, inicialmente, trouxe do Parque São Jorge, o lateral Jamir e o ponta Wilson, dois grandes jogadores, especialmente Jamir, dono de técnica apurada, tanto na marcação quanto no apoio. Fora de campo, uma pessoa elegante e requintada. Constava na lista dos 10 homens mais elegantes de Passo Fundo, elaborada pelo cronista Décia ilha, e era estudante do curso científico no Colégio Conceição.

O Gaúcho alternou bons e maus momentos no certame, finalizando o gauchão/67 em 5º lugar, excelente colocação.

O ano do cinquentenário do clube, em 1968, haveria de ser festivo e consagrador. E, de certa forma, o Gaúcho acabou consolidando ainda

mais seu nome entre as forças do futebol do Rio Grande do Sul, demonstrando que a colocação do ano anterior não fora obra do acaso. O presidente D' Arienzo manteve o mesmo grupo de jogadores e o técnico Gitinha.

Nas primeiras três rodadas, foram três vitórias, duas em casa, contra o Barroso/São José e Flamengo de Caxias e outra fora contra o Riograndense, de Rio Grande. Nesses jogos marcou 5 gols, todos de Bebeto, liderando a chave, isolado, na frente do Grêmio. No jogo seguinte, uma derrota constrangedora tirou a invencibilidade, o Gaúcho foi goleado pelo Santa Cruz, por 5x0.

O grande adversário de 68, que realmente complicou a vida do Gaúcho, foi o Grêmio. Num domingo de carnaval, o tricolor pisou o gramado da Montanha para uma partida que iria ficar na história. O Grêmio, prevalecendo sua melhor condição técnica, saiu ganhando por 2x0, na primeira etapa. No segundo tempo, porém, o alvi-verde mandou no jogo, encurralou o Grêmio em seu campo, marcou o primeiro gol, e quando faltavam poucos minutos para o término da partida, Bebeto, da entrada da área, na goleira que fica à esquerda do pavilhão, mandou uma bomba. A bola bateu embaixo da trave, picou alguns centímetros além da linha fatal e voltou aos braços do goleiro Arlindo. O árbitro Vilson Vômero da Silva titubeou, mas seu auxiliar, bem postado, correu para o meio campo. O gol foi validado e o Gaúcho empatava heroicamente a partida. Foi então que iniciou a confusão. Os jogadores do Grêmio, liderados pelo goleiro, pressionaram o árbitro, que, acuado, se postava próximo à mesa do delegado da Federação. Lá estava o Sr. Aparício Reis, Delegado de Polícia, pai de Bebeto, pessoa de ilibada conduta, mas com problemas visuais. Entendendo que o árbitro anulava o gol, seu Aparício lascou um tapa no rosto de Arlindo, que usava uniforme preto, pensando tratar-se do árbitro. Ao desferir o tapa, o casaco que Seu Aparício usava abriu-se e, debaixo, luziu o seu revólver. Foi o que bastou para que o Imprensa de Porto Alegre promovesse uma tremenda alaúza. Os ânimos foram logo serenados, mas os repórteres e narradores afirmavam aos seus ouvintes que o pai de Bebeto entrara em campo com o revólver em punho, dera um tiro para o alto, forçando o árbitro a validar o gol irregular do Gaúcho. Na segunda-feira, s Folha da Tarde Esportiva, jornal da Cia. Caldas Junior, abriu uma manchete, dizendo: "Empate justo com o gol duvidoso em Passo Fundo". O colunista Antônio Carlos Porto começou sua coluna afirmando:

- "... e ainda se usa revólver no futebol do interior".



Tentaram, de todas as formas, justificar o empate do Grêmio, defenestrando o Gaúcho e o povo de Passo Fundo.

No retorno, no Olímpico, a volta veio da pior forma possível. À tarde, o presidente D' Arienzo, ao chegar da Federação, encontrou o antigo zagueiro do Grêmio, Xisto, que lhe deu a seguinte mensagem:

- Cuidado que estão aprontando para vocês hoje à noite.

Ao entrarem no campo, os jogadores do Gaúcho se surpreenderam com o aviso do grande jogador João Severiano, um exemplo de ética, que lhes disse a mesma coisa. E não deu outra. O Grêmio jogou tudo o que pôde e o árbitro Agomar Martins expulsou o zagueiro Geraldo ainda no primeiro tempo. Consignou o segundo gol gremista, marcado por Loivo, em completo impedimento, e o clube da Azenha começou a acumular gols. Gitinha havia feito as duas substituições regulares (foi em 68 que a FIFA autorizou duas substituições por partida, a qualquer tempo), Machado, caíram em campo, simulando lesões. A partida acabou aos 38 minutos do segundo tempo, com o placar de 8x0. Seguramente, foi o maior vexame da história do clube.

De qualquer forma, o Gaúcho classificou-se para o octogonal final. Gitinha já não era mais o técnico. Deixou o cargo após a derrota para o Grêmio e voltou a jogar, agora pelo 14 de Julho. O treinador do time passou a ser Marcos Eugênio Gomes da Silva, vindo das categorias menores do Internacional. Consigo, trouxe um cracão de bola, o meia Zangão, excelente cobrador de faltas e goleador. Outro que aportou no Boqueirão foi João Pontes, do Veterano de Carazinho. Formou uma das mais famosas e temíveis duplas de zaga do interior do Estado, com seu irmão Daizon. O veteraníssimo ponta-esquerda Banana e o novato Serginho, ex-Independente, que também jogava no IE, foram os outros reforços. Serginho marcou época na década de 70, como um moderno jogador de esquema. Tinha boa técnica e foi utilíssimo ao Gaúcho e, mais tarde, ao Caxias. Como último reforço, um ponteiro-esquerdo razoável e polêmico, vindo das categorias de base do Internacional, chamado Ernesto Guedes.

No dia 12 de maio, dia dos 50 anos, o Gaúcho, que no início da temporada falava em trazer para a festa o Cruzeiro de Minas Gerais, de Tostão, Piazza e Dirceu Lopes, contentou-se em jogar pelo gauchão contra o Cruzeiro de Porto Alegre. O time estrelado tinha vários jogadores em fim de carreira, como Airton Ferreira da Silva, Henrique (goleiro), o lateral Ortunho, os pontas Marino e Vieira e o quarto-zagueiro Cláudio Dani. Foi um festival de gols perdidos pelo Gaúcho, frustrando a torcida no dia de seu aniversário, empatando em 0x0.

No final da competição, o Gaúcho finalizou em sétimo lugar, entre os 16 participantes.

A fama de goleador Bebeto já ultrapassava as fronteiras do Rio Grande. Clubes como Ypiranga de Erechim, o Bangú do Rio de Janeiro, o Metropól de Criciúma, o São Paulo e o Corinthians, passaram a assediá-lo. E foi o “Timão” quem levou o goleador. Porém, a novela da venda de Bebeto estava longe de terminar. Duas semanas e dois jogos depois, ele voltava a Passo Fundo. Não adiantaram os apelos vindos de São Paulo, nem a imagem que fez o técnico Oswaldo Brandão, treinador alvi-negro, à Capital do Planalto. Bebeto não quis saber do Parque São Jorge. Aí, passou-se a falar em Cruzeiro de Minas, Grêmio e Internacional, como os novos interessados no artilheiro. Ele foi para o Beira-Rio disputar o Roberto Gomes Pedrosa (antiga denominação do campeonato brasileiro) em setembro e voltou para o Wolmar Salton em dezembro. Ocorre que o centro-avante do Inter era Claudiomiro, em excelente fase, e Bebeto ficava na reserva ou era escalado na ponta-esquerda, posição que ele detestava e não conseguia jogar bem. O técnico Daltro Menezes nunca o colocou em sua real posição.

Em 1969, o Gaúcho já não era mais o centro das atenções da mídia esportiva de Passo Fundo. Tinha a incômoda companhia do 14 de Julho, na divisão especial. No campeonato, cada um foi para uma chave. O Gaúcho, para a chave A, juntamente com Internacional, Juventude, Santa Cruz, Pelotas, Farroupilha, Novo Hamburgo, Cruzeiro e o São Paulo de Rio Grande. Altino Nascimento, a exemplo de Bebeto, havia saído do Gaúcho, mas voltara. Agora, do Ypiranga. O zagueiro Geraldo foi para o Gurany de Bagé, o lateral Machado, para o 14 de Julho, e o meia Roberto recebeu magnífica proposta do Ypiranga indo para Erechim. Foram as primeiras baixas. Para compensar, chegaram ao Boqueirão o zagueiro carioca Adílson, o ponteiro Ramiro, vindo do Taguá, e índio, meio-campista exuberante, ex-juvenil do Internacional, com rápida passagem pelo Santa Cruz.

O campeonato começou bem para o Gaúcho, que venceu o Juventude por 3x1, com Bebeto marcando gol antológico. Após receber um passe de Zangão, pelo alto, deu um balãozinho em Roberto Silva. Na caída da bola, outro balãozinho, em Roberto Fernandes. Quase sem ângulo, de voleio, desferiu um petardo, no ângulo de Gigante, que nem a viu passar. Outro gol de placa foi marcado por Meca, contra o Novo Hamburgo, na vitória por 2x1. Meca recebeu a bola pela ponta direita, driblou cinco adversários em direção à área e, na saída do goleiro,

encobriu-o com um “biquinho”, por baixo da bola, mandando-a para as redes.

Classificado para o octogonal final, o Gaúcho perdeu Beбето, desta vez para o América do Rio de Janeiro. Para o seu lugar foi contratado Marciano, que em sua carreira defendeu mais de vinte clubes, alguns como Internacional, Náutico, Flamengo, Bahia, Ceará, sendo sempre goleador. No Gaúcho, permaneceu aproximadamente quatro meses e marcou somente 2 vezes. Um dos pontos positivos do alvi-verde, em 1969, foi a fixação do antes atacante Raul Matté, como centro-médio, pelo técnico Altino. Raul foi, por muitos anos, capitão e símbolo da raça periquita. E tudo começou com uma improvisação, no Beira-Rio, no retorno da fase final. O Internacional venceu por 1x0, mas Raul foi considerado o melhor em campo. Aliás, passou a ser rotina. Antes, na fase de classificação, foi o próprio Raul, ainda atacante, quem marcou o gol de empate, aos 44 minutos do segundo tempo, contra o Inter, em Porto Alegre. Raul sentia-se bem jogando no Beira-Rio.

O torneio Roberto Gomes Pedrosa atrapalhou o Campeonato Gaúcho. Uma determinação do CND (Conselho Nacional do Desporto) proibia jogos noturnos em dias úteis e as rodadas realizavam-se, nas duas competições, somente aos sábados e domingos. O Gaúcho jogou a penúltima partida do Gauchão no dia 5 de outubro e voltaria a jogar somente no dia 7 de dezembro, contra o Grêmio. Nesses dois meses, o time se desmanchou. Zangão e Ramiro estavam fazendo testes em clubes do São Paulo – Rio de Janeiro. Flávio e Serginho, em Cruz Alta. Marciano e João Pontes, de contratos rescindidos e Jamir, desaparecido.

O Internacional, terceiro interessado no resultado do jogo, mandou para o Gaúcho o técnico Marcos Eugênio, em substituição a Altino, que fora para o Ypiranga. O presidente Anielo D’Arienzo, o diretor de futebol Nilo Salton, mais o técnico do infantil do Inter, Ernesto Guedes, viajavam à procura dos jogadores. Todos voltaram, menos Jamir. O reserva imediato do lateral era o veterano Maneca, que ainda tinha contrato com o clube, mas pouco treinava. Maneca era funcionário em tempo integral da Agência Ford, em Passo Fundo. Mesmo assim, fora de forma e sem ritmo de jogo, Maneca entrou em campo. O técnico do Grêmio, Sérgio Moacir Torres Nunes, espertamente colocou o veloz ponteiro Flexa, mais o ponta-de-lança João Severiano, em cima de Maneca e, passados 15 minutos, o Grêmio já vencia por 2x0. Percebendo tardiamente o furo, Marcos Eugênio colocou um jogador na cobertura do lateral, que cresceu na partida, e o alvi-verde equilibrou o jogo. No segundo tempo, o Gaúcho mandou em campo e por pouco não fez os gols necessários para empate. Dois dias

após, Jamir apareceu em Porto Alegre, dizendo que não jogaria mais no Gaúcho, pois estava com salários atrasados, o que foi desmentido pelo presidente D' Arienzo. No ano seguinte, Jamir foi contratado pelo Grêmio. Na época, e até hoje, comenta-se que o cônsul do Grêmio em Passo Fundo escondeu o jogador em sua chácara, a pedido da direção tricolor. Jamir permaneceu pouco tempo no Grêmio, sumindo da mídia esportiva desde então.

## **CRISES E GRANDES TIMES**

Depois de três anos e meio na desgastante condição de presidente do clube, Anielo D' Arienzo entregou o cargo, em 1970, a outra grande vulto da história alvi-verde, Hélio Bernardon. Nilo Salton permaneceu na direção de futebol e, nessa condição, trouxe um nome desconhecido dos passo-fundenses para treinar o time, Sílvio Scherer, ex-jogador e treinador do Aimoré de São Leopoldo. Houve uma reformulação no elenco de jogadores. Bebeto, que já havia voltado ao Gaúcho, foi novamente vendido, ao Grêmio Porto-alegrense, ficando fora de Passo Fundo por quase dois anos. Luiz Antônio, índio, Flávio, Honorato e Ramiro deixaram o clube. Maneca encerrou a carreira.

O bom relacionamento com o Internacional vinha de muitos anos e estreitou-se na decisão do ano anterior. Então foi formalizada uma espécie de parceria entre os clubes. Os jogadores saídos dos juvenis (não existia categoria júnior) do colorado, não aproveitados no time principal vinham por empréstimo gratuito ao esmeraldino, adquirindo experiência para, quem sabe, voltarem ao Beira-Rio. Foram chegando ao Wolmar Salton o goleiro Telmo, os zagueiros Paulo Fraga e Paulo Gonçalves (este último conhecido também por Paulo Garça), o lateral Luiz Carlos, o atacante Rubens e o ponteiro Canhoto. Paulo Roberto e Edson também vieram, mas não ficaram. Todos eram bons jogadores, especialmente Luiz Carlos, até hoje residindo em Passo Fundo, um jogador de extrema habilidade e sentido de marcação, Rubens, atacante, homem de área, embora de pequeno porte, no estilo Romário, que antes de largar o futebol cedo, para ser executivo de uma multinacional, voltou ao Internacional. E Canhoto, que chegou a ser titular do Inter, posteriormente.

Era uma equipe jovem, mesclada de jogadores experientes, como Nadir, os irmãos Pontes, Raul, Meca e Olavo, que retornava mais uma vez ao clube. Talvez a escolha do treinador não tenha sido muito feliz, vez que o Gaúcho, pela primeira vez desde sua ascensão à divisão de honra, deixou de classificar-se para a fase final do campeonato. Já no mês de junho estava na inatividade.

A Federação Gaúcha de Futebol resolveu então promover um torneio entre os clubes desclassificados, denominando-o "Taça Everaldo Marques da Silva", em homenagem ao atleta do Grêmio, recém campeão mundial no México. O Gaúcho estava sem treinador e a maioria dos jogadores, muitos emprestados, haviam ido embora. Buscou dois atacantes para completar o grupo no futebol amador, Carmo e Pinduca. O

técnico foi Romeu Bonissoni, o Bauer, que, inteligentemente, com os jogadores que tinha em mãos, armou um time forte taticamente e foi campeão, com 3 vitórias, 1 empate e 1 derrota. Na semi-final, o jogo contra o Farroupilha de Pelotas foi no Beira-Rio, preliminar de Inter e Flamengo, e o nome do jogo foi Carmo, que marcou os dois gols da vitória. Afinal, frente ao São José, foi no Olímpico, preliminar de Gre-Nal, e a vitória foi suada, apenas 1x0, gol de pênalti marcado por Zangão. O próprio Everaldo entregou a taça ao capitão Raul Matté. O Gaúcho conquistou mais uma competição estadual.

Próximo ao final do ano, uma tristeza. A despedida de Meca, grande ídolo da torcida. O “Mequinha” resolveu largar a bola e dedicar-se apenas ao trabalho na Transportadora Sulina, o que já fazia paralelamente ao futebol. Foi uma partida simples, contra o União, campeão amador, assim como simples é Meca, até hoje. O Gaúcho perdia um craque e ganhava mais um torcedor fervoroso.

Na primeira reunião, realizada pela diretoria do clube, em 1971, foi redigido ofício à Federação, solicitando o licenciamento do Gaúcho, por uma ano. Alegava que o campeonato, antes marcado para iniciar em março, fora antecipado para janeiro. Desta forma, não havia tempo nem dinheiro para a montagem do elenco e estruturação do departamento de futebol. O documento foi assinado por pesos-pesados do Conselho, como seu presidente Honorino Malheiros, o presidente do clube, Hélio Bernardon, conselheiros e ex-presidentes, como Armando Menegaz, Jorge Berthier de Almeida, Alceu Mantovani, Edson Teiss, Norberto Jost, Naum Schwartzmann, Jorge Alberto Pilar Bandarra, Érico Ferreira, Nilo Salton, Pedro Bertagnoli, Décio Burlamaque, João Wairich e o patrono Wolmar Salton. Como o 14 de Julho ameaçava fazer o mesmo, as autoridades municipais, tendo à frente o tenente-coronel Edú Villa de Azambuja, comandante do 1/20ºRC, tentaram uma fusão, com o nome de União Passo-fundense de Futebol. Tal idéia foi imediatamente rechaçada.

O presidente da FGF, Rubens Hoffmeister, veio a Passo Fundo num avião fretado, tentar demover os clubes da ideia de fecharem. Conseguiu seu intento com o 14 de Julho. O Gaúcho pediu um pequeno prazo para decidir. Na reunião que decidiria os destinos do clube, houve uma grandiosa e emocionante manifestação de apoio. Mais de 300 torcedores compareceram. João Maluli, mais uma vez assumiu a presidência, com Flávio Araújo como homem de futebol, José Mário Lima Cruz como presidente do conselho deliberativo. O Gaúcho, mais fortalecido do que nunca, continuaria no futebol.

Ramos da Luz, ou simplesmente Machado, ex-lateral do clube, assumiu a direção técnica e tornou-se um dos melhores treinadores da história do alvi-verde. Alguns jogadores do ano anterior, mesclados a jovens promessas do nosso futebol amador, além de outros reforços que vieram durante o ano, formando o primeiro grande time da década, com, Cavalheiro (Carlos Alberto), João Pontes, Oswaldo, Daizon Pontes e Luiz Carlos; Raul e Olavo (Roberto); Tadeu Baurú (Leivinha) ou Cid, e Antoninho.

O gauchão tinha 24 clubes jogando em turno único entre si, para classificarem-se apenas 8 à fase final. O Gaúcho, perdendo apenas 4 jogos, disputou o octogonal, terminando a competição em sexto lugar. A revelação do ano foi, sem dúvida, Luiz Freire, meia-direita rápido, hábil e goleador, que consagrou-se jogando em grandes times brasileiros.

No final do ano, o clube fez uma excursão ao Paraná, jogando quatro partidas e perdendo apenas uma, para o Colorado (hoje Paraná Clube), que já disputava o campeonato brasileiro. Foi um ano muito feliz para a torcida, que ainda recebeu um belo presente de Natal: a volta de Bebeto.

Em 1972, o Gaúcho foi submetido a uma maratona de jogos, em duas competições. Começou empatando com o Esportivo, em Bento Gonçalves, a primeira fase do Gauchão. No seu grupo estavam Ypiranga, o 14 de Julho de Passo Fundo e o Tamoio de Santo Ângelo. Foi tranquila a participação alvi-verde, que obteve 5 vitórias e 3 empates. A partida mais eletrizante foi contra o Ypiranga, no estádio Wolmar Salton, numa chuvosa tarde de sábado de carnaval. Sobraram emoções quando, no começo do jogo, o Ypiranga quase marca através de Téio, com a bola passando pelo goleiro Carlos Alberto e, caprichosamente, parando numa poça d'água, quase na linha do gol. Aos 39 minutos, Bebeto pega uma bomba da entrada da área, a bola passa pelo goleiro Valdir e Cuca rebate na linha fatal. Na volta, Luiz Freire pega o rebote e bate. Mujica, postado atrás do goleiro, salva o gol, mas a bola sobra outra vez para Bebeto, que, na terceira oportunidade, enche as redes do Ypiranga. No segundo tempo, Rubens empatou. Aos 24 minutos, Ariovaldo colocou o alvi-verde em vantagem e, 4 minutos após, Pedruca novamente iguala o placar. Aos 39, Bebeto, de falta, faz 3x2 para o Gaúcho e, aos 42, Rubens faz o terceiro gol erechinense, decretando novo empate, 3x3. Saída de bola, e o Gaúcho ganha um escanteio, batido por Luiz Freire na cabeça de Daizon Pontes, que gira com força, mandando a bola fora do alcance de Valdir. Gaúcho, 4x3. O Gaúcho venceu com Carlos Alberto, Gringo, Oswaldo, Daizon Pontes e Luiz Carlos; Raul e Roberto; Tadeu Baurú (Olavo), Luiz Freire,

Bebeto e Ariovaldo. O Ypiranga vendeu caro a derrota com Valdir, Getúlio, Mujica, Cuca e Cláudio; Zico e Rubens; Téio, Borjão, Pedruca e Auro (Jorge). Campeão invicto da chave A, o Gaúcho classificou-se para o decagonal final do gauchão com Internacional, Grêmio, Novo Hamburgo, Aymoré, Brasil de Pelotas, Cruzeiro, Santa Cruz, Associação Caxias e Esportivo. Foi um primeiro turno auspicioso, incluindo um empate sem gols contra o Internacional, e um segundo turno irregular, de apenas duas vitórias, terminando o campeonato na sétima colocação.

Com Wolmar Souza no comando técnico do time, no lugar de Machado, o Gaúcho disputou no segundo semestre a Copa Governador do Estado, instituída um ano antes, e que desta feita pré-classificaria os times para o campeonato estadual do ano seguinte. O Gaúcho finalizou a Copa Governador em terceiro lugar. Além das boas colocações nas duas competições, o clube revelou o “coringa” Zé Augusto, irmãos mais novo de Luiz Freire, um excelente jogador. E trouxe do combalido 14 de Julho, que licenciou-se naquele mesmo ano, um lateral que viria a ser um símbolo do clube. Símbolo da raça, da garra, do amor à camiseta, da alegria contagiante. Um amigo verdadeira, um ser humano da melhor espécie, humilde, simples e bondoso, chamado Artur Nicolodi de Oliveira, ou simplesmente Gringo, falecido em 1997. Estes foram os grandes trunfos do alvi-verde, em 1972.

No começo de 1973, dois grandes jogadores deixaram o Gaúcho. Roberto, que foi para o Guarany de Bagé, e Oswaldo, para o Atlético de Carazinho. Ainda perdeu Adílson, zagueiro que faleceu vítima de acidente de trânsito no Rio de Janeiro, sua terra natal. Para treinar a equipe, Maluli foi buscar em Santa Catarina Lucio Fleck da Rosa, que além de conhecer futebol era uma pessoa maravilhosa, calma e sincera. Após ter saído do Gaúcho, Lucio permaneceu em Passo Fundo, vindo a falecer pouco depois, de ataque cardíaco.

Alegando dificuldades financeiras no clube, João Maluli renunciou, três dias antes do jogo contra o Internacional, pela terceira rodada do gauchão. Foi um alvoroço na cidade. Das reuniões para administrar mais uma crise na vida do clube, surgiu uma alternativa inusitada. Um colegiado composto pelos conselheiros Antônio Loureiro Kruehl, que ficou na presidência, Hélio Bernardon, Danilo Zimmermann, Nilo Salton, Armando Menegaz e Nilo Fernandes, assumiu os destinos do Gaúcho. No domingo, em campo, comandados por Raul Matté, empatou com o poderoso Internacional de Figueroa, Carpegianni & Cia., por 1x1. Aliás, o Inter arrancou o empate a muito custo no segundo tempo.



Com um grupo de apenas treze jogadores, o clube foi contratando durante o campeonato. Chegaram Getúlio, ex-Cruzeiro, Raul Santos, ex-Força e Luz, Paraná, ex-Cruzeiro de Rio do Sul, e outro grande time foi montado: Carlos Alberto, Gringo (Zé Augusto), João Pontes, Daizon Pontes e Luiz Carlos; Raul Matté e Paraná (Getúlio); Leivinha, Luiz Freire, Bebeto e Serginho. O ataque tinha o apelido de “Ataque Acadêmico”, pois todos eram universitários, Luiz Freire cursava Medicina e os demais Educação Física.

No primeiro turno do gauchão, o clube foi o campeão do interior, ficando atrás somente da dupla Gre-Nal. No segundo, foi um festival de empates, nada menos que sete em onze jogos. Na penúltima rodada, o Gaúcho foi ao Beira-Rio jogar uma partida decisiva contra o Internacional, que, vencendo, tornar-se-ia penta-campeão estadual, independente do clássico Gre-Nal da última rodada. O Grêmio queria chegar vivo ao clássico e prometeu o famoso “bicho extra”, de 20 mil cruzeiro, para os jogadores periquitos em caso de empate. Por pouco não colocaram a mão no dinheiro. Numa partida nervosa, com o Gaúcho muito bem armado na defesa e combativo no meio-de-campo, o Internacional procurava de todas as formas a marcação do gol. Segundo o capitão Raul Matté, o árbitro Agomar Martins, antes da partida começar, antecipou-lhe:

- Não adianta vocês fazer cera, vou dar cinco minutos de acréscimos, independente do andamento do jogo.

No que Raul lhe respondeu:

- O senhor não pode dizer isso agora, sem saber se serão necessários.

O gol colorado de Djair. De cabeça, após cruzamento de Valdomiro e passe também de cabeça de Escurinho, aconteceu aos 49 minutos do segundo tempo. O desespero tomou conta dos atletas do Gaúcho. João Pontes rasgou a rede e, abraçando-se à Carlos Alberto, choraram copiosamente. Daizon bradava aos repórteres de rádios e jornais que a vitória tinha sido de Agomar Martins. O Gaúcho saiu de campo de cabeça erguida e o Inter festejou mais um título.

De qualquer forma, o quinto lugar no campeonato estadual, foi uma grande colocação. Bebeto, Luiz Freire, Leivinha e Carlos Alberto foram convocados para a Seleção Gaúcha do Interior. Luiz Carlos foi eleito o melhor lateral-esquerdo da competição e Bebeto, o artilheiro isolado com treze gols.

A partir de agosto, disputou-se a Copa Governador, com o alvi-verde realizando excelente campanha, ficando em terceiro lugar. Para esta competição, o Gaúcho contratou dois bons jogadores, considerados

bizarros pela torcida. O primeiro foi Telo, meia habilidoso vindo de Lajeado, que não tinha o ante-braço direito. O outro, Mosquito, ponteiro rápido, driblador, atarracado e com cerca de um metro e meio de altura.

Mosquito, num jogo contra o Ypiranga, em Erechim, pela Copa Governador, foi o único jogador entre os 22, e mais os reservas dos dois times, a não ser expulso do campo. Aos 42 minutos do primeiro tempo, num escanteio para o Gaúcho, o goleiro Valdir agrediu Daizon Pontes, sendo expulso pelo árbitro Hedo Porto Alegre. Ao sair de campo, arrancou a bandeirinha de escanteio e voltou irado para o gramado. Começando uma briga generalizada. Mosquito, ao lado do trio de arbitragem, assistiu a tudo, sem se meter. O ano de 1973 ficou marcado na história do Gaúcho.

Quantas coisas aconteceram com o Gaúcho em 1974! Primeiro, foi a contratação do temperamental e irrequieto treinador Ernesto Guedes, em início de carreira. Embora grande conhecedor do esporte, Ernesto não resistiu a 4 jogos sem vitórias e foi demitido. O presidente Antonio Loureiro Kruehl, resolveu o problema com uma solução doméstica. Novamente, Altino Nascimento ia para a casamata.

A classificação para o decagonal final do campeonato estadual foi das mais dramáticas. Havia apenas uma vaga em disputa e três pretendentes a ela. Novo Hamburgo e São Luiz de Ijuí tinham 2 pontos a mais que o Gaúcho e melhor saldo de gols. A esperança avil-verde era que o Novo Hamburgo pegaria o Caxias e o São Luiz, o Encantado, ambos fora de casa. O adversário era o Pratense, no Estádio Wolmar Salton, teoricamente uma tarefa mais fácil. Os jogos começaram as 15 horas, menos em Encantado, adiado para as 15 horas e 30 minutos. A Montanha estava lotada de torcedores grudados nos radinhos de pilha. Quando Leivinha marca o primeiro do Gaúcho, o Caxias sai na frente. Bebeto, no primeiro tempo, marca o segundo, mas o Novo Hamburgo empata. Antes do término da etapa inicial, o Caxias passa novamente a frente, mantendo as esperanças dos torcedores. Logo aos 15 minutos do segundo tempo, Bebeto faz o terceiro e o Gaúcho estava cumprindo sua parte. Repentinamente, os torcedores explodem de alegria, quando o Encantado faz o primeiro e, logo após, o segundo. Os jogadores do Gaúcho, mais a vontade, sabendo dos resultados paralelos, fazem mais 2 gols, através de Leivinha e do artilheiro Bebeto. Na fria e chuvosa tarde (os grandes momentos do Gaúcho foram com tempo ruim), de 16 de junho de 1974, a emoção e a alegria novamente transbordaram no Estádio Wolmar Salton.

Na decagonal, uma série de maus resultados derrubou o treinador Altino. Em seu lugar foi encontrado Antônio Carlos Lemos Santarém, que marcou sua brilhante carreira, como jogador justamente pelo rival 14 de

Julho. Na sua estréia contra o Internacional, em Santa Maria, aconteceu o pior. O Gaúcho começou bem a partida e Paraná fez 1x0, numa tabela com Bebeto. No segundo tempo, Lívio colocou a mão na bola pelo menos a um metro da grande área. O árbitro José Luis Barreto erroneamente marca pênalti. Após muita discussão, Tadeu Menezes chuta a penalidade para fora. Alguns minutos após, numa disputa de bola entre Daizon Pontes e Edson, o atacante de Santa Maria joga-se ao solo e Barreto marca novo pênalti. Tomado por uma fúria descomunal, Daizon Pontes parte para cima do árbitro e lhe desfere dois potentes socos derrubando-lhe ao chão. Daizon nem esperou o cartão vermelho, recolhendo-se ao vestiário. Todo o estádio ainda está perplexo, quando, na sequência, Leivinha chuta a bola propositalmente de encontro ao árbitro, sendo também expulso. Ao dirigir-se ao vestiário, Leivinha ouve os brigadianos dizerem que iriam prender Daizon em flagrante delito. Mais rápido, chega ao vestiário e diz:

- Grandão (referindo-se a Daizon), vamos em borá que os brigadianos vão te prender.

Daizon arrombou a porta dos fundos e os dois saíram em desabalada carreira. Pularam o muro do Estádio Presidente Vargas e mais alguns muros de casas vizinhas, perseguidos por cachorros, até encontrarem o torcedor do Gaúcho, Wilson Pinto, que os procurava com sua camionete Variant. Foram até a cidade de Julio de Castilhos, onde ficaram aguardando a delegação num posto de gasolina. Lá encontraram pessoas que os reconheceram e até cumprimentaram Daizon pela atitude. O resultado do jogo foi de 3x1 para o Internacional, mas ele não mais interessava. Daizon Pontes, de brilhante trajetória no Sport Clube Gaúcho, foi suspenso por 18 meses, dos quais cumpriu 12, e foi anistiado. Voltou a jogar no Guarany de Espumoso e encerrou a carreira no 14 de Julho de Passo Fundo.

O caos novamente se instalou pelos lados do Boqueirão, em fins de 1974. O presidente Krueel, já há 2 anos no cargo, não admitia continuar, de jeito nenhum. Nilo Salton e Hélio Bernardon, consultados para assumirem a presidência, saltaram longe. Já falavam em licenciamento, quando o presidente do Conselho Deliberativo, José Mário Cruz, sugeriu o nome do representante comercial e fervoroso torcedor Wilson Pinto. Ele só não aceitou em razão da falta de poder político entre os conselheiros. Finalmente chegou-se ao nome do Major Manoel Rodrigues Cordeiro. Ao entrar o Major, o dirigente Pedro Batista Nunes, o técnico Santarém e ao fisicultor Cleuer Miranda saíram.

Crises, brigas, boatos e indefinições, antes do campeonato começar. No fim de janeiro, 15 dias após a posse, o presidente renunciou,

em caráter irrevogável, alegando falta de colaboração. Novas reuniões para arregimentar forças e conseguir alguém que assumisse o cargo. No dia 4 de fevereiro, na churrascaria do clube, as conversações convergiam para o licenciamento, quando uma voz se insurgiu veementemente contrária. Era a do fanático torcedor Ruy Mattos de Souza, dono de um estúdio fotográfico e de um time de futebol de salão que disputava o campeonato estadual. Ele tinha ido a reunião como torcedor e também para registrar fotograficamente os acontecimentos. Ao ouvir as ponderações de Ruy, alguém sugeriu aleatoriamente:

- Se achas que dá para continuar com o futebol, porque não assumas a presidência.

- Aceito, respondeu Ruy, para a surpresa de todos.

Assim, Ruy Mattos de Souza tornou-se o presidente alvi-verde, talvez o mais corajoso da história do clube.

Para começar, Ruy verificou que os antigos dirigentes não haviam enviado documentação à FGF, manifestando interesse na renovação dos contratos dos principais jogadores que ficaram com passe livre, por erro administrativo. Nada menos que Evonir, Leivinha, Bebeto, Eduardo, Carlos Alberto, Zé Augusto e João Pontes ficaram sem vínculo com o clube. Deles, apenas Bebeto e João Pontes permaneceram. Luiz Carlos foi vendido para o Atlético de Carazinho, e Daizon Pontes estava suspenso.

O presidente trouxe de volta o técnico Santarém, e juntos viajaram em busca de jogadores para a formação do time. Ao chegarem em Porto Alegre, foram informados, na Federação, que o Riograndense de Santa Maria, desistira da competição, licenciando-se. Ruy e Santarém foram imediatamente a Santa Maria e, de lá, trouxeram o zagueiro Antônio Carlos, o meio-campista Timina e o atacante Pedro, um craque incluído na galeria dos melhores que vestiram a camisa verde de branca. Pedro foi o companheiro ideal de Bebeto, no araque do Gaúcho, (depois do Internacional de Porto Alegre). As tabelinhas e os lindos gols que a dupla marcou estão, na memória daqueles privilegiados que os viram jogar. Outro mérito do treinador Santarém foi dar oportunidade a um pequeno centro-médio do Independente, que vinha jogando um bolão nos treinos, sem o merecido reconhecimento. Jair era o nome dele, jogador de fôlego e impulsão extraordinários, e dono de uma perna esquerda invejável no trato com a bola. Para completar o meio-de-campo, voltou o cracão Roberto. Começava a desenhar-se um outro grande time, na realidade o penúltimo grande time a formado no Boqueirão. Tinha Ricardo, Gringo, Mário Tito, Antônio Carlos e Cláudio; Jair, Roberto e Paraná (Serginho); Mosquito, Pedro e Bebeto.

O Gaúcho foi campeão de sua chave, composta ainda por Elite e AESA de Santo Ângelo, Tupy de Crissiumal, e Internacional de Santa Maria. Nas fases seguintes, o alvi-verde alternou momentos irregulares, não se classificando ao octogonal final, ao perder na última rodada por 2x1, para o Cachoeira. Aí, Santarém saiu, para a entrada de José Carlos Kaercher, apelidado de “Gaúcho”, ex-jogador e treinador de Santa Cruz. Ele começou a trabalhar para a disputa da Copa Governador.

Essa competição reunia 50 clubes, divididos em 10 grupos. A primeira fase, contra o Guarany de Espumoso, o Atlântico e o Ypiranga de Erechim, e o Taguá de Getúlio Vargas, foi vencida pelo Gaúcho com certa facilidade, tendo apenas uma derrota. As fases posteriores foram no sistema “mata-mata”. O primeiro a ser derrubado pelo alvi-verde foi o Internacional de São Borja. Depois a briga era com o arqui-inimigo, o Atlético de Carazinho. Foram duas partidas espetaculares, ambas jogadas debaixo de muita chuva. A primeira, em Passo Fundo, o Gaúcho venceu por 1x0, gol de Bebeto, apanhando o rebote do goleiro Hugo, após jogada monumental de Pedro, que driblou três vezes o mesmo zagueiro antes de bater para o gol. Em Carazinho, num clima de guerra, a partida de volta. Mais de 60 ônibus com torcedores de Passo Fundo invadiram a cidade vizinha, além de dezenas de automóveis particulares. Focos de brigas do primeiro ao último minuto de jogo entre os torcedores e um clima não menos quente dentro das quatro linhas, foi a sinopse da partida. No segundo tempo, Bebeto faz um precioso lançamento a Pedro, que ganha na corrida do zagueiro Fioreze, penetra na área e, com um toque genial, desvia do goleiro Hugo, fazendo Gaúcho 1x0. Ao terminar a partida, os torcedores periquitos só conseguem sair do Estádio Paulo Coutinho pulando o muro. Ônibus apedrejados e torcedores felizes percorrem o trajeto da BR-285, entre as duas cidades.

Na semi-final, o adversário é o Juventude de Caxias. Numa atuação desastrosa do árbitro Zeno Escobar Barbosa, que errou tudo contra o Gaúcho, e em consequência disso, teve seu vestiário arrombado, suas roupas furtadas e ainda seu automóvel depenado, por irados torcedores, o Gaúcho perdeu 2x1, em pleno Wolmar Salton. No Estádio Alfredo Jaconi veio o troco. Com uma atuação imparcial do árbitro, o Gaúcho venceu pelos mesmos 2x1. Aí vieram as cobranças de pênaltis e os caxienses venceram por 4x3, tendo o goleiro Roberto defendido as cobranças de Serginho e Jair. Em que pese os problemas iniciais, o Gaúcho teve uma bela temporada.

Outra grande iniciativa do presidente Ruy Mattos de Souza foi a criação do departamento de futebol juvenil. No primeiro ano, os garotos,

treinados por João Romeu Damian, obtiveram o terceiro lugar no campeonato estadual da categoria, atrás apenas da dupla Gre-Nal. Graças ao trabalho eficiente e criterioso do treinador Romeu e do supervisor Altino, foram revelados, na oportunidade, jogadores de alto nível, como Kita, atacante goleador do campeonato gaúcho, paulista, campeão no Grêmio, Internacional de Limeira. No Flamengo jogou ao lado de Zico. Na seleção brasileira foi vice-campeão olímpico, medalha de prata nas Olimpíadas de Los Angeles, aliás o único passo-fundense, até hoje, nessa condição. Ilo, centro-avante, exímio cabeceador, jogou em grandes times brasileiros e portugueses; Maurílio, meia e lateral-esquerdo, fez carreira no Gaúcho, e jogou também no Caxias. Egon, Toto, Jorge, Dico, Marquinhos, Batista e Zé Luis, todos com passagem pelos profissionais do clube.

O primeiro erro da direção, em 1976, foi ter permitido que jovens promessas, como Kita, Ilo e Dico se transferissem para o 14 de Julho, que voltava após 4 anos de inatividade. O time foi treinado por Adair Bicca não foi bem no campeonato gaúcho. Alternava partidas exuberantes com outras medíocres, apesar dos craques que possuía. Uma das exhibições mais exuberantes do time foi contra o Grêmio. Uma atuação quase perfeita, não fosse a tarde infeliz do goleiro Ronaldo. O Grêmio saiu ganhando por 1x0, logo no começo do segundo tempo. O Gaúcho mandava na partida e Roberto, Pedro e Bebeto jogavam tudo que o sabiam e podiam. Pedro numa tabela com Bebeto, dribla o goleiro Cejas e empata de forma sensacional. Faltando 12 minutos para encerrar o jogo, Roberto chuta de fora da área, a bola bate nas costas de Ancheta e sobe. Na descida, da entra da área, Bebeto pega um voleio, mandando um foguete no ângulo do goleiro argentino, que olha para seus companheiros e a única coisa que diz é “ní ví”. Faltando 5 minutos, num escanteio cobrado por Tarciso, Mário Tito cabeceia, a bola é chutada no rebote por Eurico, bate na trave e nas costas do goleiro Ronaldo, entrando. 2x2. Faltando 30 segundos para o final, Eurico, cobrando falta do meio campo, manda a bola para o meio da área. Pulou o centro-avante Alcino, com quase 2 metros de altura, na entrada na pequena área. Ronaldo não saiu do gol, ficou estático e só teve o gesto de reflexo, colocando as mãos para trás, quando a bola cabeceada pelo atacante passou-lhe acima da cabeça. Grêmio 3x2, numa das maiores injustiças da história do futebol passo-fundense.

O Gaúcho não obteve a classificação para a fase quente do campeonato e foi disputar com os outros desclassificados a Copa Governador, que dava vaga para o gauchão 77. José Carlos Kaercher voltou a ocupar o lugar que antes era de Adair Bicca, como treinador.

Nova crise se abateu sobre o clube. O presidente do Conselho, José Mário Lima Cruz, reuniu os conselheiros e decidiu destituir o presidente Ruy Mattos de Souza. Diz-se na época que haviam divergências nos métodos de trabalho do presidente com diretores. O certo é que José Mário e Ruy tinham desavenças dentro do clube. O reflexo deu-se em campo, apesar da experiência de Hélio Bernardon, primeiro vice, que assumiu a presidência. A ridícula derrota, em casa, para a Associação Santa Bárbara, por 2x1, derrubou Kaercher.

- Só vou assumir, por se tratar do Gaúcho.

Com esta frase, o treinador Machado voltava ao clube, que já não tinha Pedro, vendido ao Internacional, e Bebeto, emprestado ao SER Caxias. Como num passe de mágica, o time venceu todos os jogos do retorno e classificou-se para a fase seguinte. Pedro e Bebeto foram substituídos por Marcos, outro jogador da exceção, revelado pelo Brasil de Pelotas, mas já veterano, e Vânio, que era do Estrela.

Após perder para o Internacional de Santa Maria, por 1x0, o Gaúcho precisava vencer em casa por diferença de 2 gols para continuar na Copa Governador. Foi um jogo emocionante. A equipe realizou uma partida espetacular, envolvendo o adversário desde o primeiro minuto. Marcou 1x0, através de Vânio, na etapa inicial. O Inter, por Robson empatou em completo impedimento. Aí, foi a vez da torcida, comandada por Ruy Rossing, passar o resto do jogo correndo junto ao alambrado atrás do bandeirinha. Abdicaram de ver o resto do espetáculo para anular o auxiliar. Aos 30 minutos, após jogada genial de Batista a bola foi cruzada para a área, onde estava Marcos, que venceu com o pé direito, a perícia do bom goleiro Deca. Terminada a partida, viria a prorrogação. Outra vez Marcos e Vânio marcaram, e o Gaúcho despachava o Inter de Santa Maria;

Nas semi-finais, o Juventude de Caxias. No primeiro jogo, uma polêmica: o zagueiro do Ju era Walmir Louruz, hoje técnico de futebol, e o árbitro, Luiz Louruz, seu irmão. O Gaúcho esperneou, protestou, mas perdeu por 2x0, sem nenhum comprometimento da arbitragem. No Alfredo Jaconi, o Ju segurou o zero no placar, alijando o Gaúcho. Bebeto no final do ano, voltou do Caxias, mas foi logo vendido ao Internacional.

## **COMEÇA O DECLÍNEO**

Decorriam os primeiros dias de 1977, os jogadores em férias e o Gaúcho realizaria um jogo festivo contra uma seleção amadora de Sertão. No meio-de-campo, com a gloriosa camisa alvi-verde, Paulo César Carpegiani, hoje técnico, na época, consagrado craque do Flamengo e Seleção Brasileira. Carpegiani estava na cidade em visita ao seu cunhado Roberto. Era prenúncio de vacas gordas? Novo engano.

O dinâmico e jovem médico Paraguassú Soares, presidente e sua diretoria trabalharam bem. Em termos de patrimônio, foi concluído e inaugurado o novo pavilhão, denominado “Honorino Malheiros”. No futebol, chegou o veterano técnico Crespo, ex-Novo Hamburgo. O elenco de jogadores era praticamente o mesmo do ano anterior.

A primeira competição, Copa Jerônimo Bastos, foi dominada pelo Gaúcho, campeão da chave A, com apenas uma derrota, e mais, uma vitória maiúsculo sobre o 14 de Julho, em pleno Vermelhão da Serra. O time experiente tinha, Ronaldo, Di, Mario Tito, Brito e Cláudio; Jair, Roberto e Paraná; Mosquito, Marcos e Serginho.

A FGF obrigava a todos os clubes disputantes do gauchão a iluminarem seus estádios. O Gaúcho precisou correr, contratar empresa especializada, gastar o que não tinha, para atender à exigência ditatorial da Federação. O time não estava bem no campeonato, e em 13 de abril, foi jogada a primeira partida a noite no Estádio Wolmar Salton. Os testes feitos nas luminárias antes do dia do jogo, apresentaram problemas, e o que se viu foi uma iluminação deficiente, com algumas lâmpadas apagadas, principalmente próximo a baliza de fundos do estádio. O show de bola foi do Pelotas e de Flávio Minuano. O Gaúcho perdeu por 3x1.

No dia seguinte, caiu o técnico Crespo. O preparador físico Wolmar Souza assumiu interinamente, e disputou o clássico da cidade, empatado em 0x0. Foi contratado o treinador Otacir Viana, ex-Juventus de Rio do Sul. Num ano ruim, o pior ainda estava por vir. O Gaúcho acabou entre as 18 equipes que disputariam um torneio de acesso ao gauchão do ano seguinte, e somente duas classificariam-se.

Com a péssima campanha, aconteceram novas brigas entre os diretores. O ex-presidente Ruy Mattos de Souza compareceu numa emissora de rádio criticando com veemência os dirigentes. Foi um festival de baixarias. Todos querendo abrir processos por difamação, calúnia, ocupando espaços na mídia somente para lavagem de roupas sujas. O presidente Paraguassú, alegando falta de tempo para atender as



necessidades do clube, pediu demissão. Pouco depois a demissão virou licença de 90 dias, e por fim durou mais de um ano. Ante isso tudo, o torcedor e dirigente Ruy Rosing, saiu com uma pérola:

- Ser processado para defender o Gaúcho, para mim é uma honra.

A situação estava ruim, e o técnico Viana foi demitido. Para apagar o incêndio, assumiu novamente o primeiro vice-presidente Hélio Bernardon.

Machado voltou para arrumar a casa. No torneio de acesso, o time começou bem, mesmo assim, o diretor de futebol Ivânio Bernardon também se licenciou. Para reforçar o elenco foram contratados, Téio, ex-Atlético de Carazinho, um veloz e insinuante ponteiro-direito, mais tarde, meia-direita, e extremamente útil ao time por vários anos e Paulo Ferro, centro-médio vindo do Ypiranga, com rápida passagem pelo clube. Ao vencer o Cachoeira, por 2x0, o Gaúcho tornou-se campeão do torneio de acesso, garantido vaga para o gauchão 78. Teve o artilheiro da competição, o atacante Juarez, ex-São Luiz de Ijuí, com 8 gols assinalados.

O campeonato gaúcho de 78 tinha sua fórmula com 3 fases. A primeira, com 18 clubes sem a dupla Gre-Nal, classificava os dois primeiros colocados para o hexagonal final. A segunda e a terceira, com os grandes, classificavam mais quatro equipes. Os vencedores de cada fase levavam um ponto extra para o hexagonal.

O Gaúcho perdeu Machado para o 14 de Julho, e contratou Edgar Ferreira, ex-Chapecoense. Ao assumir, fez uma série de exigências, tais como, melhorias no gramado, nos vestiários, na concentração, novos uniformes, inclusive de treinos, atualização dos salários dos jogadores, sala de imprensa, enfim uma estrutura profissional. Não durou nem uma semana no cargo. A penúria financeira tomava conta do clube no Boqueirão. A solução veio numa reunião noturna na churrascaria do clube. O técnico seria Bento Peixoto Castelã, escrivão da 1.<sup>a</sup> Vara Criminal do Foro de Passo Fundo, vindo de Pelotas, ex-treinador do Farroupilha e do futebol de salão do Brasil. O supervisor, Romeu Damian, ex-treinador dos juvenis do clube e do 14 de Julho, também Servidor da Justiça. Preparador físico, Wolmar Souza. Muitos jogadores chegaram para testes, entre eles Larry, ponta-direita, ex-juvenil do Grêmio, ex-Ypiranga de Erechim. Porém perdeu Gringo, que após sofrer com seguidas lesões, abandonou o futebol.

Na primeira fase, o alvi-verde realizou má campanha. No clássico contra o 14, no Vermelhão da Serra, o árbitro Luiz Louruz expulsou Roberto do Gaúcho, por reclamação, com um minuto de partida. Ainda

estava mostrando o cartão vermelho, quando Bento saiu do túnel em louca corrida e desferiu-lhe um potente soco no olho. A partida prosseguiu com brigas nas arquibancadas e sonolência em campo, terminando em 0x0. Julgado, Bento pegou um ano de suspensão, e dirigia o time do lado de fora do alambrado. Triste e amargurado, pediu demissão dizendo ser sua presença prejudicial ao clube, que vinha sendo perseguido pela arbitragem.

Tudo mudou para a fase seguinte. Reassumiu o presidente Paraguassú Soares, Anielo D' Arienzo, há muito afastado do clube, ficou com a direção de futebol, e contratado o técnico Raul Matté. O time reagiu, mas não o suficiente para classificar-se. Nem mesmo a goleada por 9x1 sobre a AESA (a maior em jogos oficiais da história do Gaúcho) resolveu. A combinação de resultados, como a derrota ao 14 de Julho para o Juventude, tirou do alvi-verde todas as chances.

- Esse juiz é cafajeste, sem-vergonha e ordinário, e o bandeirinha não tem personalidade.

Com essas palavras, Ivânio Bernardon, presidente do Gaúcho, referiu-se ao árbitro Ruy Cañedo e seu auxiliar Adilson da Silva, logo depois do empate diante do Farroupilha, disputado à noite, num frio intenso, abaixo de neve, para menos de 50 torcedores no Estádio Wolmar Salton. A bronca era pela anulação de um gol, segundo o dirigente, legítimo, marcado por João Carlos. Faltando 6 rodadas, ninguém mais acreditava na classificação. Ninguém não. O técnico Raul Matté, o presidente Ivânio, o diretor Anielo e os jogadores acreditavam. E por isso foram 6 vitórias. Quando terminou a partida vencida contra o Internacional de Santa Maria, por 1x0, na última rodada, a combinação de resultados favorecia o alvi-verde. Torcedores, dirigente e jogadores comemoravam, quando as rádios noticiaram o empate do Brasil nos descontos, no clássico contra o Farroupilha. O Brasil ia a 44 pontos ganhos, contra 43 do Gaúcho. A tristeza e a desolação tomaram conta de todos. Mas a reação no campeonato, embora tardia, foi heróica e emocionante.

O clube foi disputar a Copa Governador do Estado, que dava acesso ao gauchão 80 ou descenso para a “segundona”. Campeão em sua chave, mais uma vez o Gauchão escapou da degola.

A ala situacionista do Gaúcho lançou o nome de Anielo D' Arienzo para presidência do clube para 1980. A oposição, liderada por João Maluli e Flávio Araújo, um pouco reticente, aceitava o nome de Anielo, que assumiu em fevereiro. O primeiro contratado foi o técnico Machado. O segundo, o ídolo Bebeto. No final da primeira fase, o Gaúcho era o terceiro colocado. Machado então foi para o Joaçaba, assumindo Raul Matté. A

boa campanha continuaria até o final do primeiro turno. O Gaúcho contava com o zagueiro Beto Bacamarte, ex-Grêmio e Flamengo Rio de Janeiro, que vestira a camiseta da seleção brasileira. Tudo ia muito bem, até chegar o retorno. Apesar de ter bons jogadores, como Bebeto, Jair, Roberto, Téio, Larry e Jaime, lateral-direito de enorme categoria. Vendido posteriormente ao Palmeiras, jogou também no Santos, e em São Paulo, era chamado de Jaime Boni, o time jogou 10 partidas, vencendo uma, contra o lanterna Farrroupilha de Pelotas. O alvi-verde estava a beira do abismo, quando o presidente Anielo solicitou ajuda ao seu amigo Romeu Damian, para assumir o comando técnico do time. Romeu aceitou o desafio. No dia seguinte, Raul Matté concede entrevista afirmando ter o Gaúcho 2 técnicos, pois ele não fora comunicado da demissão. Após tudo esclarecido, restava a Romeu cinco partidas, das quais deveria vencer quatro, ou, vencendo três, torcer por resultados paralelos.

O primeiro jogo foi em casa, contra o Novo Hamburgo, terceiro colocado e classificado. Com apenas um treinamento, Romeu mandou a campo a mesma base de Raul, e a derrota veio através de um gol de pênalti marcado por Passos. Agora só restava desligar os aparelhos que mantinham vivo o clube do Boqueirão, isto é, a matemática. Quem o fez foi o Caxias, no Estádio Centenário. Nos três jogos restantes foram duas vitórias e um empate, que não adiantaram para mais nada. O Gaúcho após 14 anos entre os grandes, caía vertiginosamente para a segunda divisão.

## **A LUTA PARA VOLTAR A DIVISÃO ESPECIAL**

O que fazer? Se antes, com grandes jogos já era difícil, o que dirá na segunda?! O ajuda certamente diminuiria, caindo a arrecadação do clube. E as dívidas inflando mês a mês, com um imenso balão. Ressurgem João Maluli e Flávio Araújo. Assumem como presidente e diretor de futebol, respectivamente, arregaçam as mangas e começam a trabalhar. O campeonato começaria no dia 28 de março, um sábado. Na terça-feira anterior uma briga de proporções gigantescas ameaça o combalido Gaúcho. Frente a frente, numa troca de insultos, Maluli e Araújo. O presidente demite o diretor de futebol, acusando-o de traição. Junto com Araújo, saiu o presidente do conselho deliberativo, Daniel Winick. Nova crise abate o clube. Os diretores e os conselheiros, reúnem-se à revelia do presidente e decidem que o melhor para o Gaúcho é convencê-lo à renunciar. A árdua tarefa fica a cargo de três conselheiros, Meirelles Duarte, IRINEU Ghelen e Flávio Benvegnú. Após resistir bravamente ao assédio, a solução dá-se em pleno Bar Oásis, no centro de Passo Fundo, onde João Maluli e seu procurador Gilberto Moysés, entregam a carta renúncia.

Em campo, os jogadores vão fazendo sua parte, ganhando os jogos. Quando tudo parecia calmo, estoura uma bomba nas mãos do técnico Machado. Jornais de Porto Alegre denunciam um escândalo de suborno no futebol (nunca comprovado), envolvendo o treinador do Gaúcho e o zagueiro José, do Esportivo de Bento Gonçalves. O presidente Daniel Winick, que deixara a testa do conselho a Carlos Armando Salton, peão brasileiro pelo internacional, que jogava futebol de salão no Cosmos de Passo Fundo, assume o cargo. O clube se classifica para o octogonal final, com folgas.

Antes da fase quente começar, o presidente Winick ameaça:

- Ou a população de Passo Fundo ajuda financeiramente o clube, ou não disputaremos a fase final.

A resposta ao apelo foi positiva, e a luta continuou.

A tradição e o folclore do Rio Grande do Sul, são os mais belos e ricos do Brasil. A determinação do povo, o amor pelas coisas do nosso Estado, os costumes e a vestimenta são os orgulhos dos gaúchos. Naquele ano de 1981, é criado na cidade o slogan: “Passo Fundo, a cidade mais gaúcha do Estado”. Por conta deste ufanismo regionalista, incompatível com o esporte. Sua gloriosa camiseta verde ganha um lenço branco desenhado. No calção, desenharam pregas, como se fosse uma

mini-bombacha, o nos meiões brancos, desenhos de boleadeiras verdes. Era de chorar. Os jogadores tinham vergonha do uniforme e jamais o usaram fora de casa. O futebol até poderia ter uma relação com o tradicionalismo, mas não daquela forma.

Vendo aquele fiasco, Vacaria pegou o boné e saiu de fininho. A solução é uma grata surpresa. Efetiva-se Bebeto, há vários meses machucado, como treinador. Na penúltima rodada, o empate em 0x0, contra o Santa Cruz, em casa, torna difícil a ascensão do clube. Na última rodada, a vitória por 2x0 contra o Grêmio Bagé, de nada adianta. São José de Porto Alegre e Esportivo de Bento Gonçalves, sobem à divisão especial, com o Gaúcho terminando na terceira colocação.

Quatro competições foram disputadas pelo Gaúcho em 82. A primeira fase da divisão de Ascenso, o alvi-verde vence de forma invicta. A curiosidade é o técnico Bebeto, que cansa de ver ineficiência de seu ataque, assina contrato como jogador, deixa o branco de reservas para Altino Nascimento e Fernando Escobar, veste a camisa 9, e na reestréia, marca dois gols no empate contra o Ypiranga de Erechim, em 2x2.

A outra competição é a Copa Rio Grande, disputada por todos os clubes do Estado, independente de divisão, menos Grêmio e Inter. O Gaúcho fica na chave 4, com Santa Cruz, o Juventude e o Caxias. São 6 jogos, 3 vitórias, 2 empates e 1 derrota, para o Santa Cruz. Esta derrota, interrompeu uma série de 24 jogos sem revés do alvi-verde, entre 22 de outubro de 1981 à 19 de junho de 1982.

A segunda fase da divisão de Ascenso classificou o Gaúcho para o decagonal final, que daria aos dois primeiros colocados a volta a divisão de honra. Em 18 jogos, o Gaúcho perdeu três, ficando um pontinho atrás do segundo colocado. Foi uma tristeza para a torcida periquita. O caso porém teria outros desdobramentos. Na partida que o Gaúcho perdeu para o Lajeadense, este teria utilizado dois jogadores irregularmente. O clube passo-fundense ingressou com recurso no TJD, solicitando os pontos da partida. O Tribunal acolhe em parte as alegações, e determinou a realização de novo jogo. Aymoré e Grêmio Bagé, terceiros interessados, apelaram ao STJD. Foram quase 40 dias de sofrimento e angústia à espera da decisão. Entrou 1983, e o presidente Daniel Winick tentava agregar forças para montar o time que voltaria à divisão especial, certo do resultado favorável no julgamento. O mais famoso advogado de causas esportivas, Valed Perry, foi contratado para defender os interesses do Gaúcho. No dia 28 de janeiro, veio a incrível decisão. Realmente os jogadores do Lajeadense estavam inscritos irregularmente, e o clube perdeu os pontos, que não foram revertidos ao Gaúcho. Apenas

subtraídos do campeonato, e a partida “fantasma”, oficial da competição, simplesmente some da tabela. Ninguém entendeu, e o Gaúcho sofreu mais um duro golpe. Dois dias após, veio a notícia que todos esperavam, mas não queriam ouvir. Sem forças, o Gaúcho requereu junto à FGF licenciamento das competições oficiais por um ano.

A licença vence no começo de 1984, e haviam duas possibilidades ao clube. Prorrogá-las ou voltar às atividades. O presidente Winick parte então para uma terceira prerrogativa. A fusão com o 14 de Julho, que havia participado de segunda, em 1983. As negociações entre os clubes estavam bem encaminhadas, quando no programa esportivo “Mesa Redonda”, da Rádio Passo Fundo, o conselheiro colorado Devino Ughini, indagado sobre a fusão, sai com essa:

- Não há razão para Passo Fundo fundir só o futebol, pois o Gaúcho está morto. Em 83, não disputou nada, sequer um amistoso. O único futebol foi o de 14 de Julho. Fusão com morto é péssimo negócio.

Mal acaba de falar, e os periquitos dão por encerradas as negociações. Não adianta o presidente rubro Celso Guerra ainda tentar retomar o diálogo. As portas se fecham no Boqueirão.

Assume, a presidência do Gaúcho o empresário Marco Stefani, que garante a volta ao futebol. Seu diretor é o representante comercial e empresário Roberto Roggero, um uruguaio há anos radicado na cidade, e conhecedor do futebol. O técnico João Carlos, ex-atacante do clube, recebe mais de 50 jogadores para testes no primeiro dia de trabalho. Arma-se o time para a primeira fase da competição, que tinha, além do Gaúcho, o 14 de Julho, Santa Bárbara, Ypiranga, Atlético de Carazinho, Taguá e Pratense. Para alegria dos torcedores, Roggero anuncia a volta da dupla Pedro e Bebeto, do zagueiro Joubert, e a contratação do volante Jorônimo, ex-Grêmio e Caxias. Estes jogadores dariam experiência necessária a um elenco jovem. O time começa irregular no campeonato, e basta um empate em 1x1, em casa, contra o 14 de Julho, para João Carlos deixar o cargo. Busca-se Júlio Arão, ex-Novo Hamburgo. A primeira fase o Gaúcho termina em segundo lugar, atrás do 14 de Julho.

Antes disso, o presidente Stefani, alegando falta de apoio e de tempo para dedicar ao clube, renuncia. Na reunião extraordinária, realizada às pressas, é sugerido o nome do dirigente Flaviê Silva, que imediatamente rechaça a ideia. O impasse está na mesa, quando Roggero pede a palavra, e dirigindo-se ao primeiro secretário Meirelles Duarte, afirma:

- Coloca o nome do Marau aí na ata, que o convenço a ser presidente.

Marau é o apelido de Augusto Ricardo Ghion, empresário do ramo de jogos, que não era conselheiro do clube, dificilmente ia ao estádio, e na ocasião, estava em casa, enfermo. Feita a ata, Roggero vai a residência de Ghion, e chegando ao seu quarto diz secamente:

- Assina aí que tu és o presidente do Gaúcho.

Com febre e tomado de surpresa, Ghion assina e torna-se assim, presidente do Gaúcho pela primeira vez.

Na primeira partida da segunda fase, novo empate, em casa, frente ao Ypiranga, custa o emprego de Arão. O presidente Ghion, refeito do susto e da enfermidade, adota uma simples solução. Efetiva Roggero como treinador, e ele se sai bem. Vence quatro vezes, empata outras quatro e perde duas partidas classificando o time para o octogonal.

Na fase final, o técnico é Machado. Desde a primeira rodada o alvi-verde lidera o octogonal. Faltando três partidas para o término da competição, o clube mantém folgada liderança, e uma vitória contra o São Jose, em Porto Alegre, daria a tão esperada volta à Divisão Especial. No dia 1º de dezembro, no Passo D'Areia, o Gaúcho domina amplamente o Zequinha. Aos 12 minutos, Bebeto recebe pelo passe de Jurandir, ex-Grêmio e Caxias, e manda um petardo que fura as redes. Gaúcho 1x0. No segundo tempo, o lateral Nico foi quase à linha de fundo e cruzou para a área, a bola fez uma curva, passou por cima do goleiro Claudinho e entra no ângulo, Gaúcho 2x0. A imensa caravana de torcedores esmeraldinos vibra intensamente quando o árbitro Ruy Cañedo apita o término do jogo. O Gaúcho volta à divisão especial. Volta? Ainda de ressaca pelo extraordinário feito, vem a mais desagradável das notícias. O TJD, da Federação anula a vitória alvi-verde sobre o Riograndense de Rio Grande por 1x0, na Noiva do Mar. Acontece que no intervalo daquele jogo, o presidente riograndino, Bento Peixoto Castelã, tentou invadir o vestiário do árbitro para agredi-lo. Este, alegando falta de segurança, encerrou a partida, com 45 minutos jogados, dando a vitória ao Gaúcho. Perdendo os pontos, o Gaúcho vai à Lajeado e é derrotado pelo Lajeadense por 1x0, que se mantém vivo na competição.

No dia 10 de dezembro, mesmo ninguém imaginando, serio histórico. Não apenas pela volta do Gaúcho à divisão de honra, mas também porque seria jogado o último clássico oficial entre os eternos rivais Gaúcho e 14 de Julho. O Estádio Wolmar Salton é o palco digno deste acontecimento, e está lotado. O 14 de Julho, mesmo fora da disputa, é um adversário valente e vende caro a derrota. O gol solitário acontece aos 24 minutos da etapa inicial. O habilidoso meia-esquerda Mica entrar driblando área adentro, e é derrubado pelo zagueiro Xavier. Incontinenti, o árbitro

Luiz Torres (na época o nº 1 do futebol gaúcho), aponta para a marca da cal. Após muita discussão, aos 27 minutos, Bebeto manda de pé esquerdo uma bomba indefensável. É a vitória do melhor time da competição, que injustamente deixou de comemorar a conquista por antecipação. A grande festa da Montanha só é comparável a de 196. As equipes do último Ga-Quá oficial são: Gaúcho com Juarez, Nico, Joubert, Carlos Alberto e Túlio; Jair, Bim e Mica (Zeca); Jurandir, Bebeto (Anselmo) e Ciro. O 14 de Julho com Mazaropi, Arno, Luiz Carlos, Xavier e Serginho; Vilsinho, Deco e Flávio (Cabeça); Loreno, Valduíno e Inácio (Luizinho).

O Gaúcho teve dois presidentes, quatro treinadores e trinta e sete jogadores na vitoriosa campanha de 1984.

As incertezas, os tumultos e a desorganização acompanharam o Gaúcho, em 1985, a começar pela cúpula. No início da temporada, Augusto Ricardo Ghion licencia-se, passando a presidência para Roberto Roggero, que volta a lhe entregar o cargo. Numa partida contra o Santa Cruz, Ghion envolve-se numa briga com o árbitro Urbano Knorst, e o caso vai parar na Delegacia de Polícia. Dias depois, Ghion, e Roggero, deixam o clube, ao término de seus mandatos. Assume Otelmo Von Borowski, que pouco antes chegara ao clube como colaborador. Borowski, há muito ligado ao futebol de Passo Fundo, tinha sido treinador dos juvenis do 14 de Julho. Pouco tempo antes havia um gordo prêmio da loto, portanto tinha dinheiro suficiente para ajudar o clube. Acontece que Borowski também se envolveu no tumulto contra o Santa Cruz, e pegara suspensão do futebol 210 dias. Por essa razão não poderia exercer a presidência. Assume, o primeiro vice-presidente, Ingo Spelmayer, que na realidade não queria assumir. Algumas derrotas após, e deixa o cargo. Acéfalo, o clube recorre ao também vice-presidente Daniel Winick, que fica interinamente na presidência, face a suspensão de Borowski. É confusão demais para as coisas correrem bem.

A parte técnica começa com Machado, que dá seu lugar ao interino Borowski, esteve dirige o time apenas um jogo, e passa a bola ao também interino Roberto Roggero, que sai do clube em seguida. O time passa a ser comandado pelo veterano jogador Djair, ex-Internacional e Grêmio, no final de carreira jogava no alvi-verde. Ele dirige o time na Copa Bento Gonçalves, e sai. Chega para o seu lugar Ernesto Guedes, permanecendo pouco menos de um mês. Volta Machado, que antes do campeonato terminar estava longe do Boqueirão, e, em sua vaga assumia Geraldo Duarte.

Em campo, o Gaúcho disputa a Copa Aceg, com um time. A segunda competição, a Copa Bento Gonçalves, é disputada com outros



jogadores. Chegando o gauchão, são contratados outros atletas, e não forma-se uma base. No total o Gaúcho utilizou 39 jogadores, muitos deles trazidos pelos vários treinadores que passaram pelo clube. O resultado não poderia ser outro senão o rebaixamento à segunda divisão.

A rigor, salvaram-se dois fatos. O primeiro, a magnífica partida jogada no dia 6 de outubro, no Wolmar Salton, contra o Internacional. O Colorado vencia por 1x0, até os 44 minutos do segundo tempo, quando numa folha do zagueiro Pinga, Sérgio Pontes, oportunista, empatou de forma sensacional, para o delírio da grande torcida periquita. Aliás, foi a última vez, e lá se vão quase 15 anos, que o Estádio Wolmar Salton recebeu grande público, em jogos do Gaúcho. Também foi a última grande alegria da nação alvi-verde, no futebol profissional. O segundo fato foi a revelação do extraordinário goleiro Jefferson, vindo de Soledade para o Gaúcho, e com 16 anos, titular absoluto do time. Jogou na seleção brasileira de novos, depois foi para o Fluminense do Rio de Janeiro, e daí para outros grandes clubes brasileiros.

## **A FUSÃO QUE NÃO DEU CERTO E O FIM DO FUTEBOL**

O rebaixamento do Gaúcho e a penúria do 14 de Julho trazem de volta uma a velha discussão. A fusão entre os clubes, cogitada várias vezes ao longo da história do futebol passo-fundense. Desta vez o assunto é mais sério e envolve direta e decisivamente o apoio do Poder Público Municipal, através do prefeito Fernando Machado Carrion e do Vice Prefeito, Antonio Lourenço Pires de Oliveira, além da Câmara de Vereadores, da Associação do Comércio e Indústria – ACISA – e dos dirigentes do clube.

A fusão acordada é limitada ao futebol, sem a inclusão dos bens dons clubes. Desta forma, o E.C. Passo Fundo, nasce sem patrimônio e com vida útil pré-determinada pela F.G.F., até o dia 12 de novembro de 1986. Até lá, se não houvesse fusão definitiva, a provisória perderia a validade, e o Esporte Clube Passo Fundo deixaria de existir, voltando Gaúcho e 14 de Julho.

O Sport Club Gaúcho continua como entidade juridicamente perfeita, com seu quadro associativo, seu patrimônio, sua diretoria, independente, tendo como presidente Rudimar Pedro. Com o 14, ocorre o mesmo. Apenas nos Estádio Wolmar Salton joga outro clube, o Passo Fundo, que torna-se campeão da segunda divisão.

Antes do término do campeonato, as diretorias veem a data de validade da fusão provisória esgotar-se rapidamente, sem acordo entre si. O Gaúcho possui um estádio acanhado, mas uma bela sede social, um complexo de piscina, churrascaria, tudo próximo ao centro da cidade. O 14 de Julho, apenas um grande estádio inacabado, longe da área central.

A pressão sobre o alvi-verde é enorme. As autoridades constituídas, a imprensa e parte da comunidade querem a consolidação da fusão, e esta decisão deve ser colocada em votação. O estatuto do clube reza que apenas os sócios em dia com a tesouraria, podem votar. Na época o quadro de associados beirava a 300 e a fusão sairia com a aprovação por maioria simples. Na primeira assembleia convocada, compareceram 53 sócios e o resultado é de 36 votos contrários a fusão e 17 favoráveis. Mas ainda não era fato consumado. O E. C. passo fundo ia bem no campeonato, o estádio estava sempre lotado e, a pedido de seus dirigentes, é realizada nova assembleia com votação em segundo turno. Os conselheiros do gaúcho contrários a fusão, entre eles José Mário Lima Cruz, Anielo D'Arienzo, Eblem Kalil, Ruy Mattos de Souza, Augusto Ghian,

Jesus Castanho, Roberto Roggero, Ruy Rosing, Alberi Ribeiro, Luiz Sacchet e outros mobilizam-se junto aos associados, levantando a bandeira do “não”, e saem dramaticamente vitoriosos. Na segunda votação, o resultado é de 54 a 51 votos, contra a união com o 14 de Julho. O argumento deles é fortíssimo. Na proposição dos dirigentes rubros, os associados perderiam seus direitos adquiridos, e a nova agremiação formaria um novo quadro social, igualmente fala mais alto o espírito de rivalidade de quase 70 anos, cultivado por gerações, que não admitem sob nenhuma hipótese vestir-se de vermelho.

Com o fim da fusão, o Gaúcho tenta voltar ao futebol, em 1987, na sua mais pífia participação. O presidente Augusto Ghion, entrega o departamento de futebol à Rudimar Pedro, que forma a comissão técnica, com Bebeto de treinador, Joubert de auxiliar, Santarém como treinador de goleiros, oriundos basicamente da cidade. Em sua maioria haviam jogado no mesmo regime, no 14 de Julho d 1985. Entre 5 participantes da primeira fase da segunda, o alvi-verde chega em terceiro lugar com 10 pontos, classificando-se para a seguinte. Ai não tem a mesma sorte, caindo para a repescagem. O plantel fraco ( o auxiliar técnico Joubert chegou voltar a jogar), a desmotivação e por não encontrar no mercado (a temporada estava na metade) jogadores que reforçassem substancialmente o elenco, o Gaúcho desiste da repescagem e novamente pede licença.

A última tentativa de reavivar o futebol profissional acontece em 1990. O presidente Rudimar Pedro e seu diretor Sérgio Moraes montam um bom time, com destaque para o ponteiro-esquerdo Netinho, um jogador de habilidade, que encanta os torcedores com dribles e firulas. Para treinar a equipe, Deodoro, ex-lateral-esquerdo do Juventude e da Portuguesa de Desportos, de São Paulo, técnico inteligente, com conhecimento da matéria.

O Gaúcho é campeão da primeira fase. Joga duas partidas amistosas contra o E. C. Passo Fundo, no novo clássico da cidade, empatando a primeira e impingindo uma goleada ao tricolor por 3 x 0 na segunda. Para a segunda fase do estadual, são contratados dois veteranos atletas que haviam passado pelo clube, Luiz Freire e Tarcisio. Tudo ia satisfatoriamente bem, até a trágica derrota em casa, para a Associação Santa Barbara, time praticamente amador por 1 x 0, e com ela a desclassificação para o restante da competição. É sofrimento demais para uma nação, e o departamento de futebol fecha definitivamente. O Estádio Wolmar Salton a quase 10 anos está vazio. Os tampões de latão que protegem os túneis nunca mais se abriram. Ninguém mais correu unto

ao alambrado atrás dos bandeirinhas. A velha copa, agora tem um muro a não mais permitir a visão da partida. Não há mais futebol no Gaúcho.

## **O FUTURO DO GAÚCHO**

Mesmo sem o futebol profissional, o clube deixou uma pequena semente para o futebol do futuro. Uma escolinha para a prática do esporte, dirigida pelo Professor Clóvis Kumpfel, conhecido nos meios esportivos da cidade como Professor Javali. Isto no início da década de 90, mas no final de 92, em razão de dificuldades variadas, a escolinha foi desativada.

No início de 93, o médico psiquiatra e escritor, Jorge Alberto Salton, filho do patrono Wolmar Salton, reuniu os amigos, aficionados pelo futebol Moacir Della pelo futebol Moacir Della Valentina e Carlos Dorneles, e com suas respectivas esposas, começaram a montagem de uma equipe, reunindo meninos entre 9 e 10 anos de idade, incluindo aí seus filhos, para participarem de amistosos ou mesmo competições oficiais, inicialmente os treinamentos eram efetivados no campo do Quartel ou no Clube Comercial, pois não haviam garotos suficiente para um treino completo. Os meninos com intimidade com a bola eram procurados nos colégios, pelos dirigentes, que adotavam um sistema de procura mais claro e objetivo. Perguntavam dos próprios meninos, quem eram os craques da turma, e eles com a honestidade própria da idade, indicavam com naturalidade os colegas.

No início de 94, o grupo já permitia treinamentos em futebol de campo, e passou-se a utilizar o estádio Wolmar Salton. Aos domingos pela manhã, Jorge Salton, Rejane Salton e Carlos Dorneles, iam buscar os jogadores em casa, para leva-los aos treinamentos.

A primeira competição que participou, foi um torneio amistoso na cidade de Caxias do Sul, quando venceu o Juventude, e foi convidado a participar do campeonato oficial chamado de “gauchão esperança”, promovido pela Super Liga Gaúcha de Futebol Infantil, com apoio da FGF.

Com a seriedade da competição e com o nome Spot Club Gaúcho em jogo, os dirigentes procuraram a colaboração do extraordinário e competente Adair Bicca, na função de técnico da equipe. Para surpresa de todos, os meninos foram passando pelas fases eliminatórias, até chegarem ao quadrangular final, disputando em Caxias do Sul, na localidade de Forqueta. Participaram, além do Gaúcho, o Caxias, o Avaí de São Leopoldo e o favorito Grêmio Portoalegrense. A equipe com menor torcida era o Gaúcho, composta apenas por 5 pessoas, Jorge e Rejane Salton, Carlos e Patricia Dorneles e Élide Della Valentina. Os garotos deram um exemplo de dedicação tática e determinação pelo resultado. A equipe bem armada por Moacir Della Valentina e Adair Bicca, empatou

com o Caxias, 0 x 0, venceu o Avaí, 1 x 0., e na final, conseguiu segurar o poderoso Grêmio, e vencer por 2 x 1, sagrando-se campeão. Voltava o Gaúcho a levantar mais uma taça a nível estadual, e mostrava ao público outro goleador, o centro-avante Aurélio, dono de um faro de gol invejável.

Em 1995, o Gaúcho conseguiu chegar a outra final, na categoria dos jogadores nascidos em 1984. O quadrangular final foi disputado no estádio Wolmar Salton, reunindo um estupendo público, com aproximadamente 2000 pessoas. Numa final contra o Grêmio, o Gaúcho perdeu por 1 x 0, ficando com o vice-campeonato. O que foi efusivamente comemorado, pois nada menos de 100 equipes iniciaram a competição. A campanha alvi-verde foi valorizada também pela vitória maiúscula frente ao Internacional, na semi-final, por 2 x 0.

No embalo do sucesso o Gaúcho representou o Rio Grande do sul, em três categorias: 10 anos, 11 anos e a campeã 12 anos. Nesta última categoria, o Gaúcho vencendo o Juventude, em Caxias do Sul, por 1 x 0, sagrou-se novamente campeão, mostrando vários craques e mais uma vez o goleador Aurélio, autor do gol da conquista. Ainda em 96, outra consagração, talvez a maior delas. Jogando a primeira fase na cidade de Florianópolis, e as finais em Tramandaí, contra equipes do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Uruguai, o Gaúcho sagrou-se campeão sul-americano na categoria de meninos nascidos em 1986. Na partida final foi contra Sarandi, a vitória dramática do alvi-verde por 1 x 0, gol de Leonardinho, foi o início de uma festa emocionante, dos jogadores, dirigentes, comissão técnica e familiares.

Em 1997, a estrutura ampliou-se e o Gaúcho passou a disputar competições em oito categorias, inclusive juvenil. Aproximadamente 500 atletas atuavam nas escolinhas, aumentando também o número de dirigentes e colaboradores, como Élio Sturm, Rui Fernandes, Severo Machado e Marcos Mattos entre outros, bem como as comissões técnicas, sempre na supervisão de Adair Bicca e Moacir Della Valentina. Neste anos, o Gaúcho apresentou sua melhor performance dentro do “gauchão esperança”. Foram nada mais nada menos que 5 conquistas estaduais, nas categorias 82, 83, 84, 85 e 86, mais as conquistas pelas mesmas categorias nas competições regionais, que classificaram os times para as finais.

A categoria 84, continuou sua saga de conquistas, vencendo os estaduais de 1998 e 1999. Com uma boa estrutura nas categorias menores, o Gaúcho passou a ser alvo da cobiça de grandes clubes, por seus pequenos craques. E assim o alvi-verde exportou jogadores para

Perugia na Itália, para o Internacional de Porto Alegre e outros clubes grandes do futebol brasileiro e internacional.

Em 1999, o Gaúcho elegeu nova diretoria. Deixava o clube, o presidente Roberto Amarante, que teve uma excelente gestão, tanto no futebol (as conquistas nas categorias de base) como em relação ao aspecto social. Em seu lugar assumiu Juracy Antonio Vieira, que venceu a disputa presidencial na chapa de oposição. A plataforma e a bandeira erguida pelo então candidato, era a volta do futebol profissional do alvi-verde na segunda divisão.

Depois de 10 anos, a volta do clube ao futebol profissional chega a realidade. E a história, que parecia chegaria ao fim, continuará, e novas gerações de torcedores periquitos se criarão e daqui a mais algumas décadas alguém continuará a contar essa história, pois enquanto existir o futebol existirá um clube que tem nome e sobrenome, é o Gaúcho de Passo Fundo.

## **TODOS OS PRESIDENTES DO GAÚCHO**

Em sua longa e gloriosa história, o Sport Club Gaúcho foi dirigido por homens ilustres da sociedade de Passo Fundo. Todos torcedores, que amaram e amam seu clube, que colocaram à sua disposição seu trabalho, sua sabedoria, sua competência, seu esforço e dedicação. Cada um fazendo sua parte, construíram um grande patrimônio e levaram o clube mais querido da cidade a grandes conquistas, tornando-o conhecido e respeitado em todo o Rio Grande do Sul e Brasil. Esses foram os homens que presidiram o Sport Club Gaúcho.

- 1918- Coronel Lauro Xavier
- 1919- Victor Loureiro Issler
- 1920- Antonio Junqueira da Rocha
- 1921- Antonio Junqueira da Rocha
- 1922- Frederico de Marco  
João Junqueira da Rocha
- 1923- João Junqueira da Rocha
- 1924- Nelson Guaraná de Barros
- 1925- Antonio Carlos Horta  
Olmiro Bueno  
Paulo Loureiro Lima
- 1927- Bráulio Estivalet
- 1928- José Brito Marques
- 1929 a 1936- O clube encerrou todas as suas atividades
- 1937- Frederico Graeff Filho
- 1938- Frederico Graeff Filho
- 1939- Armando Ferreira da Silva
- 1940- Mário Garcia
- 1941- Orestes Paganelli  
Daniel Dipp
- 1942- Frederico Graeff Filho
- 1943- Wolmar Antonio Salton
- 1944- Lauro Menna Barreto
- 1945- Capitão Maurilio Malaquias dos Santos
- 1946- Nilo Salton
- 1947- Lauro Koppér  
Franklin Mader
- 1948- Franklin Mader



- João Mader  
1949- João Mader  
1950- João Mader  
1951- Paulo Loureiro Azambuja  
1952- Basilio Antunes  
1953- Arnando Menegaz  
1954- Nilo Zimmermann  
1955- Paulo Loureiro Azambuja  
1956- Paulo Loureiro Azambuja  
    Érico Ferreira  
1957- Centenário Índio Brasileiro do Amaral  
    Guilherme Valdemar Venhofen  
    Centenário Índio Brasileiro do Amaral  
1958- centenário Índio Brasileiro do Amaral  
1959- Abeí Simão  
1960- Flávio Lima Araújo  
1961- Eblem Kalil  
1962- Abeí Simão  
    Adão da Costa Leite  
    Ivo Borcioni  
1963 – João Maluli  
1964 – João Maluli  
1965 – Centenário Índio Brasileiro do Amaral  
    João Maluli  
1966 – Daniel Wiuniski  
    Aniello D'Arienzo  
1967 - Aniello D'Arienzo  
1968 - Aniello D'Arienzo  
1969 - Aniello D'Arienzo  
1970 – Hélio Bernardon  
1971 – João Maluli  
1972 - João Maluli  
1973 - João Maluli  
    Antonio Loureiro Kruehl  
1974 – Antonio Loureiro Kruehl  
1975 – Major Manoel Rodrigues Cordeiro  
    Ruy Mattos de Souza  
1976 – Ruy Mattos de Souza  
    Hélio Bernardon  
1977 – Paraguassú Soares

- Hélio Bernardon  
1978 – Hélio Bernardon  
Paraguassú Soares  
1979 – Ivânio Bernardon  
1980 – Anielo D’Arienzo  
1981 – João Maluli  
Daniel Winick  
1982 – Daniel Winick  
1983 – Daniel Winick  
1984 – Marcos Stefani  
Augusto Ricardo Ghion  
1985 - Augusto Ricardo Ghion  
Roberto Roggero  
Otelmo Von Borowski  
Ingo Spelmayer  
Daniel Winick  
1986 – Otelmo Von Borowski  
Rudimar Pedro  
1987 - Augusto Ricardo Ghion  
1988 - Augusto Ricardo Ghion  
Rudimar Pedro  
1989 - Rudimar Pedro  
1990 - Rudimar Pedro  
1991 - Rudimar Pedro  
1992 – Carlos Pedrebon  
1993 - Carlos Pedrebon  
1994 - Carlos Pedrebon  
1995 - Carlos Pedrebon  
1996 - Carlos Pedrebon  
1997 – Roberto Amarante  
1998 - Roberto Amarante  
1999 - Roberto Amarante  
Juracy Antônio Vieira  
2000 - Juracy Antônio Vieira

## **TODOS OS TIMES DO GAÚCHO**

O Sport Club Gaúcho nasceu como clube de futebol. Sua essência, sua vida, foi a prática do futebol. Desde a sua fundação, quando os segredos da bola eram ainda insolúveis, até os dias atuais, onde jovens jogadores possuem intimidade com ela, muitos jogadores passaram pelos gramados do alvi-verde. Alguns super-craques, como Jamegão, Ivo Aguiar, Chinesinho, Harry Becker, Prinche, Branco Ughini, Sariba, Robeto, Meca, Bebeto, Pedro e outros. Muitos bons jogadores, outros apenas esforçados, e alguns que desconheciam o que era bola. Aqui vão, ano a ano, os times do Gaúcho.

1918 – De Felippo, Souza e Avancini; Egers, Pimpão e Moisés; Valter, Paco Deocléio, Porto Alegre e Perez.

1919 – Não há registro.

1920 – Não há registro.

1921 – Victor, Avancini e Pinho; Moisés, Amantino e Marques; Amado, Porto Alegre, Deocléio, Victor II e Barbieux.

1922 – Victor, Loreadno e Pinho II; Santamini, Alfredo Delveaux e Goelzer; Amadeu, Porto Alegre, Deocléio, Filho e Marques II.

1923 – Victor, Loreadno (Avancini) e Pinho II; Heitor, Alfredo Delveaux e Feio (Valle); Javel Silveira, Porto Alegre, Capitãozinho, Elpídio e Alcides.

Também jogaram Salathiel, Guanico, Horácio, Amadeu, Gil, Darcy, Carrão, Benno, Chicuta e Felipe.

1924 – Marques, Honorino e Gaudêncio; Jac-Jac, Alfredo Delveaux e Centeno; Manoel, Octacílio, Ramão, Lili e Javel.

1925 – Marques I, Bicca (Honorino) e Marques II; Jango, Alfredo Delveaux e Ernesto Delveaux (Canfield); Javel Silveira, Heitor (Magalhães), Centeno (Elpídio), Lili e Júlio Culmann.

1926 – Marques I (Santos), Honorino e Marques II (Borlantin); Elpídio (Morsch), Alfredo Delveaux e Ernesto Delveaux (Emílio); Javel Silveira, Heitor (Vinte-e-um), Lili (Closs), Brasileiro (Elpídio) e Julio Culmann.

Também jogaram: Salvador, Fernando, Ribeiro, Canfield, Querino, Marques III. Gomide, Octaviano e Amadeu.

1927 – Pereira (Mendes, Honorino e Lili; Zica (Elpídio), Barlantin (Nei) e Heitor; Javel Silveira, Rosseli (Ramãozinho), Alfredo Delveaux, Brasileiro (Paulo) e Julio Culmann.

1928 – Mendes, Honorino e Lili (Elpídio); Alcides, Nei e Zica; Javel Silveira, Aldredo Delveaux, Brasileiro, Chagas e Julio Culmann.

1929 a 1936 – O clube paralisou todas as suas atividades.

1937 – Lângaro (Peruzza), Jofre (Bijuca) e Meneghetti (Armandinho); Rossan, Célio Leite e Barão; Dari (Retory), Nino di Primio (Zezinho), Vadila Marques, Brasileiro (Charuto) e Culmann.

1938 – Lângaro, Josino e Bijuca (Armandinho); Rossan, Zica (Batista) e Célio Leite; Culmann (Retory), Vicente Souza (Ruy), Nino, Brasileiro e Darcy.

1939 – Harry Becker, Josino e Armandinho; Sudeto, Zica e Carlos Alberto; Brasileiro, Papagaio, Nino, Micuim e Laus;

Também jogaram Saracura, Abeí, Itagiba, Homrich, Krueel, Rosson, Custódio, Pacheco, Mujica, Oslvado Brandão, Vadila e Vicente Souza.

1940- Harry Becker, Josino e Armandinho; Gury (Rosson), zica (Ernesto Souza) e Itagiba (Ângelo Souza); Papagaio (brasileiro), jamegão, Ivo Aguiar (Micuim), Clóvis Aita e mijuca (Avas).

1941- Abeí, Josino e Armandinho; Prinche, Zica e Gradin (Miquimba0; Avas, Papagaio (Lunardi), Nino, Vadila (micuim) e Jamecão.

Também jogaram Cauduro, Cláudio, Peixe e Gury.

1942- Abeí (Canabarro), Zica e Novato (Armandinho); Miquimba, Paim e Alberico; Tico, Papagaio, Nino, Souza e Micuim.

Também jogaram Peixe, Cales e Assunção.

1943- Susin, Edu (Dorine) e Noronha (Plínio); Rico, Nativo (Feliciano) e Tau (Ruy); Abas (Tico), Papagaio, Nino, Micuim e Moacir.

1944- Aparício (Susin), Edu (Pupe) e celso; Rico, Prinche (Tau) e Nativo; Naio (Papagaio); Avas; Avas, Micuim (Nino), Pepino e Djalma.

1945- Timpa, Gerdi e Celso; Rico (Xavier), Tau e Marcon (Babá); Ely (Papagaio), Cacildo, Prego (Célio Barbosa), Maragarida e Arnaldo (Avas).

Também jogaram Lângaro, Vete, Danilo e Iraci.

1946- Cajú (Porto Alegre), Gerdi e frainer; Vete, Vicente e Miquimba (Pinalli); Danilo, Alambique, Pepino Aita, Padilha (Camboim) e Dias (Sarandi).

1947- Benito Gonzales (Vêncio), Barão (Celso) e Guaporé (Come-Bola); Rodrigues (Souza Neto), Vicente e Vete; Berthier (Danilo), Pepino Aita, Clóvis Aita (Labarthe), Chinesinho Djalma (Alexandre).

Também jogaram Valdo, Avas, Capoani, Litwin, Penha, Jaci, Aristóteles e Pilar.

1948- Vêncio (Caju), Barão e Guaporé (Izabelino); Telmo Aita, Vicente e Vete (Auro); Dom Pedrito (Danilo), Pepino Aita (Tubino), Labarthe, Chinesinho e Argentino (Alexandre).

Também jogaram Souza Neto, Carlitos, Jaci, Bino, Darcy e Compolin.

1949- Waldemar (Vêncio), Barão e Guaporé (Strogoff); Vete, Vicente e Auro (Souza Neto); Dom Pedrito, Libinho, Nicanor (Dago), Pontes e Carlitos (Jacy).

Também jogaram Iran, Rody, Ganso, Gino e Mauro.

1950- Vêncio (Waldemar), Barão e Guaporé (Agnello), Vete, Vicente e Auro; Martelo (Dom Pedrito), Libinho, Pontes, Alambique (Nelson) e Souza Neto (Iran).

Também jogaram Bruno e portugueses.

1951- Doroty, Agnello (Mário Boff) e Guaporé; Nelson (Be-Hur), Omir e Tochetto; Martelo (Libinho), Tatti (Julio), Pontes, Cagi e Ivo correia (Luizinho).

1952- Doroty (Andrade), Português (Mário Boff) e edson, Nelson (Vete), Minhoca e Tochetto; Martelo (Djalma), Omir (Carlinhos Só), Pontes (Cagi), Libinho (Caico) e Guindini (Ivo Correia).

Também jogaram Iran, Miro, Osvaldo, Spalding e Betinho.

1953- Luiz (Dindo), Português e Tochetto (Paulo); Alvacir (Jeová), Omir e Demóstenes (Bode); Aimoré (Diran), Ivo (Gedeão), Avancini (Ademar), Guindani (Caíco) e Spalding (Chico).

Também jogaram Léo, Bem-Hur, Gentil, Neneco, Gago, Hugo Loss, Danilo, Edgar e Branco.

1954- Magalhães (Barbosa), Bem- Hur e Léo; Pitico, Omir e gentil; Paulista, Caíco, Heitor, Jair e Djalminha.

Também jogaram Vital, Arcy, Getúlio, Branco, Bartolon, Nelson, pepino Silva, Sadi e Pata.

1955- Dindo, Auro e agosto; Léo, Zizi e Vete; Djalma, Branco, Sadi, Caíco e Chico.

Obs.: o Gaúcho estava licenciado em 1955, jogando apenas algumas partidas amistosas, com jogadores emprestados de outras equipes.

1956- Luiz Sachett (Zanini), Balduino (Chilo) e Léo (Ranulfo); Beto, Zizi e Antoninho (Armando Rebech), Djalma, Bortolon (Branco), Careca, Ratinho e Juarez.

1957- Rebequinho (Luiz Sachett), Vete (Balduino) e Finco (Nicanor); Enir, Branco e Peres; Bortolon, Careca (Genésio), Armando Rebechi, ratinho e Juarez (Aderbal).

Também jogaram Raul, Cogo, Gino, Olinto, Pinto, Vetinho, Rude, Alberi Ribeiro e Hugo Loss.

1958- Luiz Sachetti (Rebequinho), Bazei e Hércules; Enir (Vete), Bexiga e Chiquita (OOrlando); Alberi (Paulista), Branco, Itamar (Biguá), Alberi Ribeiro (Vetinho) e aderbal (Gilberto).

Também jogaram Peixe, Olinto, Peres, Nicanor, Ubiratan, Zanini, Gionides, nelson, e Marquetti.

1959- Ubiratan (Bruno Palma), Orlando Clímaco, Godinho e Peixe; Prinche e Branco; vetinho, Paulista, Cagi, Délio e Daltro Pinto.

Também jogaram Olinto, Ribas, Nenê, Alberi, Celso, Aderbal, Luiz Sachetti, Marquetti, Biguá e Itamar.

1960- Paulinho (Cavalheiro), Padilha (Valentim), Godinho (Hugo) e Jacy; Prinche (Roni) e branco; Gonzales (Paulista), Sariba, Tuta, Délio e Leitão (Adilson).

Também jogaram Bruno Palma, Olinto, Orlando Climaco, Alberi, De Carli, Cagi, Dino, Daltro Pinto, Cláudio e Bem-Hur.

1961- Cavalheiro (Nadir), Chita (Bem- Hur), Amâncio, Daizon Pontes e Maneca (Jacy); Branco (Valentim) e Sariba; moreninho (Paulista), Tuta, Montezzana e Banana (Noiran).

Também jogaram Nando, Armando Rebechi, Délio, Godinho, Prinche, Adilson, Tião, Getúlio, Ralf, Nelson, Santos, Valdir, Puskas, Wilmar, Gilceu, Caneco e Lara.

1962- Cavalheiro (Nadir), Vadecão, Amâncio, Branco e Maneca; Boneval e Sariba; Meca, Armando Rebechi, Montezzana e Banana.

Também jogaram Chita, Moreninho, Hugo Loss, Noiran, Hermes e Santarém.

1963- Nadir (Lara), Orestes (Chico), Amâncio, Maneca (Branco) e Vadecão; Wilson Moraes (Onilto) e Délcio; Meca, sariba, Montezana (Moreninho) e Raul (Calé).

1964- Nadir, Vadecão (Machado), Amâncio, Altino (Branco) e Maneca (Alvin); Wilson Moraes (Perácio) e Santarém (Leitão); Meca, Olavo (Moreninho), Montezzana (J. Rodrigues) e Raul (Camargo).

1965- Nadir (Carbajal), Machado (Alvin), Amâncio, Daizon Pontes (Vadecão) e Maneca; Adair e Gitinha (Mário); Meca (moreninho), Tuta (Olavo), Raul Matté (Joãozinho) e Newton Queiroz (Antoninho).

1966- Nadir (Carbajal), Machado (Bira), Amâncio, Daizon Pontes e Maneca; Honorato e Gitinha; Meca, Artur (Olavo), Raul Matté (Odilon) e Antoninho (Newton Queiroz).

1967- Nadir (Gigante), Machado (Bira), Geraldo (Amâncio), Daizon Pontes e Maneca (Jamir); Honorato (Adair) e Roberto (Wilson); Meca, Raul Matté (Artur), Bebeto (Amarelo) e Antoninho (Liminha).

Também jogaram Pingo, Wilson Morais, Marino e Enio Chaves.

1968 - Nadir (Armando), Machado (Bira), Geraldo (João Pontes), Daizon Pontes e Jamir (Maneca); Flávio (Honorato) e Roberto (Zangão); Meca, Raul Matté, Bebeto e Adilson (Wilson).

Também jogaram Gilberto, Sapinho, Ernesto Guedes e Serginho.

1969 - Nadir (Antoninho), Luiz Antônio (Adilson), João Pontes, Daizon Pontes e Jamir (Maneca); Flávio (Honorato) e Zangão (índio); Meca, Raul Matté, Bebeto (Marciano) e Ramiro (Serginho).

1970 - Nadir (Teimo), Adilson (Gonçalves), João Pontes (Paulo Fraga), Daizon Pontes (Hércio) e Luiz Carlos (Ivan); Raul Matté e Zangão; Meca (Leivinha), Olavo, Rubens (Carmo) e Canhoto (Serginho).

Também jogaram Voldo, Pinduca, Juarez, Mujica e Ademir.

1971 - Cavalheiro (Carlos Alberto), João Pontes (Ivan), Oswaldo (Mário Tito), Daizon Pontes e Luiz Carlos; Raul Matté e Olavo (Roberto); Tadeu Bauru (Leivinha), Luiz Freire (Escurinho), Cid (Carmo) e Antoninho (Serginho).

1972 - Carlos Alberto (Cavalheiro), Gringo (Bira), Oswaldo (Adilson), Daizon Pontes (Mário Tito) e Luiz Carlos; Raul Matté (Zé Augusto) e Roberto (Olavo); Tadeu Bauru (Leivinha), Luiz Freire, Bebeto (Cid) e Ariovaldo (Juarez).

Também jogaram Nelson, Ivan, Moury, Júlio César, Santarém, Serginho e Cafuringa.

1973 - Carlos Alberto (Cavalheiro), Gringo, João Pontes (Lívio), Daizon Pontes (Raul Santos) e Luiz Canos; Raul Matté (Zé Augusto) e Paraná (Getúlio); Leivinha (Mosquito), Luiz Freire, Bebeto e Serginho (Jurandir).

Também jogaram Miro, Caio, Herbert, Dilso, Oswaldo, João Ribeiro, Telo, Leio Menegaz e Luís Fernando

1974 - Carlos Alberto (Nadir), Joubert (Gringo), João Pontes (Lívio), Daizon Pontes e Zé Augusto; Paraná (Eduardo) e Roberto; Leivinha (Mosquito), Evonir, Bebeto e Serginho

Também jogaram Miro, Raul Santos, Luís Fernando, Telo, Lelo, Menegaz, Amarante, Leopoldo, Eder, Luiz Carlos e Jair.

1975 - Ricardo (Nadir Flores), Gringo (Lívio), Mário Tito (João Pontes). Antônio Carlos e Cláudio (Pingo); Jair (Timina). Paraná e Roberto, Mosquito (Serginho), Pedro e Bebeto (Kita).

Também jogaram Nadir Smaniotto. Jorge Gluitz, Miro. Carliinhos Sete Léguas. Eduardo, Ferreiro e Leio Menegaz.

1976 - Ronaldo (Ricardo), Betinho (Foguinho), Mário Tito, Gringo (Brito) e Cláudio (Maurílio); Jair, Roberto (Vânio) e Serginho; Mosquito (Batista), Pedro (Marcos) o Bebeto.

Também jogaram Nadir Flores. Marianinho, Marquinhos, Egon e Zé Luiz.

1977 - Ronaldo (Ricardo), Di, Mário Tito (Wilmar), Brito e Cláudio (Maurílio); Jair (Paulo Ferro), Vânio e Marcos (Paraná); Mosquito (Téio), Juarez (Antoninho Smaniotto) e Serginho (Luiz Alberto).

Também jogaram Egon, Roberto, Marquinhos, Batista, Zé Carlos, Pavão, Silomar, Sérgio Pontes, Jorge, Sérgio Ronaldo, César, Tarcísio, Edson Luiz e Lambari.

1978 - Ronaldo (Paulo Balbinotti), Moro, Mujica (Luizão), Brito (Cláudio) e Maurílio; Jair (Laerte), Roberto (Mica) e Téio (Luiz Fernando); Larry, Marcos e Toninho.

Também jogaram Tarcísio, Mário Tito, Milton e Joscimar.

1979 - Hamilton (Nenê), Jaime Boni (Paulinho), Mário Tito (Luizão), Cláudio (Lívio) e Maurílio; Laerte (Jair), Orlei (Téio) e Roberto; Toninho (Larrv), João Carios (Luiz Fernando) e Mica.

Também jogaram Neneco, Zanela, Tarcísio, Cosme, Paulo Balbinotti, Morça, Antoninho Smaniotto e Tuca.

1980 - Orso (Joelci), Jaime Boni (Sarandi), Luizão (Lívio), Beto Bacamarte e Maurílio; Laerte, Jair e Téio (Roberto); Larry, Bebeto (Luiz Fernando) e Mico (Cro)

Também jogaram Luiz Carlos, Paulo Balbinotti, Paulinho, Tuca, Zonelo. Paulo Montanha. Orlei, Valnil e Loreno

1981 - Orso (Paulinho), Sarandi, Joubert (Ademir), Luizão (Orlando) e Maurílio, Laerte, Jair (Orlei) e Mica (Luizinho); Miquimba (Catarina), Bebeto (Ivan) e Ciro (Téio).

Também jogaram Zequinho, João Carlos, Scortegogna, Flavinho, Vanderlei, Rocha, Rogel e Marauzinho.

1982 - Orso (Paulinho), Sarandi, Joubert (Ademir), Luizão (Orlando) e Maurílio, Jair (Laerte), Luizinho e Mica (Kiko), Guio (Miquimba), Bebeto (Zeca) e Ciro (Paulo Taborda).

Também jogaram Hamilton, Ivan, Catarina, Roberto, Dinho, Nino, Ditão, Darcy, Clovis, Ben-Hur, Bortolon, Marauzinho e Messias.

1983 - O Gaúcho encontrava-se licenciado



1984 - Juarez (Jefferson), Nico (Ben-Hur), Joubertl (Mauro), Carlos Alberto (Jerônimo) e Túlio (Gilban), Bim (Jair), Bebeto e Mica (Orlei), Jurandy, Zeco (Anselmo) e Ciro (Morça).

Também jogaram Tiezerin, Kiko, Tuca, Hamilton, Vasco, Marauzinho, Sérgio Pontes, José, Vacana, Marco Antônio, Osmório, Rovani, Armando, Zé Ricardo, Chuinho e Luiz Carlos.

1985 - Jefferson (Juarez), Serginho (Nico), Joubert (José), Carlos Alberto (Luiz Carlos) e Maurílio (Américo); Sérgio Pontes (Jair), Vinícius (Diogo) e Mico; César (Jair Feitosa), Zeco (Ilo) e Ciro (Cabral).

Também jogaram Ben-Hur. Pisca, Djair, Bebeto, Deco, Armando, Nenê, Larry, Mazaropi, Sassia, Mauro, Douglas, Edson Silva, Luiz Mário, Dunder, Aldo, Valdir e Toco.

1986 - O Gaúcho não disputou Era parte da fusão provisório que deu origem ao E. C. Posso Fundo

1987 - Tiezerin (Vitor), Povão (Amo), Luizão (Joubert), Xavier (Duarte) e Ricardinho (Cocada); Sérgio Pontes (Dudu), Pisca e Deco; Nenê (Flávio), Bira (Rosso) e Edgar (Glênio).

Também jogaram Jair, Adalberto, Gerson Lopes, Marauzinho, Gilmar e Ademir.

1988 e 1989 - O Gaúcho não disputou.

1990 - Oneide, Jackson (Olde), Zeca (Ricardo), Walter e Antônio Carlos (Aírton); Bilo (Matté), Flávio (Ito) e Jobel; Jadil (Tonho), Romário (Tarcísio) e Netinho.

Também jogaram Luiz Freire, Cafuringa, Giba e Gerson.

## **BEBETO, O CANHÃO DA SERRA**

Alberto VilasBoas Reis, é o nome completo de Bebeto, o maior goleador da história do Sport Club Gaúcho e do futebol de Passo Fundo. Bebeto iniciou sua carreira no Grêmio Esportivo Pampeiro, clube amador da cidade de Soledade, em 1963. Em 1966, transferiu-se para o 14 de Julho de Passo Fundo, assinando seu primeiro contrato profissional. Marcou vários gols pelos rubros, tomando-se goleador da segunda divisão. Em agosto de 1967, foi contratado pelo Gaúcho, clube que o consagrou para o futebol. Suas saídas e voltas para o alvi-verde, tornaram-se folclóricas. Diziam que Bebeto somente sentia-se a vontade com a camisa periquita. Entre 68 e 72, jogou no Corinthians Paulista, Internacional, Grêmio, Américo Carioca e Bahia, onde sagrou-se campeão baiano em 1970, sempre intercalando retornos ao Gaúcho. Em 1973, foi o artilheiro máximo do campeonato gaúcho, com 13 gols assinalados, jogando pelo alvi-verde.

Em 1976, após um ano de muitos gols, ao lado do habilidoso Pedro, seu grande companheiro de ataque, o artilheiro, (foi emprestado ao SER Caxias, para disputar o campeonato brasileiro. Na serra Bebeto brilhou como nos bons tempos do Gaúcho. No ano seguinte foi vendido ao Internacional, permanecendo apenas três meses, voltando em definitivo à Caxias do Sul. Até hoje os torcedores grenás, lembram com saudade as atuações do grande centro-avante, o segundo maior goleador da sua história, com 50 gols marcados.

Em 1984, voltou o vestir o manto alvi-verde, levando o clube a conquista do segundo da divisão. Ficou até 1985, quando encerrou sua gloriosa trajetória dentro dos campos de futebol. Iniciou então a carreira de técnico. Treinou o Gaúcho, São Luiz de Ijuí, Internacional de Santa Maria, Guarany de Bagé, Lajeadense, Pelotas. Passo Fundo, Novo Hamburgo, Santa Bárbara, Guarany de Venâncio Aires, Brasil de Farroupilha, Palmeirense, Tubarão, Guarany de Garibaldi, São José de Cachoeira do Sul e Esportivo de Bento Gonçalves.

Poucos fizeram tantos e tão belos gols como Bebeto. Seu chute potente e certeiro lhe valeram o apelido de "canhão da serra". Batia na bola sempre de primeira, de voleio, de sem-pulo, de bate-pronto, não dando a mínima chance de defesa aos goleiros. Muitos gols (foram marcados após dribles e "chapéus" desconcertantes nos zagueiros. O lamentável é que essas obras primas não tenham ficado registradas em imagens, pois seriam obrigatórias em todos os programas esportivos das TVs brasileiras.

Ficaram na memória dos muitos que os viram, e jamais as esquecerão. Aqui, estão relacionados todos os 255 gols marcados por Bebeto, defendendo o Sport Club Gaúcho, seu time de coração.

Ano 1967

Data	Jogo	Gols	Competição
20/08	Gaúcho 2x1 Aimoré	1	Gauchão
10/09	Juventude Cxs 2x1 Gaúcho	1	Gauchão
19/09	Gaúcho 1x0 Rio Grande	1	Gauchão
08/10	Gaúcho 2x0 Pelotas	1	Gauchão
22/10	Gaúcho 1x0 Novo Hamburgo	1	Gauchão
12/11	Brasil de Pelotas 1x2 Gaúcho	1	Gauchão
01/12	Farroupilha 3x1 Gaúcho	1	Gauchão
10/12	Gaúcho 2x0 Riograndense RG	2	Gauchão
17/12	Brasil Vacaria 1x1 Gaúcho	1	Amistoso

Ano 1968

Data	Jogo	Gols	Competição
04/02	Gaúcho 1x0 São José POA	1	Gauchão
07/02	Riograndense RG 1x2 Gaúcho	2	Gauchão

11/02	Gaúcho 2x0 Flamengo de Caxias	2	Gauchão
18/02	Gaúcho 1x0 Rio Grande	1	Gauchão
25/02	Gaúcho 2x2 Grêmio POA	1	Gauchão
07/03	Gaúcho 3x3 Novo Hamburgo	1	Gauchão
24/03	Gaúcho 2x1 Brasil de Pelotas	1	Gauchão
26/03	Rio Grande 4x1 Gaúcho	1	Gauchão
31/03	Gaúcho 1x0 Santa Cruz	1	Gauchão
02/05	Grêmio POA 1x1 Gaúcho	1	Gauchão
21/05	Gaúcho 2x0 Brasil de Pelotas	2	Gauchão
31/06	Ypiranga 4x2 Gaúcho	2	Amistoso
07/07	Juventude de Guaporé 2x6 Gaúcho	4	Amistoso
21/07	Cruzeiro POA 2x2 Gaúcho	1	Gauchão
28/07	Gaúcho 4x2 Pelotas	1	Gauchão

Ano 1969

Data	Jogo	Gols	Competiç ão
26/01	Gaúcho 3x1 Juventude de	1	Gauchão

	Caxias		
02/02	Gaúcho 3x2 São Paulo Rio Grande	3	Gauchão
23/02	Gaúcho 1x2 Internacional POA	1	Gauchão
30/03	Gaúcho 7x1 Santa Cruz	4	Gauchão
13/04	Gaúcho 2x1 Novo Hamburgo	1	Gauchão
03/05	São Paulo RG 2x2 Gaúcho	2	Gauchão
09/05	Cruzeiro POA 1x1 Gaúcho	1	Gauchão
02/11	Gaúcho 1x0 Flamengo de Caxias	1	Amistoso

Ano 1971

Data	Jogo	Gols	Competição
28/11	Ouro Verde (Cor. Bicaco) 1x10 Gaúcho	3	Amistoso
05/12	Esportivo 1x2 Gaúcho	1	Amistoso

Ano 1972

Data	Jogo	Gols	Competição
29/01	Gaúcho 3x1 Tamoio Santo Ângelo	1	Gauchão
06/02	Gaúcho	1	Gauchão



	3x1 14 de Julho P. Fundo		
13/02	Gaúcho 4x3 Ypiranga	2	Gauchão
27/02	Gaúcho 1x1 Esportivo	1	Gauchão
05/03	Tamoio 1x1 Gaúcho	1	Gauchão
12/02	14 de Julho P. Fundo 0x2 Gaúcho	2	Gauchão
19/03	Ypiranga 0x2 Gaúcho	2	Gauchão
09/04	Grêmio POA 3x1 Gaúcho	1	Gauchão
21/05	Esportivo 1x2 Gaúcho	1	Gauchão
04/06	Brasil de Pelotas 1x2 Gaúcho	2	Gauchão
25/06	Gaúcho 1x0 Santa Cruz	1	Gauchão
13/08	Gaúcho 2x1 Riograndense RG	1	C.Gov.
03/09	Guarany de Bagé 2x4 Gaúcho	1	C.Gov.
05/09	Gaúcho 2x1 Internacional S.M.	1	C.Gov.
10/09	Gaúcho 1x1 Pelotas	1	C. Gov.
13/09	Ypiranga 1x2 Gaúcho	1	C. Gov.
17/09	Santa Cruz 2x1 Gaúcho	1	C. Gov.
01/10	Gaúcho 5x2 Fluminense	3	C. Gov.

	Livramento		
04/10	Gaúcho 4x1 Novo Hamburgo	2	C. Gov.
19/11	Gaúcho 3x0 Avenida de Santa Cruz	1	C. Gov.
26/11	Ass. Caxias 2x1 Gaúcho	1	C. Gov.
03/12	Gaúcho 3x3 Grêmio Bagé	2	C. Gov.

Ano 1973

Data	Jogo	Gols	Competição
18/03	Grêmio Bagé 0x1 Gaúcho	1	Gauchão
01/04	Pelotas 1x1 Gaúcho	1	Gauchão
15/04	Internacio nal S.M. 0x2 Gaúcho	2	Gauchão
20/04	Grêmio Panambi 3x4 Gaúcho	3	Amistoso
30/04	Gaúcho 2x0 Aimoré	1	Gauchão
13/05	Gaúcho 1x2 Brasil de Pelotas	1	Gauchão
03/06	Gaúcho 2x2 Pelotas	2	Gauchão
10/06	AESA Santo Ângelo 3x1 Gaúcho	1	Gauchão
01/07	Gaúcho 1x1 Ass. Caxias	1	Gauchão



15/07	Gaúcho 2x2 Grêmio Bagé	1	Gauchão
22/07	Gaúcho 1x0 São José POA	1	Gauchão
05/08	Internacio nal S.M. 1x1 Gaúcho	1	Gauchão
19/08	Juventude Guaporé 1x1 Gaúcho	1	C.GOV.
26/08	Gaúcho 2x1 novo Hamburgo	1	C.GOV.
16/09	Armour Livramento 2x2 Gaúcho	2	C.GOV.
31/09	Gaúcho 3x0 Pelotas	1	C.GOV.
16/10	Gaúcho 8x0 Lajeadense	3	C.GOV.
04/11	Gaúcho 3x0 Atlético Carazinho	1	C.GOV.
18/11	Gaúcho 4x2 Internacional S. M.	2	C.GOV.
16/12	Gaúcho 4x2 Grêmio Bagé	2	C.GOV.

Ano 1974

Data	Jogo	Gols	Competiç ão
17/02	Guarany de Lages 1x3 Gaúcho	2	Amistoso
28/02	Sel. Fred. Westphalen 0x2	2	Amistoso



O Mais Querido da Cidade – Marco Antonio Damian

	Gaúcho		
03/03	Atlântico Erechim 0x4 Gaúcho	2	Amistoso
13/04	Inter Santa maria 1x1 Gaúcho	1	Gauchão
28/04	São Luiz de Ijuí 3x2 Gaúcho	1	Gauchão
26/05	Gaúcho 3x0 Armour de Livramento	1	Gauchão
16/06	Gaúcho 5x0 Pratense	3	Gauchão
30/06	Gaúcho 3x0 Encantado	1	Gauchão
05/08	Esportivo B. Gonçalves 3x1 Gaúcho	1	Gauchão
25/08	Gaúcho 2x2 Santa Cruz	1	Gauchão
08/09	Gaúcho 1x0 Inter de Santa Maria	1	Gauchão
13/10	Gaúcho 2x0 Encantado	2	Gauchão
27/10	Gaúcho 2x3 Ypiranga Erechim	1	Gauchão
24/11	Gaúcho 2x0 Esportivo B. Gonçalves	1	Gauchão
08/12	S .Miguel de 'Oeste 0x3 gaúcho	2	Amistoso

Ano 1975

Data	Jogo	Gols	Competiç
------	------	------	----------

			ão
16/02	Gaúcho 4x1 Elite Santo Ângelo	2	Gauchão
02/03	Gaúcho 2x1 AESA Santo Ângelo	2	Gauchão
09/03	Guaiacurú s Concórdia 0x6 Gaúcho	2	Amistoso
16/03	Inter S. M. 4x2 Gaúcho	1	Gauchão
30/03	Gaúcho 6x1 Tupy Crissiumal	3	Gauchão
20/04	Gaúcho 2x1 Inter S. M.	1	Gauchão
27/04	Gaúcho 2x1 Novo Hamburgo	2	Gauchão
01/05	Gaúcho 2x1 São Paulo RG	1	Gauchão
18/05	Gaúcho 2x1 Santa Cruz	1	Gauchão
21/05	Guarany de Bagé 0x1 Gaúcho	1	Gauchão
30/05	Sel. Tapejara 1x6 Gaúcho	1	Amistoso
01/06	Gaúcho 2x1 Lajeadense	1	Gauchão
08/06	Rio Grande 1x2 Gaúcho	2	Gauchão
18/06	Gaúcho 1x1 AESA Santo Ângelo	1	Gauchão
30/06	Gaúcho	1	Gauchão

	1x3 Inter POA		
05/07	Riograndense RG 2x1 Gaúcho	1	Gauchão
13/07	Cachoeira 2x1 Gaúcho	1	Gauchão
27/07	Pampeiro Soledade 1x4 Gaúcho	3	Amistoso
03/08	Minuano Campo Novo 1x5 gaúcho	1	Amistoso
14/08	Gaúcho 6x0 Taguá	3	C. GOV.
05/10	Guarani Espumoso 1x2 Gaúcho	1	C. GOV.
12/10	Gaúcho 3x1 Ypiranga	1	C. GOV.
19/10	Taguá 0x5 Gaúcho	2	C. GOV.
02/11	Internacional SB 2x2 Gaúcho	1	C. GOV.
09/11	Gaúcho 2x0 Internacional SB	1	C. GOV.
16/11	Gaúcho 1x0 Atlético de Carazinho	1	C.GOV.

Ano 1976

Data	Jogo	Gols	Competição
01/02	Gaúcho 4x0 Pratense	2	Amistoso
06/02	Gaúcho 7x2 Tupy Crissiumal	4	Gauchão

26/02	Gaúcho 7x0 santa Rosa	4	Gauchão
18/04	Riogrande nse RG 2x2 Gaúcho	1	Gauchão
25/04	Gaúcho 2x2 Grêmio Bagé	1	Gauchão
23/05	Gaúcho 4x2 santa Cruz	1	Gauchão
30/05	Gaúcho 1x2 Esportivo	1	Gauchão
06/06	Ferro Carril 0x3 Gaúcho	1	Gauchão
13/06	Gaúcho 2x1 Inter SB	2	Gauchão
20/06	Inter SM 2x2 Gaúcho	1	Gauchão
27/06	Gaúcho 2x3 Grêmio POA	1	Gauchão
11/07	Gaúcho 1x3 Atlético carazinho	1	Gauchão
18/07	Gaúcho 4x1 Estrela	1	Gauchão
15/08	Gaúcho 5x0 Sel. Interior P. Fundo	3	Amistoso
29/08	Grêmio Marau 1x4 Gaúcho	3	Amistoso

Ano 1980

Data	Jogo	Gols	Competição
30/03	Gaúcho 2x2 Inter SM	1	Gauchão
09/04	Gaúcho 3x1 estrela	1	Gauchão

20/04	Gaúcho 5x0 14 de Livramento	1	Gauchão
23/04	Gaúcho 3x1 São Borja	1	Gauchão
27/04	Avenida 3x6 Gaúcho	4	Gauchão
07/05	Gaúcho 2x1 Farrroupilha Pelotas	2	Gauchão
22/05	Inter SM 1x1 Gaúcho	1	Gauchão
25/05	Gaúcho 2x2 Pelotas	2	Gauchão
15/06	Gaúcho 4x0 14 de Livramento	1	Gauchão
13/07	Gaúcho 1x4 Grêmio POA	1	Gauchão
19/07	Esportivo 2x1 Gaúcho	1	Gauchão
07/08	Gaúcho 3x1 Lajeadense	3	Gauchão
24/08	Gaúcho 3x0 Grêmio Bagé	1	Gauchão
07/09	Lajeadens e 4x2 Gaúcho	1	Gauchão
12/10	Gaúcho 1x0 Pelotas	1	Gauchão
19/10	Guarany Bagé 3x3 Gaúcho	3	Gauchão

Ano 1981

Data	Jogo	Gols	Competição
24/02	Esportivo 1x1 Gaúcho	1	Amistoso



02/03	Inter SM 5x2 Gaúcho	1	Amistoso
16/03	Pampeiro Soledade 0x1 Gaúcho	1	Amistoso
29/03	Glória Vacaria 0x1 Gaúcho	1	Segundona

Ano 1982

Data	Jogo	Gols	Competição
09/05	Gaúcho 2x2 Ypiranga	2	Amistoso
18/05	Gaúcho 5x0 Avenida	2	Segundona
18/08	Lajeadense e 1x3 Gaúcho	1	Segundona
29/08	Ypiranga 0x1 Gaúcho	1	Segundona
19/09	Pradense 0x2 Gaúcho	1	Segundona
22/09	Igrejinha 1x5 Gaúcho	2	Segundona
26/09	Gaúcho 2x1 Ypiranga	1	Segundona
03/10	Gaúcho 3x1 Lajeadense	1	Segundona
14/10	Gaúcho 2x2 Grêmio Bagé	1	Segundona

Ano 1984

Data	Jogo	Gols	Competição
13/05	Gaúcho	1	Segundona

	5x0 Atlético Carazinho		a
27/05	Gaúcho 1x1 14 de Passo Fundo	1	Segundona
03/06	Taguá 0x2 Gaúcho	1	Segundona
10/06	Santa Bárbara 0x2 Gaúcho	1	Segundona
16/06	Gaúcho 5x0 Ypiranga	2	Segundona
12/08	Gaúcho 2x0 Atlético Carazinho	1	Segundona
02/09	Cruzeiro Santiago 1x3 Gaúcho	1	Segundona
16/09	Gaúcho 3x1 São Gabriel	2	Segundona
30/09	Atlético Carazinho 0x1 Gaúcho	1	Segundona
21/10	Estrela 0x1 Gaúcho	1	Segundona
04/11	Gaúcho 2x0 Pratense	1	Segundona
07/11	Gaúcho 2x0 São José POA	2	Segundona
02/12	Gaúcho 2x0 14 de Livramento	1	Segundona
10/12	Gaúcho 1x0 14 de Passo Fundo	1	Segundona

Ano 1985

Data	Jogo	Gols	Competiç ão
27/10	Floresta Carazinho 0x3 Gaúcho	1	Amistoso



## **FONTES DE CONSULTA**

Michielin, Francisco- Assim na terra como no céu, Sagra- DC Luzzatto Editores, Porto Alegre, 1994.

Dienstmann, Claudio- Campeonato Gaúcho, 68 anos de História, Editora Sulina, Porto Alegre, 1987.

Noronha, Nico e Coimbra, David- A História dos Grenais, Artes e Ofícios Editora, Porto Alegre, 1994.

Damian, Marco Antonio- Futebol de Passo Fundo, Contribuição à sua História, Gráfica e Editora Pe. Berthier, Passo Fundo, 1997.

## **PESQUISAS**

Arquivo Histórico regional da UPF

Arquivo do Jornal O Nacional, 1925 a 1999

Arquivo do Jornal Diário da Manhã, 1935 a 1999

Arquivo de Documentos do Sport Club Gaúcho

Arquivo da Federação Gaúcha de Futebol

Arquivo da Liga Passo- Fundense de Futebol







Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



A paixão por um clube se mede pelo sacrifício de seus torcedores. E neste quesito o Sport Club Gaúcho é insuperável. Está para Passo Fundo, como o Corinthians está para São Paulo. Desde os tempos do para-peito da Vergueiro, onde a família De Felippo, com facção em punho, intimidava os adversários, passando pelas Legendárias Gauchas, torcida feminina, e suas sombrinhas de poder letal, até a turma do alambrado, na Montanha, que abdicavam de assistir o jogo para anular o infeliz bandeirinha, que ousasse a cometer algum equívoco contra o alvi-verde.

Qual torcedor periquito, que não se emociona ao lembrar, aquela mística camisa verde e branca entrando em campo? E os clássicos, que invariavelmente terminavam em sururu? Do frio de rachar do Boqueirão? Do Estádio da Montanha, que na realidade era uma área de lazer, onde encontravam-se amigos, e até churrasco saía, debaixo do pavilhão novo? Dos belíssimos gols de Bebeto, o nosso maior orgulho? E das viagens à Carazinho ou Erechim, em que sempre haviam brigas, e normalmente apanhávamos?

O melhor é que este Gaúcho está voltando. A nação alvi-verde está sorrindo pelas ruas de Passo Fundo, e o Estádio Wolmar Salton, voltará a lotar, seja qual for o adversário. Pois enquanto houver futebol existirá o Gaúcho de Passo Fundo.



**Domínio Público**  
Biblioteca digital desenvolvida pelo CPFL/RS/RS

